

Renata Jacques Batista

**A ÊNFASE NA LOCUÇÃO DO REPÓRTER DE
TELEJORNAL**

Belo Horizonte

Faculdade de Letras - UFMG

2007

Renata Jacques Batista

A ÊNFASE NA LOCUÇÃO DO REPÓRTER DE TELEJORNAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Área de Concentração: Estudos Lingüísticos

Linha de Pesquisa: D - Estrutura Sonora da Linguagem

Orientador: Prof. Dr. César Augusto da Conceição Reis

Universidade Federal de Minas Gerais

Co-orientador: Profa. Dra. Ana Cristina Cortes Gama

Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte

Faculdade de Letras - UFMG

2007

A minha mãe, pelo exemplo.

A Luana, para que essa conquista
seja também um exemplo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, força que me ampara e me impulsiona em todos os momentos.

A minha querida mãe, meu maior exemplo de vida, pelo amor imenso, por todos os sacrifícios e pela dedicação incansável. Obrigada por sempre me fazer seguir em frente.

Ao Alexandre, meu grande amor, pelo apoio, pela amizade e principalmente pela paciência. Foram momentos difíceis, mas o importante é que vencemos, juntos, mais uma etapa.

A Luana, luz da minha vida. Obrigada por despertar em mim esse amor imenso, que me torna mais forte, que me dá vida e me faz sentir a mais realizada das mulheres. Apesar das ausências, muitas vezes tão dolorosas, foi por você que fui até o fim. Te amo!

Ao meu orientador, Prof. Dr. César Reis, por tudo o que me ensinou, pela confiança em mim depositada e, principalmente, pela paciência nessa difícil jornada.

A minha co-orientadora, Profa. Dra. Ana Cristina Cortes Gama, meu maior exemplo profissional, a quem credito todas as minhas conquistas. Obrigada pela amizade, pela confiança e por tudo o que fez e faz por mim.

A Berenice Paulino, professora e amiga, por me acompanhar desde o início dessa jornada. Obrigada por toda a ajuda, sem a qual esse trabalho não seria possível.

Aos professores Thais Cristóvão Silva, José Olímpio Magalhães e Rui Rothe Neves pela valiosa colaboração.

A querida amiga Patrícia Salles, pela grande ajuda no início da minha vida acadêmica

A amiga Letícia Caldas, por me auxiliar na gravação dos dados.

A minha família, em especial a vovó Yedda, aos tios Rubens e Teresa e as minhas “irmãs” Carolina, Cristiane, Luísa e Andréia; que sempre me apoiaram.

A minha querida sogra Maria do Carmo, pessoa tão especial em minha vida, e aos meus cunhados Flávio e Sérgio, pelo carinho e por toda a ajuda.

Ao “Dado”, pela grande ajuda num momento tão crucial, sem a qual esse projeto talvez não estivesse sendo realizado.

A Ló, ao Afonso e aos meus irmãos Fernanda e Daniel, pelo amor, e a Bruna, pela amizade e pela grande ajuda nesse trabalho.

Aos amigos Juliana e Guilherme por me apoiarem em todos os momentos, dividindo comigo minhas angústias e alegrias.

As minhas queridas amigas Cíntia e Bia, anjos que Deus colocou em minha vida.

As amigas Ana Cristina, Bárbara, Leila, Karla, Silvia e Jussara, pelo carinho, paciência e apoio profissional.

Aos amigos do laboratório de Fonética: Luciana Mendonça, Luciana Lemos, Lidiane, Bernadete, Daniela, Camila, Larissa, Adriana, Leandra, Érica, Isabel, Kátia, Rubens e Cândido; por tantos momentos compartilhados.

A equipe do Centro de Diagnóstico Otorrinolaringológico e do Otorrino Center, pelo apoio constante.

A todos aqueles que dividiram comigo a conquista desse sonho, muito obrigada.

SUMÁRIO

SUMÁRIO.....	5
LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	9
LISTA DE TABELAS.....	12
LISTA DE ABREVIATURAS.....	17
RESUMO.....	18
INTRODUÇÃO.....	19
CAPÍTULO 1 – Telejornalismo	27
1.1 – Histórico do telejornalismo.....	27
1.2 – A organização do texto noticioso.....	29
1.2.1 – Escrita x Oralidade	32
1.2.1 – A locução telejornalística e a prosódia	36
CAPÍTULO 2 – Prosódia	42
2.1 – Definição de prosódia.....	44
2.2 – A Prosódia e a atribuição de significados.....	50
2.3 – Ritmo e entonação - A teoria de Halliday.....	52
2.4 – Considerações sobre a sílaba.....	54
2.5 – Parâmetros de análise.....	56
2.5.1 – Parâmetros acústicos.....	57
2.5.1.1 – Frequência fundamental.....	57
2.5.1.2 – Intensidade.....	59
2.5.1.3 – Duração.....	60
CAPÍTULO 3 – A ênfase	62

3.1 – A ênfase na linguagem	62
3.2 – A ênfase prosódica	63
3.2.1 – A tonicidade	66
3.2.2 – Definindo a proeminência acentual	68
3.3 – A realização prosódica da manifestação acentual	81
3.3.1 – A realização prosódica da manifestação acentual no processo de locução telejornalística	88
3.3.2 – A realização prosódica da manifestação acentual no processo de enunciação de outros <i>profissionais da voz</i>	94
CAPÍTULO 4 – Metodologia	97
4.1 – Informantes.....	97
4.2 – <i>Corpus</i>	99
4.3 – Coleta de dados.....	99
4.4 – Seleção do <i>corpus</i> de análise	100
4.4.1 – Identificação de ocorrências de ênfase	101
4.4.1.1 – Parte 1 – Juízes fonoaudiólogos	101
4.4.1.2 – Parte 2 – Juízes estudantes	102
4.4.2 – Identificação das sílabas tônicas rítmicas	104
4.4.3 – Identificação dos grupos tonais e das sílabas tônicas salientes	105
4.4.3.1 – Parte 1	105
4.4.3.2 – Parte 2	105
4.5 – Análise prosódica	109
4.5.1 – Divisão silábica	110
4.5.2 – Parâmetros analisados	111
4.5.2.1 – Intensidade	111

4.5.2.2 – Intervalo melódico	111
4.5.2.3 – Contorno melódico	112
4.5.2.4 – Valores inicial e final de F0	112
4.5.2.5– Duração	112
4.6 – Análise estatística	114
CAPÍTULO 5 – Resultados e discussão	117
5.1 – Análise acústica	118
5.1.1 – Intensidade	118
5.1.2 – Frequência fundamental	122
5.1.2.1 – Contorno melódico	122
5.1.2.2 – Intervalo melódico	126
5.1.2.3– Valores iniciais e finais de F0 nos diferentes contornos melódicos.....	130
5.1.2.3.1 – Valores iniciais de F0	130
5.1.2.3.2 – Valores finais de F0	133
5.1.3 – Duração	136
5.1.3.1 – Duração global da sílaba	136
5.1.3.2 – Duração global da vogal	139
5.1.3.3 – Duração da sílaba agrupada por estrutura silábica	141
5.1.3.4 – Duração da vogal agrupada por estrutura vocálica	151
5.2 – Análises complementares – Testes de percepção	156
5.2.1 – Concordância na identificação das ênfases entre os juízes fonoaudiólogos e os juízes estudantes	156
5.2.2 – Concordância na identificação das sílabas salientes entre os avaliadores experientes e os pouco experientes	159

	8
5.2.3 – Identificação da ênfase	161
5.3 – Observações finais	165
CAPÍTULO 6 – Conclusões	168
REFERÊNCIAS	170

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Tela do programa <i>Praat</i>	109
GRÁFICO 1 – Média e intervalo de confiança dos valores dos picos de intensidade (em dB) em cada proeminência estudada: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS)	119
GRÁFICO 2 – Porcentagem de ocorrência de cada contorno melódico (0-nivelado, 1-ascendente, 2-descendente) na sílaba tônica enfática (TE)	123
GRÁFICO 3 – Porcentagem de ocorrência de cada contorno melódico (0-nivelado, 1-ascendente, 2-descendente) na sílaba tônica rítmica (TR)	124
GRÁFICO 4 – Porcentagem de ocorrência de cada contorno melódico (0-nivelado, 1-ascendente, 2-descendente) na sílaba tônica saliente (TS)	125
GRÁFICO 5 – Gráfico de ação dos valores padronizados dos intervalos melódicos no contorno melódico ascendente (1) em cada proeminência estudada: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS)	127
GRÁFICO 6 – Gráfico de ação dos valores padronizados dos intervalos melódicos no contorno melódico descendente (2) em cada proeminência estudada: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS)	129
GRÁFICO 7 – Média e intervalo de confiança dos valores da duração silábica global em cada proeminência estudada: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).....	138
GRÁFICO 8 – Média e intervalo de confiança dos valores da duração vocálica global em cada proeminência estudada: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).....	140
GRÁFICO 9 – Média e intervalo de confiança dos valores da duração da estrutura silábica 1 (CV) em cada	

proeminência estudada: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).....	143
GRÁFICO 10 – Média e intervalo de confiança dos valores da duração da estrutura silábica 3 (CVV) em cada proeminência estudada: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).....	144
GRÁFICO 11 – Média e intervalo de confiança dos valores da duração da estrutura silábica 4 (CCV) em cada proeminência estudada: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).....	145
GRÁFICO 12 – Média e intervalo de confiança dos valores da duração da estrutura silábica 5 (CVVC) em cada proeminência estudada: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).....	146
GRÁFICO 13 – Média e intervalo de confiança dos valores da duração da estrutura silábica 6 (CVC) em cada proeminência estudada: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS)	147
GRÁFICO 14 – Média e intervalo de confiança dos valores da duração da estrutura silábica 7 (V) em cada proeminência estudada: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).....	148
GRÁFICO 15 – Média e intervalo de confiança dos valores da duração da estrutura silábica 8 (CCVV) em cada proeminência estudada: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).....	149
GRÁFICO 16 – Média e intervalo de confiança dos valores da duração da estrutura vocálica 1(V) em cada proeminência estudada: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).....	152
GRÁFICO 17 – Média e intervalo de confiança dos valores da duração da estrutura vocálica 2 (V) em cada proeminência estudada: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).....	153
GRÁFICO 18 – Interação entre as proporções estimadas, os limites inferiores de confiança (LIC), os limites	

superiores de confiança (LSC) e a proporção de 100% de igualdade da concordância na identificação das ênfases entre os juízes peritos e os leigos em cada *off* analisado 157

GRÁFICO 19 – Interação entre a proporção estimada, o limite inferior de confiança (LIC), o limite superior de confiança (LSC) e a proporção de 100% de igualdade da concordância na identificação das sílabas salientes entre os avaliadores muito experientes e os pouco experientes 160

GRÁFICO 20 – Porcentagem de ocorrência de cada trecho enfático identificado pelo juiz fonoaudiólogo 1..... 162

GRÁFICO 21 – Porcentagem de ocorrência de cada trecho enfático identificado pelo juiz fonoaudiólogo 2..... 163

GRÁFICO 22 – Porcentagem de ocorrência de cada trecho enfático identificado pelo juiz fonoaudiólogo 3..... 163

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Número de ocorrências (N), média, desvio padrão (DP), valor mínimo e valor máximo do pico de intensidade (em dB NPS) de cada proeminência analisada: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS)	118
TABELA 2 – Significância (p-valor), através da aplicação do teste-t, dos valores de intensidade em cada proeminência: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).....	119
TABELA 3 – Significância (p-valor), através da aplicação do teste-t, do tipo de contorno melódico (0-nivelado, 1-ascendente, 2-descendente) com maior incidência na sílaba tônica enfática	123
TABELA 4 – Significância (p-valor), através da aplicação do teste-t, do tipo de contorno melódico (0-nivelado, 1-ascendente, 2-descendente) com maior incidência na sílaba tônica rítmica	124
TABELA 5 – Significância (p-valor), através da aplicação do teste-t, do tipo de contorno melódico (0-nivelado, 1-ascendente, 2-descendente) com maior incidência na sílaba tônica saliente	125
TABELA 6– Número de ocorrências (N), média (em Hz) e desvio padrão (DP), do intervalo melódico do contorno melódico ascendente (1) de cada proeminência analisada: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS)	126
TABELA 7 – Significância (p-valor), através da aplicação do teste-t, dos valores dos intervalos melódicos do contorno melódico ascendente (1) em cada proeminência: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS)	127
TABELA 8 – Número de ocorrências (N), média (em Hz) e desvio padrão (DP), do intervalo melódico do contorno melódico descendente (2) de cada proeminência: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica	

	13
saliente (TS)	129
TABELA 9 – Significância (p-valor), através da aplicação do teste-t, dos valores dos intervalos melódicos do contorno melódico descendente (2) em cada proeminência: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS)	129
TABELA 10 – Número de ocorrências (N), média (em Hz) e desvio padrão (DP), do valor inicial de F0 do contorno melódico nivelado (0) de cada proeminência: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS)	131
TABELA 11 – Significância (p-valor), através da aplicação do teste-t, dos valores iniciais de F0 do contorno melódico nivelado (0) em cada proeminência: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS)	131
TABELA 12 – Número de ocorrências (N), média e desvio padrão (DP), do valor inicial de F0 (em Hz) do contorno melódico ascendente (1) de cada proeminência: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS)	132
TABELA 13 – Significância (p-valor), através da aplicação do teste-t, dos valores iniciais de F0 do contorno melódico ascendente (1) em cada proeminência: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS)	132
TABELA 14 – Número de ocorrências (N), média e desvio padrão (DP), do valor inicial de F0 (em Hz) do contorno melódico descendente (2) de cada proeminência: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS)	132
TABELA 15 – Significância (p-valor), através da aplicação do teste-t, dos valores iniciais de F0 do contorno melódico descendente (2) em cada proeminência: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS)	133
TABELA 16 – Número de ocorrências (N), média e desvio padrão (DP), do valor final de F0 (em Hz) do contorno melódico nivelado (0) de cada proeminência : tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS)	133
TABELA 17 – Significância (p-valor), através da aplicação do teste-t, dos valores finais de F0 do contorno	

melódico nivelado (0) em cada proeminência: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS)	134
TABELA 18 – Número de ocorrências (N), média e desvio padrão (DP), do valor inicial de F0 (em Hz) do contorno melódico ascendente (1) de cada proeminência: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS)	134
TABELA 19 – Significância (p-valor), através da aplicação do teste-t, dos valores finais de F0 do contorno melódico ascendente (1) em cada proeminência: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS)	134
TABELA 20 – Número de ocorrências (N), média e desvio padrão (DP), do valor inicial de F0 (em Hz) do contorno melódico descendente (2) de cada proeminência: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS)	135
TABELA 21 – Significância (p-valor), através da aplicação do teste-t, dos valores finais de F0 do contorno melódico descendente (2) em cada proeminência: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS)	135
TABELA 22 – Número de ocorrências (N), média (em ms) e desvio padrão (DP) da duração silábica global em cada proeminência estudada: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).....	137
TABELA 23 – Significância (p-valor), através da aplicação do teste-t, dos valores da duração silábica global em cada proeminência: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).....	138
TABELA 24 – Número de ocorrências (N), média (em ms) e desvio padrão (DP) da duração vocálica global em cada proeminência estudada: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).....	140
TABELA 25 – Significância (p-valor), através da aplicação do teste-t, dos valores da duração vocálica global em cada proeminência: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).....	140

TABELA 26 – Número de ocorrências (N), média (em ms) e desvio padrão (DP) da duração de cada estrutura silábica (ES – 1 a 12) em cada proeminência estudada: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS)	142
TABELA 27 – Significância (p-valor), através da aplicação do teste-t, dos valores da duração da estrutura silábica 1 (CV) em cada proeminência: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).....	143
TABELA 28 – Significância (p-valor), através da aplicação do teste-t, dos valores da duração da estrutura silábica 3 (CVV) em cada proeminência: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).....	145
TABELA 29 – Significância (p-valor), através da aplicação do teste-t, dos valores da duração da estrutura silábica 4 (CCV) em cada proeminência: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).....	146
TABELA 30 – Significância (p-valor), através da aplicação do teste-t, dos valores da duração da estrutura silábica 5 (CVVC) nas sílabas tônica enfática (TE) e tônica saliente (TS).....	147
TABELA 31 – Significância (p-valor), através da aplicação do teste-t, dos valores da duração da estrutura silábica 6 (CVC) em cada proeminência: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).....	148
TABELA 32 – Significância (p-valor), através da aplicação do teste-t, dos valores da duração da estrutura silábica 7 (V) em cada proeminência: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).....	149
TABELA 33 – Média, desvio padrão (DP) e número de ocorrências (N) da duração em milissegundos de cada estrutura vocálica (EV – 1 e 2) em cada proeminência estudada: Ênfase (TE), Tônica Rítmica (TR) e Tônica Saliente (TS)	151

TABELA 34 – Significância (p-valor), através da aplicação do teste-t, dos valores da duração da estrutura vocálica 1 (V) em cada proeminência: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).....	152
TABELA 35 – Significância (p-valor), através da aplicação do teste-t, dos valores da duração da estrutura vocálica 2 (V) em cada proeminência: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).....	153
TABELA 36 – Proporção, com o limite inferior de confiança (LIC) e limite superior de confiança (LSC), da concordância na identificação das ênfases entre os juízes fonoaudiólogos e os estudantes de cada <i>off</i> analisado	156
TABELA 37 – Proporção, com o limite inferior de confiança (LIC) e limite superior de confiança (LSC), da concordância na identificação das sílabas salientes entre os avaliadores muito experientes e os pouco experientes	159

LISTA DE ABREVIATURAS

GT	Grupo Tonal
F0	Frequência fundamental
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
Hz	Hertz
ms	milissegundos
TE	Tônica enfática
TR	Tônica rítmica
TS	Tônica saliente
ES	Estrutura silábica
EV	Estrutura vocálica

RESUMO

Este trabalho teve como proposta analisar a organização prosódica da ênfase através de alguns parâmetros prosódicos – duração, frequência fundamental e intensidade – na locução de repórteres de telejornalismo. A finalidade desta pesquisa foi uma melhor compreensão do mecanismo de atribuição de ênfases nessa situação específica de enunciação contribuindo, assim, para um entendimento mais aprofundado de alguns mecanismos envolvidos na produção da locução telejornalística.

O *corpus* foi constituído de gravações em tempo real de seis *offs* de notícias factuais, narrados por repórteres, que foram transmitidos no telejornal selecionado. A análise das sílabas enfáticas contidas nesses textos foi contraposta à de duas outras proeminências – a sílaba tônica saliente e a sílaba tônica rítmica. Para essa análise, utilizou-se o programa *Praat* de análise prosódica, versão 4.3.29. Por meio desse programa, foram obtidos os dados quantitativos relevantes para análise, ou seja, a duração, intensidade, o contorno melódico, o intervalo melódico e o valor de F0 inicial de final de todas as proeminências em estudo – enfáticas, tônicas rítmicas e tônicas salientes.

Os resultados mostraram que a ênfase prosódica na locução do repórter de telejornalismo possui características prosódicas específicas principalmente em relação aos aspectos melódicos – maior amplitude do intervalo melódico em contornos melódicos ascendentes e um emprego de valores iniciais e finais de F0 mais altos. A duração silábica também se revelou um parâmetro importante para a marcação das ênfases. Já o tipo de contorno melódico, a duração vocálica e a intensidade não se mostraram um correlato acústico significativo.

INTRODUÇÃO

A televisão, embora não tenha suprimido a influência do rádio e nem superado a da internet, é atualmente um dos veículos de comunicação mais influentes, atingindo milhões de pessoas no mundo e sendo uma das principais responsáveis pela informação e entretenimento dos cidadãos (LOPEZ, 2004).

Tendo em vista o seu alcance e a sua importância, a busca por uma melhor capacitação por parte dos profissionais que trabalham nesta área é cada vez maior. Vários são os profissionais envolvidos na produção da programação de uma emissora de televisão, mas o enfoque deste estudo visa um grupo específico – os repórteres de telejornalismo – cuja função é elaborar a matéria telejornalística junto com uma equipe de externa (repórter cinematográfico e auxiliar) e narrá-la, correlacionando texto e imagem ⁽¹⁾. A escolha é justificada uma vez que, no meio fonoaudiológico, eles são considerados “profissionais da voz”.

O profissional da voz é definido como aquele que depende da comunicação oral – utilizando a voz de maneira contínua – para exercer sua atividade profissional como, por exemplo, atores, radialistas, repórteres, professores, cantores, entre outros (MITCHELL, 1994; SATALOFF, et al.1994). O processo comunicativo oral, definido por Crystal (1969), envolve os aspectos articulatórios, acústicos e perceptivos, sendo um complexo processo interativo.

¹ VARGAS, H. *Manual de Redação – Reportagem*.

Disponível em: <http://jornal.metodista.br/tele/manual/reportagem.htm>, acesso em 14/05/06.

Cassol (2002) afirma que o repórter de telejornalismo “tem na voz seu principal instrumento de trabalho, sem a qual a atuação fica completamente inviabilizada”. Sendo assim, é de

fundamental importância o desenvolvimento de pesquisas que analisem os aspectos comunicativos dos telejornalistas. Segundo Casol (2002) aspectos verbais (incluindo as modificações vocais) e não verbais (como a expressão fisionômica e a linguagem gestual) da comunicação caminham juntos no telejornalismo. De acordo com Dezincourt (2003), estes aspectos seriam: a adequação da qualidade vocal (tom, intensidade, projeção), da articulação, da fala (correções de pronúncia e suavização dialetal), a implementação da prosódia (entonação, ênfases, pausas, ritmo), e a adequação de postura, gestos e expressões faciais.

Apesar da ampla gama de enfoques possíveis num trabalho sobre o processo comunicativo dos repórteres de telejornalismo, este estudo é relacionado a aspectos prosódicos da fala, um dos fatores de grande influência na compreensão da mensagem pelo ouvinte. O interesse pelo estudo prosódico surgiu de uma observação feita na prática clínica fonoaudiológica de um aumento acentuado na busca de aperfeiçoamento da locução por parte dos telejornalistas, visando a otimização de sua comunicação oral. Mesmo com essa demanda sempre crescente, Lopez (2004) afirma que a produção televisiva brasileira não possui estudos aprofundados a respeito das formas de produção e, muito menos, da oralidade. Logo, decidimos unir dois campos de saber numa só pesquisa, gerando um trabalho que mescla princípios da fonoaudiologia e da lingüística.

Para a realização de um trabalho de aprimoramento dos aspectos comunicativos verbais – especificamente a prosódia – dispomos de uma ferramenta muito importante: a fonética acústica. Basicamente a acústica estuda o sinal sonoro por meio da análise das ondas sonoras, permitindo a avaliação objetiva de parâmetros como a melodia, a intensidade e a duração da emissão vocal. A utilização da avaliação acústica na prática clínica marcou um grande avanço na atuação fonoaudiológica. Kyrillos (2003) ilustra muito bem essa questão, afirmando que este instrumento tornou visível e controlável aquilo que anteriormente era apontado de maneira puramente

subjetiva. Percebe-se, então, que a inter-relação entre lingüística e fonoaudiologia é de grande valia no trabalho de aperfeiçoamento da comunicação oral. Particularmente em relação aos telejornalistas, esse trabalho interdisciplinar é muito importante na formação e treinamento de repórteres mais habilitados e eficientes no trabalho que executam, visto que uma boa comunicação oral é fundamental na transmissão adequada das informações aos telespectadores. França (2003) corrobora com essa idéia, afirmando que com esses profissionais, cuja imagem vocal é veiculada e veicula idéias, torna-se particularmente importante um trabalho na área da comunicação, pois inadequações podem interferir no objetivo da mensagem e no produto final. Essa atuação é definida como estética da comunicação, por se tratar, muitas vezes, de uma sintonia fina na comunicação de telejornalistas (LEITE, 1998).

O trabalho do repórter de telejornal consiste especificamente em transmitir a notícia ao telespectador; notícias essas que são quase sempre lidas, ainda que de forma não visível ao público. Segundo Kyrillos (*apud* DEZINCOURT, 2003), são as técnicas de prosódia, associadas à postura, ao gesto e à expressão facial que darão ao telespectador a impressão de que o profissional está “falando”, “contando” e não simplesmente lendo o texto. A isso está associada a credibilidade que o apresentador transmitirá. Em outro texto (KYRILLOS, 2003), a autora acrescenta que, se o telejornalista falasse no vídeo como se estivesse falando com um amigo ao lado, certamente não atrairia e nem manteria a atenção do telespectador.

Pode-se então questionar quais seriam os aspectos marcantes da função prosódica numa situação jornalística de transmissão de um texto; isto é, quais seriam as variações prosódicas encontradas na locução jornalística. Dentre os vários aspectos prosódicos observáveis na comunicação, destacamos o uso da ênfase em um processo particular de enunciação – o *off* do repórter de telejornal como objeto de estudo deste trabalho.

Ênfase é uma manifestação acentual. Dar ênfase à fala é aquele recurso quando, além da informação presente no significado proposicional da sentença, ressaltamos intencionalmente um segmento a fim de expressarmos sentimentos tais como indignação, incredulidade, segurança, ou apenas para chamar a atenção do alocutário (REIS, 2005).

Embora a proeminência de elementos do enunciado possa ser produzida por diversos recursos lingüísticos e prosódicos, a escolha pelo estudo da ênfase foi fundamentada na sua ampla utilização por locutores e, portanto, na sua importância no processo comunicativo, regulamentando o discurso e, conseqüentemente, a própria interação lingüística (GONÇALVES, 1997).

Sendo a ênfase uma proeminência acentual, ela se comporta, em parte, como uma sílaba tônica, produzida principalmente com o aumento de um ou mais parâmetros acústicos. Por essa razão, foi necessário compará-la com outras proeminências acentuais – a sílaba tônica rítmica e a sílaba tônica saliente. Essa comparação teve como objetivo anular o efeito segmental das variações prosódicas típicas das sílabas acentuadas, possibilitando uma análise dos parâmetros prosódicos utilizados para a produção da ênfase em relação aos das demais sílabas tônicas, e uma constatação da existência ou não de parâmetros característicos das ênfases.

Portanto, o objetivo principal da pesquisa consiste na determinação dos traços prosódicos-entoacionais predominantes em sílabas consideradas enfáticas do ponto de vista acentual. Ao final, o que se quer investigar é a existência ou não de um padrão de realização da ênfase nesta situação de enunciação. O que se busca com esse trabalho, mais do que uma análise quantitativa de resultados experimentais, é o início de um conhecimento sobre as características próprias (estilísticas) da locução dos repórteres de telejornalismo.

A relevância da ênfase na comunicação justifica o desenvolvimento de estudos que analisem seu uso no telejornalismo. Estudar o processo de realização da ênfase no discurso ajudará na compreensão deste complexo campo que é a comunicação humana. Trata-se afinal de um assunto pouco investigado na área da lingüística, e que pode fornecer dados importantes tanto para o trabalho lingüístico quanto para o trabalho fonoaudiológico com os profissionais da comunicação. Com isso, este estudo pretende contribuir para uma maior compreensão das características e necessidades específicas dos telejornalistas no desenvolvimento de sua atividade profissional, pois é importante conhecer os diversos usos e recursos da comunicação para saber analisar e orientar adequadamente esse profissional.

Limites

Um momento de grande desafio e de enorme apreensão foi a revisão bibliográfica, pois foi constatada uma carência de estudos fornecendo o embasamento teórico e metodológico necessário para esta pesquisa. Há três décadas Graham (1978) já atentava para o fato de que, ao contrário do progresso feito alguns campos, como a fonética e a semântica, relativamente poucos trabalhos foram realizados sobre a análise e descrição do ritmo, da entonação e da ênfase. Apesar das inúmeras pesquisas realizadas no campo da prosódia, na década passada Moraes (1998) ainda salientava que estudos prosódicos em português eram recentes e muitos estudos ainda não haviam sido realizados em diversas áreas, o que gerava muitas falhas no conhecimento. Essas afirmações, além de diminuir nossa angústia – confirmando que essa carência é um lugar comum no campo da prosódia – justificam a realização deste estudo prosódico.

Ao adotarmos nossos critérios de análise, assumimos algumas perdas, principalmente em relação a gama de possibilidades que poderiam ter sido exploradas a partir do *corpus* constituído. Estamos cientes que nosso estudo tem uma abrangência limitada, mas ele possibilita vários desdobramentos. Portanto, fica aqui a nossa sugestão de novas pesquisas sobre este mesmo tema no futuro, continuando essa incessante busca pela compreensão, aperfeiçoamento e domínio dos recursos da comunicação humana.

Objetivos:

Objetivo Geral:

O principal objetivo da pesquisa é identificar e analisar alguns parâmetros prosódicos responsáveis pela produção da ênfase na locução de repórteres de telejornalismo. Buscaremos, com isso, melhor compreender o mecanismo de atribuição de ênfases nessa situação de enunciação, contribuindo, assim, para um entendimento mais aprofundado de alguns mecanismos envolvidos na produção da fala.

Objetivos Específicos:

- Analisar acusticamente os parâmetros prosódicos das sílabas tônicas enfáticas, sílabas tônicas rítmicas e sílabas tônicas salientes, descrevendo:
 - os perfis melódicos (intervalo melódico, contorno melódico e valores iniciais e finais de F0);
 - a duração das sílabas, e das vogais que compõem essas sílabas;
 - a intensidade;

- Comparar os parâmetros obtidos das três proeminências em estudo;
- Analisar os aspectos prosódicos da ênfase na locução dos repórteres de telejornal, para verificar se a locução jornalística apresenta um padrão prosódico característico para marcar a ênfase.

Hipóteses

Na locução telejornalística do *off*, como o repórter dispõe apenas dos recursos vocais, sem o recurso da própria imagem, acredita-se que este profissional utiliza estratégias prosódicas específicas que levam à identificação das ênfases, diferenciando-as de outras sílabas tônicas. Tendo em vista esta situação, para o presente estudo prosódico foram levantadas algumas hipóteses:

- A ênfase é marcada prosodicamente;
- Há uma maior variação melódica nas tônicas enfáticas;
- Ocorre um alongamento da duração das sílabas e das vogais das sílabas enfáticas em comparação às demais proeminências;
- Ocorre um aumento da intensidade das vogais das sílabas enfáticas em comparação às outras proeminências;
- As sílabas enfáticas são as que apresentam maior variação dos parâmetros prosódicos comparadas às sílabas tônicas salientes e sílabas tônicas rítmicas;
- Existe um padrão prosódico de ênfase no texto telejornalístico, possibilitando ao ouvinte identificar determinado segmento como sendo enfático.

Plano da Dissertação

A dissertação contém cinco capítulos: o primeiro fornece informação sobre o telejornalismo e sua história no Brasil, o segundo e terceiro capítulos apresentam conceitos e definições de pesquisadores renomados sobre a prosódia e a ênfase respectivamente, possibilitando um embasamento teórico para o desenvolvimento dessa pesquisa.

O capítulo 4 descreve a metodologia utilizada: seleção dos informantes, *corpus*, a coleta dos dados, a seleção do *corpus* de análise, e a análise. Os resultados e a discussão encontram-se no capítulo 5, seguidos pela conclusão.

1 TELEJORNALISMO

1.1 Histórico do telejornalismo

A televisão no Brasil existe há apenas 51 anos. Chegou ao país através de uma iniciativa ousada do jornalista Assis Chateaubriand, criador e diretor da maior cadeia de imprensa do país – Diários Associados – que apostou no novo meio de comunicação. Sua pré-estréia foi em abril de 1950 (LOPEZ, 2004).

Telejornalismo, de acordo com a definição da enciclopédia eletrônica Wikipédia ⁽²⁾, é a prática profissional do jornalismo aplicada à televisão. Telejornais são programas que divulgam notícias dos mais variados tipos, utilizando imagens e sons. Geralmente são narrados por um apresentador denominado âncora, tendo os repórteres como parte da equipe. Eles podem fazer parte da programação normal da emissora de televisão – transmitidos em dias e horários determinados – ou podem aparecer em plantões de notícias, interrompendo outros programas.

O primeiro telejornal do Brasil, *Imagens do Dia*, a cargo do jornalista Maurício Loureiro Gama e apresentado pelo radialista Ribeiro Filho, foi ao ar em 19 de setembro de 1950 pela TV Tupi. Era estruturalmente bem rudimentar, com o próprio o locutor redigindo as notícias.

² <http://pt.wikipedia.org/wiki/Telejornalismo>, acesso em 14/05/06.

Algumas notas tinham imagens feitas em filme preto e branco, sem som (CAMPOS, 2003). Não tinha horário fixo, entrando no ar entre 21:30 e 22:00 horas, dependendo de fatores ocasionais,

da programação ou de eventuais problemas de operação (VALIM,1988). O *Imagens do Dia* durou um ano.

O primeiro telejornal de sucesso da televisão brasileira foi o *Repórter Esso*, também da TV Tupi, tendo como apresentadores dois destacados locutores de rádio da época ⁽³⁾. Ele ficou no ar de 1953 a 1964 na TV Tupi, e de 1964 a 1970, na TV Record (VALIM, 1998). Ao final da década de sessenta, os telejornais sofreram modificações. Criado pelo jornalista Armando Nogueira, surge o *Jornal Nacional*, da Rede Globo de Televisão, influenciado pelas inovações tecnológicas importadas dos Estados Unidos da América. O telejornal estreou em setembro de 1969, tornando-se líder de audiência e referência da imprensa nacional. O estilo de linguagem, a narrativa, a figura do âncora e o formato também tiveram como modelo os telejornais americanos. Foi o pioneiro em apresentar reportagens em cores, reportagens internacionais via satélite em tempo real, ser exibido em rede nacional e ao vivo. Até então, cada capital tinha sua própria grade de programação, e programas gravados em São Paulo ou no Rio de Janeiro eram exibidos com dias de atraso em outras localidades para as quais eram enviadas de ônibus ou avião ⁽³⁾.

A inovação dessa emissora não parou por aí. Em 1977 a Globo São Paulo estreou um jornal

³ Mundo da TV. *Jornalismo – História*. <http://www.mundodatv.com.br/producao/hisjornalismo.asp>, acesso em 14/05/06.

regional de serviço – *Bom Dia São Paulo* – que até hoje vai ao ar de segunda a sexta, às sete horas da manhã. Esse novo programa também apresentou novas tecnologias, como a Unidade Portátil de Jornalismo (UPJ) com repórteres entrando ao vivo de vários pontos da cidade, transmitindo vários tipos de informações de utilidade pública – tempo, trânsito, movimentação da cidade, de aeroportos, etc. O sucesso desse formato foi tão grande que, em 1983, a emissora

criou o *Bom Dia Brasil*, que até hoje vai ao ar logo após o “Bom Dia” de cada localidade⁽³⁾. Outras emissoras também utilizaram esse padrão americano. O *TJ Brasil* estreou em setembro de 1988, no Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), e em 1997, a TV Bandeirantes criou o *Jornal da Band*⁽³⁾.

1.2 A organização do texto noticioso

A linguagem das chamadas elocuições profissionais, utilizada nos telejornais, também teve que ser reestruturada para esse novo formato de programa. Essa questão é muito bem exemplificada no seguinte depoimento de Maurício Loureiro Gama, jornalista responsável, como dito anteriormente, pelo primeiro telejornal exibido no Brasil. Ele relata que, no dia seguinte ao programa de estréia, foi abordado na rua por uma senhora que reclamou que o apresentador havia sido arrogante ao não falar “com ela” quando estava sentada a fazer crochê diante da televisão. E ela não era ingênua ou totalmente leiga no assunto, pois já havia residido em Nova York e assistido telejornais americanos. Foi a partir dessa colocação que o jornalista passou a escrever suas notícias como se fosse uma conversa com alguém, “uma peça de teatro”. A mudança surtiu efeito, pois Chateaubriand telefonou para parabenizá-lo por ser o único que sabia “falar na televisão”. Gama conclui, dizendo que foi assim, com a ajuda de uma telespectadora, que ele descobriu a diferença entre as duas linguagens: a da tevê e a do rádio (VALIM, 1998).

Lopez (2004) afirma que, até hoje, o meio de comunicação televisivo ainda não possui uma identidade bem definida. No início, os jornalistas tiveram muita dificuldade para definir esse novo formato. As formas foram mescladas com estruturas oriundas do rádio, na sua grande maioria, e do jornal escrito. O início da televisão no Brasil foi encarado como uma maneira de

trabalhar o radiojornalismo como o rádio com imagem, trazendo para esse novo meio de comunicação a forma, a linguagem e o estilo típicos do rádio, sem preocupação com a imagem e com o movimento. O autor acrescenta que, ao longo do tempo, a televisão foi assumindo suas próprias características, principalmente em relação à exploração da imagem e à aproximação com telespectador. Em sua prática clínica fonoaudiológica com repórteres e profissionais de televisão, Beuttmüller (1981) afirmou que a postura é um elemento importante para o profissional de televisão. As características de fala típicas do rádio antigo, como imponência e um tom professoral, foram substituídos pelo tom coloquial, pela cordialidade e proximidade do telespectador que são mais adequados ao meio televisivo.

Em relação à linguagem telejornalística, Araújo (2003) diz que o texto telejornalístico não deve ser comparado a nenhum texto de outro tipo de mídia. Bahia (1990) corrobora com essa idéia, dizendo que não é difícil reconhecer que o texto do telejornal é diferente do texto da imprensa escrita e do rádio em função da estrutura do movimento, da instantaneidade, da testemunhalidade, indivisibilidade de imagem e som, sintetização e objetividade, próprios da TV. Lopez (2004) acrescenta que, no início, a narração telejornalística era realizada de maneira mais formal, sem muita preocupação de que o telespectador soubesse que aquilo se tratava de cultura escrita, e não cultura oral; isto é, que o texto era escrito e estava apenas sendo reproduzido pelo apresentador. Entretanto, com o passar dos anos, principalmente devido a essa mudança de pensamento, a televisão foi adquirindo características próprias.

Kyrillos (1995) também acredita que o repórter e apresentador com voz típica e estereotipada fazem parte de um modelo antigo. Os profissionais de hoje devem ser espontâneos, interagindo com o telespectador. A comunicação é mais valorizada, dando-se maior atenção à postura, à expressão facial, às pausas e às ênfases no discurso.

Sales (1999), numa pesquisa bibliográfica sobre o uso da voz e da linguagem de televisão, concluiu que a comunicação deve ser simples, objetiva, criativa, espontânea, clara e coloquial a fim de corresponder ao desejo do telespectador.

Sobre essas características, Araújo afirma que o texto telejornalístico associa características de distanciamento e de integração, sendo elaborado como um texto escrito marcado pelo planejamento, edição e preocupação com a progressão textual e também, uma vez que visa obter a melhor interação à distância possível, lança mão de todos os recursos que favoreçam a compreensão por parte do telespectador. Além disso, o texto também mescla características típicas de textos orais, tais como envolvimento e fragmentação, porque, mesmo sendo produzido para interlocutores distantes e anônimos, persegue o objetivo de fazer-se passar por familiar, explorando sistematicamente os recursos que favoreçam alcançar este fim.

Esse fator envolvimento, no texto telejornalístico, é melhor detalhado por Dias (1996), ao descrever que ele se manifesta por meio da ocorrência de alguns fenômenos, entre os quais estariam a presença do discurso direto, a ênfase maior sobre agentes e ações do que sobre estados e objetos, ênfase sobre pessoas e seus relacionamentos. Araújo (2003) complementa afirmando que esse fator torna o texto menos denso, mais voltado para uma interlocução direta com o telespectador. E acrescenta que a preocupação com o fator envolvimento no telejornal pode significar muito mais do que meramente atrair a atenção do telespectador; algumas vezes pode significar também formar opiniões.

1.2.1 Escrita X Oralidade

O papel do repórter, segundo Stier e Behlau (2001), é comunicar uma notícia, relatando a fatos verídicos. Especificamente, seu trabalho consiste em transmitir oralmente as notícias ao telespectador; notícias essas que são quase sempre lidas, ainda que de forma não visível ao público (KYRILLOS, 2003). Campos (2003) afirma que o objetivo é fazer com que o telespectador acompanhe, compreenda e retenha a informação, visto que, ao contrário de uma informação impressa, o ouvinte não pode retroceder o texto para ouvi-lo de novo..

Segundo Lopez (2004), a oralidade é um dos principais meios utilizados pela produção televisiva para transmitir uma informação, funcionando como mediadora na transmissão de informação veiculada através de cultura escrita e de um meio de comunicação eletrônica. A autora define esse novo tipo de enunciação como oralidade da mídia eletrônica, visto que não se trata de oralidade pura, mas oralidade acompanhada por e até mesmo oriunda da escrita muitas vezes. Ela descreve essa oralidade como atípica e intrigante, por vezes representativa, chegando a ser manipulatória em certos momentos.

Araújo (2003) aponta que a língua falada na TV situa-se num ponto especial do *continuum* entre a fala e a escrita, pois algumas características da oralidade são identificadas coexistindo recorrentemente com as da escrita. Assim, essa forma específica de utilização da oralidade estaria mais próxima da exposição oral do que da conversação.

Stier & Neto (2003) definem essa oralidade específica dos telejornais como sendo um simulacro da produção natural do falante, pois essa permite recursos e habilidades que muitas vezes não são adequadas à locução profissional, tais como: dúvidas, atos falhos, uso de tiques, gestos, repetições, possibilidade do grito e do silêncio, entre outros. Além disso, a comunicação face a face gera uma expectativa de resposta e de aceitação por parte do receptor no momento do

discurso, funcionando como um *feedback* para a constante reestruturação do que está sendo dito; o que também não acontece no discurso telejornalístico.

As elocuições profissionais e as casuais podem ser diferenciadas, inclusive, pelo objetivo deliberado ou inconsciente que as primeiras têm de convencer e agradar o ouvinte; e cuja eficácia implica na transmissão de maneira clara e objetiva de uma idéia, tendo a intenção de sensibilizar o ouvinte da importância e veracidade do que é dito. Sapir (1972) chama atenção para o fato que, quando um sujeito fala, ele causa certa impressão no seu interlocutor e, embora possa parecer original, o falante está, na verdade, reproduzindo um padrão social com um toque de individualidade. Esse padrão social citado pelo autor pode ser traduzido como um padrão profissional de enunciação do telejornalismo.

Segundo Araújo (2003), as pesquisas nessa área têm demonstrado que a oposição entre as duas modalidades – escrita e oral - é muito mais funcional e contextual do que estrutural; isto é, não há uma oposição intrínseca. As características da escrita são inerentes ao texto da telenotícia, sendo que as semelhanças e/ou diferenças decorrem muito mais da formalidade das situações em que essas modalidades são usadas, de quem as usa, para quem se dirigem e com que propósitos. O autor exemplifica essa afirmação com dados da análise lexical de textos noticiosos. Ele demonstra que, como era de se esperar, não se observam o uso de gírias, diminutivos, aumentativos ou jargões muito especializados, vocabulário vulgar e/ou apelativo – próprios de situações de enunciação mais informais – nem tampouco o uso de vocabulário técnico que possa dificultar a compreensão dos telespectadores de escolaridade média.

Ainda sobre a seleção lexical, Araújo não tem dúvidas que esse recurso é importante na definição do fator envolvimento nas telenotícias, visto que permite ao redator marcar tanto o

distanciamento, mesmo que utilize uma sintaxe própria das situações informais, quanto marcar o envolvimento, ainda que use uma sintaxe típica da escrita padrão. O léxico não expressa apenas a argumentatividade, mas também a emotividade ou o caráter poético de um texto. Geralmente, o texto telejornalístico tende a usar recursos lingüísticos que dêem a impressão de informalidade, de que o jornalista descreve assuntos novos para pessoas conhecidas e em situação de intimidade.

Stier & Behlau (2001) apontam que, há algum tempo atrás, muitos jornalistas nem sequer cogitavam que a forma de transmitir uma notícia pudesse ser aperfeiçoada; sendo que a preocupação com o conteúdo da notícia era tão grande que a forma não era valorizada. Atualmente, tem havido um aumento acentuado na busca do aperfeiçoamento da locução pelos telejornalistas. Kyrillos (1995) atesta que o profissional que atua em televisão começa a apresentar um perfil diferente, pois além do requisito de possuir uma boa qualidade vocal, ele também está ciente que precisa ser um bom comunicador. De acordo com Panico & Fukusima (2003), o modelo antigo de repórter ou apresentador, com a voz típica e estereotipada, dá lugar ao profissional espontâneo, que interage com o telespectador, transmitindo, além da notícia, a sua interpretação dos fatos.

O que é consenso entre vários autores, como Stier & Behlau (2001) e Kyrillos (2003), é que há uma necessidade de coerência entre o texto escrito e o falado. Os telejornalistas devem expressar naturalidade ao ler e ao falar, já que o objetivo é reportar um fato a alguém, de tal maneira que capte e mantenha a atenção do telespectador. A narração não pode ter um modelo rígido, pouco comunicativo. Imaginar que está lendo para outra pessoa pode tornar a narração melhor e possibilitar a produção de um texto natural. Kyrillos diz que “o texto escrito precisa ganhar vida ao ser lido”. Assim, a voz firme e impostada – herdada do radiojornalismo – foi colocada de lado, dando lugar à fala em tom de conversa (LOPEZ, 2004). Sendo assim, Lopez aponta que a postura

esperada do âncora e do repórter de telejornal é complexa - eles devem demonstrar seriedade e intimidade com o telespectador ao mesmo tempo; precisam ser naturais, conversar com o ouvinte, quando na verdade estão usando técnicas e recursos meticulosamente engendrados, seguindo um roteiro no qual as palavras e os tons daquela enunciação estão previamente determinadas.

Campos (2003) levanta um questionamento muito importante: “por que alguns produtos jornalísticos fazem sucesso e outros ficam pouco tempo no ar”? Panico & Fukusima (2003) colocam que, visando a informação, o telejornal utiliza-se de recursos verbais e não verbais para criar autenticidade, distanciar-se, mostrar-se objetivo e sério. É possível inferir, portanto, que a qualidade da produção dos conteúdos e a estruturação dos textos são aspectos determinantes no sucesso do telejornal. Jaspers (1998) diz que quando o redator elabora o texto de uma notícia, no intuito de ter a adesão do telespectador, ele deve “partir do particular para o geral, passar do fato à regra, do exemplo à teoria e não o contrário (...) Citar-se-ão assim em primeiro lugar os fatos concretos, os elementos tangíveis antes de tirar observações gerais e leis”. Entretanto, um dos aspectos de grande relevância seria essa “transformação” da escrita em oralidade por parte do telejornalista. Kyrillos (2003) e Lopez (2004) apontam que a isso está associada à credibilidade que o profissional transmitirá, provocando reações positivas ou negativas no telespectador, impressionando de maneira importante e interferindo realmente no resultado final.

De acordo com Panico & Fukusima (2003), essa credibilidade é essencial para que a comunicação seja efetiva. Mas podemos ir além, afirmando que ela também será decisiva para a aprovação do público àquele telejornal. E é essa aprovação que garantirá a audiência e, conseqüentemente, o sucesso do programa. Bertossi (1999) explicita bem essa questão,

afirmando que o ponto de vista do telespectador influencia os padrões da comunicação telejornalística, já que a audiência é um dos objetivos principais das emissoras de TV.

1.2.2 A locução telejornalística e a prosódia

Até agora discutiu-se a importância de uma adequada passagem da escrita para a oralidade na narração telejornalística. Entretanto fica uma pergunta: quais seriam os recursos necessários para essa transformação? Um deles, e talvez o mais importante, é a prosódia da fala.

Cristal (1969) afirma que o leitor recria o que lê de acordo com a forma como atribui elementos prosódicos ao texto escrito. Conforme Cagliari (1993), “os elementos prosódicos servem para ponderar os valores semânticos dos enunciados, sendo uma das formas de que dispõe o falante para dizer ao seu interlocutor como ele deve proceder diante do que ouve”.

As propriedades não-linguísticas, segundo Coradi (2003), fornecem importantes informações para quase todas as estratégias de interação e de processamento da mensagem. Dentre os aspectos não-verbais, destaca-se o prosódico, como o fator que comanda o valor que se deve atribuir a diferentes elementos do discurso dentro do contexto, fornecendo subsídios para a interpretação da informação a ser transmitida.

Russo & Behlau (1993) corroboram com essa idéia, dizendo que os fatores supra-segmentais da fala – como o aumento na duração da última sílaba tônica, a queda de F0 e as pausas no discurso – fornecem informações semânticas adicionais, podendo alterar o significado da mensagem.

Sampaio (1971) considera que a capacidade interpretativa de uma mensagem por meio da locução para o rádio ou para a televisão está diretamente relacionada à inflexão, ou seja, à entonação. Kyrillos (IN DEZINCOURT, 2003) vai além, alegando que são as técnicas de prosódia, associadas à postura, ao gesto e à expressão facial que darão ao telespectador a impressão de que o repórter está “falando”, “contando” e não simplesmente lendo o texto. Reis (2005) complementa, afirmando que a organização prosódica da notícia é fundamental tanto para o repórter quanto para o telespectador, podendo as variações dos aspectos prosódicos do discurso produzir implicaturas diferentes, dependendo do que se coloca em destaque. Podemos perceber, então, que a utilização de recursos prosódicos é um requisito básico no exercício profissional do telejornalismo.

Alves (2002) aponta que não adianta dominar os demais fatores envolvidos no processo comunicativo se o indivíduo não souber prender a atenção do seu interlocutor, dar destaque às palavras-chave do seu discurso – mostrando como este ou aquele item deve ser interpretado e dotar a sua fala de significado, dando um “colorido” especial ao seu discurso. E tudo isso é obtido através da prosódia. Morey (1999) acrescenta que em uma conversa normal usamos apenas algumas “notas” da variação melódica da voz, mas que para a linguagem ser mais “colorida” – como é o caso das elocuições telejornalísticas – devemos utilizar uma ampla variedade de entonações ou tons ao falar, sendo que essas variações devem ser usadas naturalmente para não soarem forçadas.

Reis (2005) descreve de maneira clara essa conversão da escrita em oralidade no telejornalismo através da prosódia:

“a notícia na televisão se apresenta originalmente sob a forma escrita. (...) Graficamente, o conteúdo da notícia se organiza de tal forma que se destaca a figura (“*foreground*”) do fundo (“*background*”). A organização gráfica do conteúdo a ser lido, tão importante para o leitor da imprensa escrita, transforma-se, na televisão e no rádio, em organização prosódica, indispensável para quem produz a notícia (o apresentador), assim como para quem ouve a notícia (o telespectador). O corpo, o tamanho, a cor, a fonte e demais recursos gráficos, se transformam em variações de altura melódica, intensidade, duração, registro, qualidade de

voz, etc. (...) Assim, o jornal na televisão e no rádio consiste em converter texto escrito em texto oral, procurando-se passar a ilusão de que não se trata de uma leitura, o que é normalmente enfadonho”.

Campos (2003) destaca um ponto importante ao afirmar que para se ter uma boa reportagem não bastam boas imagens e boas informações, também é preciso passar emoção, para que a matéria tenha vida, e não apenas informar o que, quando, onde, como, porque e quem protagonizou determinado fato. Esse aspecto emocional, citado pelo autor, está relacionado ao desempenho do jornalista, sendo transmitido na fala através de recursos prosódicos, como a entonação.

Entretanto, sabe-se que na televisão a comunicação visual também determina as inferências do telespectador, não sendo apenas os recursos vocais responsáveis por isso. Gestos, expressões faciais, o cenário, a escolha de peças de vestuário, penteados e maquiagem, também informam sobre o estilo e a intenção do programa transmitido. Para evitar a influência desses aspectos na construção da narração do repórter de telejornalismo, particularmente na produção prosódica, esta pesquisa enfoca um tipo de reportagem telejornalística específica – o *off*.

Off é um texto que o repórter lê dentro do estúdio de gravação, e que é apresentado, no telejornal, sobreposto às imagens referentes à notícia que está sendo transmitida. No *off*, o repórter narra o que está sendo mostrado no vídeo, ou seja, é a imagem da reportagem que ilustra o texto. Logo, destaca-se como objetivo dessa locução a complementação das imagens que acompanham as notícias. Geralmente ele é elaborado após o término da reportagem, no local onde essa foi gravada, ou na redação do telejornal; ocorrendo um distanciamento entre momento da reportagem e o da narração. Essa reportagem não é produzida ao vivo ou de improviso. Lopez (2004) explica que num *off* o repórter escreve e reescreve, grava e regrava o texto quantas vezes forem necessárias para que ele saia perfeitamente compreensível e sem erros de gramática ou de qualquer empecilho à sua boa recepção pelo telespectador. Kyrillos (1995) explica que essas gravações são feitas em condições ideais, uma vez que o profissional grava em cabine acústica a

leitura do texto previamente ensaiada. Lopez complementa que “o próprio isolamento acústico no qual o *off* é normalmente gravado já pode ser analisado como um representante de manipulação ou simulação da oralidade no meio de comunicação”.

Tendo em vista que no *off* não se pode contar com aspectos da comunicação visual ou cinestésica do locutor, destaca-se o recurso vocal, seja ele verbal ou não-verbal, como aspecto fundamental na transmissão da mensagem ao receptor. E como a passagem da escrita para a oralidade é uma questão muito importante na narração de telejornalistas, podemos concluir, então, que as enunciações jornalísticas dependem enormemente da prosódia.

Dentre os vários aspectos prosódicos observáveis na comunicação, destaca-se como objeto de estudo deste trabalho o uso da proeminência acentual – definida aqui como ênfase. Nos próximos capítulos, esse fenômeno e seus conceitos serão descritos mais detalhadamente.

Em relação à situação de enunciação que é objeto deste estudo – o telejornalismo – acredita-se que há marcadores prosódicos de proeminência que são típicos da locução em *off* do repórter de televisão. Ao que parece, o repórter realiza a locução de uma reportagem dando maior proeminência acentual a determinados segmentos que ele julga mais importantes e que mereçam maior atenção do telespectador, sendo esta variação um fator que contribui para a credibilidade desse profissional.

A opção por esse trabalho decorreu da observação de que há padrão perceptível na realização de ênfase na fala do repórter de telejornal, assim como existem outros padrões comunicativos intimamente ligados à ocupação profissional dos indivíduos. O objetivo do presente trabalho é

identificar a existência de um padrão na produção da ênfase no telejornalismo, e que pode ser percebida pelos indivíduos em geral.

Segundo Stier et al. (IN FRANÇA, 2003), o padrão de comunicação profissional desses indivíduos é adquirido intuitivamente, sem o controle consciente dos diversos parâmetros vocais; e que isso também ocorre nos demais grupos de “profissionais da voz”. E apesar de o do próprio profissional em alguns casos acreditar que produz algo novo, geralmente sua fala está permeada por esse estilo que muitas vezes foi internalizado inconscientemente. Isso pode ser confirmado por Laver (1991), quando diz que todos nós apresentamos alguns esteriótipos vocais sobre várias ocupações, o que nos permite, por exemplo, caricaturar a voz do padre, do militar, dentre outros. Isso porque, segundo Coradi (2003), em determinadas profissões existem características não aleatórias presentes na fala como, por exemplo, o uso das ênfases e das inflexões, que configuram um estilo que não pode ser desvinculado da prática profissional. Gallois & Callan (1986) afirmam que, em situações de comunicação, enquanto a linguagem transmite o conteúdo de uma mensagem, o estilo de fala, o sotaque e os comportamentos não-verbais são o que determinam o tom emocional e sinalizam as relações sociais na interação, revelando, inclusive, a identidade de um membro do grupo.

E é exatamente isso que será investigado: a existência de um padrão prosódico de realização da ênfase que represente a locução de repórteres de telejornalismo. É importante ressaltar que dentro desse processo de construção do padrão de locução do repórter há escolhas individuais. Entretanto, acredita-se que o repórter utiliza estratégias prosódicas específicas, gerando assim um estilo prosódico que identifica a sua categoria profissional, sendo possível ao receptor a identificação de um estilo de leitura típico desses profissionais.

Em fonoaudiologia, há uma tendência evidente para pesquisas nessa área, o que tem sido de fundamental importância para a prática clínica. Entretanto, a abordagem lingüística destes trabalhos e as análises que vêm sendo feitas diferem da presente proposta, uma vez que este trabalho também faz uso de noções do campo da Lingüística. Logo, a utilização de pressupostos dessas duas áreas fornecerá instrumentos mais adequados para a elaboração da análise e para as conclusões finais sobre as questões enfocadas.

2 PROSÓDIA

A Lingüística tem como objetivo de estudo o funcionamento das línguas e da linguagem humana. A linguagem oral é estruturada por vários aspectos, dentre eles os aspectos segmentais e supra-segmentais. Alguns autores usam o termo supra-segmental como um sinônimo de prosódia (GIMSON, 1970), mas há aqueles que vêem distinções entre os dois termos (CRYSTAL, 1969; CAGLIARI, 1992; LAVER, 1994).

Crystal (1969) diferencia o segmental do supra-segmental, dividindo este último em três grupos de análise: o prosódico, o paralingüístico (que veicula uma atitude particular do locutor) e o extralingüístico (que transmite informações acerca da identidade do falante – sexo, idade, características físicas). Ele afirma ainda que, no suprasegmental, há uma escala do mais lingüístico ao menos lingüístico; por exemplo: o acento lexical é mais lingüístico que a ênfase, isto é, está mais ligado à gramática. Entretanto, o próprio autor aponta que ainda não há uma definição bem delimitada de cada um desses domínios.

Destacamos a definição de Cagliari (1992) para o qual além dos segmentos que correspondem a sons definidos pelo alfabeto fonético, há elementos supra-segmentais constituídos de dois tipos

de elementos: i) os que modificam o segmento (labialização, palatalização, nasalização); e ii) os que caracterizam unidades maiores do que o segmento, sendo pelo menos da extensão de uma sílaba. Esse último é definido como elemento prosódico, sendo constituído por: i) elementos da melodia da fala (tom, entonação, tessitura); ii) elementos da dinâmica da fala (duração, pausa, acento, ritmo) e iii) elementos da qualidade da voz (volume, registro, qualidade de voz).

Esses elementos prosódicos, segundo o autor, são identificados na fala e, ao serem produzidos, sofrem influência de aspectos estruturais e não estruturais. Ele classifica esses aspectos, separando-os em estrutural (sintático) e interpretativo (semântico); sendo o interpretativo tudo aquilo que remete ao falante, ou seja, representa a atitude do falante, e o estrutural relacionado com todo o resto, ou seja, com as estruturas sintáticas dos enunciados.

Laver (1994) distingue esses dois termos, opondo fatos fônicos que se limitam aos segmentos aos fatos fônicos que organizam a linguagem acima do detalhe segmental. Ele diz que os padrões de variação da proeminência silábica são o resultado das interações destes quatro elementos - melodia, força, duração e qualidade de articulação, o que dá para cada língua uma textura característica, que vai além do detalhe segmental da língua. Essa textura é composta da inter-relação dos três padrões principais dos traços supra-segmentais: a organização prosódica, métrica e temporal do material de fala.

Reis (2005) define bem os aspectos segmentais e suprasegmentais. Para ele, os traços segmentais são características sonoras necessárias à identificação dos diferentes segmentos ou fonemas do enunciado, enquanto que os traços supra-segmentais são características que se relacionam à organização fônica das sílabas, organizando a linguagem acima do detalhe segmental. Ele completa que “o acento da palavra, o ritmo e a entonação são considerados, entre outros,

categorias supra-segmentais ou prosódicas da fala.”. Podemos verificar, então, que os recursos supra-segmentais são de natureza lingüística, mas não de caráter verbal.

Vários trabalhos destacam a importância de se levar em consideração os elementos prosódicos quando se analisa eventos de linguagem (CRYSTAL, 1969; CAGLIARI, 1983). Apesar da sua importância, ainda não dispomos de uma descrição clara e completa do funcionamento do fenômeno supra-segmental nas línguas. Moraes (1998), em seu trabalho sobre a entonação no Português Brasileiro, afirma que um dos prováveis motivos para essa lacuna é a multiplicidade de fatores envolvidos na construção prosódica do enunciado.

Sendo a prosódia o foco de nosso estudo, nos deteremos agora em expandir sua definição.

2.1 Definição de Prosódia

A prosódia é um fenômeno que faz parte do sistema fonológico supra-segmental das línguas, e que tem uma enorme importância na compreensão do fenômeno geral da linguagem. Em sua definição sobre o aspecto prosódico, Pike (1945) aponta que a entonação é caracterizada, principalmente, pela distribuição do contorno melódico. Ele define entonação como sendo uma caracterização abstrata do conjunto de mudanças melódicas das sentenças, que tendem a ser semi-padronizadas ou formalizadas por diferentes falantes de uma mesma língua em circunstâncias similares. O autor considera que existem dois tipos de variação melódica, uma própria da língua e outra individual. Para ele, não há sentença sem melodia; e essa melodia – através das suas mudanças ao longo do enunciado (contorno melódico) - contribui para o significado do proferimento. Ele acrescenta que, no discurso, um exemplo da atitude do falante é

visto quando um significado entonativo modifica o significado lexical. Sendo assim, a mesma frase pode ser dita de diferentes maneiras, sendo improvável que estas flutuações ocorram sem que haja mudança de significado.

Crystal (1969) define prosódia da seguinte maneira:

“...we may define prosodic systems as sets of mutually defining phonological features which have a essentially variable relationship to the words selected, as opposed to those features, for example, the (segmental) phonemes, the lexical meaning, which have a direct and identifying relationship to such words”.

Complementando, o autor considera a prosódia como sendo os efeitos vocais constituídos por variações ao longo dos parâmetros de altura, intensidade, duração e pausa, envolvendo variáveis acústicas, articulatórias e auditivas. Além disso, afirma que variações na entonação certamente modificam o significado da mensagem.

Em seu trabalho, Halliday (1970) propõe que a melodia está relacionada ao nível fonético e a entonação ao nível fonológico sendo, portanto, gramatical. Isso porque, estando a entonação em nível fonológico, ela é parte da sintaxe, uma vez que padrões entonativos diferentes podem causar mudança de significado. Assim como Pike (1945), ele destaca o contorno melódico em seu estudo, introduzindo os conceitos de tom, tonicidade e tonalidade. Seus estudos lingüísticos foram de grande importância, principalmente quanto aos estudos sobre a entonação. Logo, sua teoria será melhor discutida posteriormente.

Bolinger (1986) concorda com as idéias de Pike (1945) e Halliday (1970), pois acredita que o fenômeno da entonação baseia-se na melodia, tendo a função de unificar os níveis sintático, morfológico e fonológico de um enunciado. Ele também acredita que a variação da entonação

influencia no conteúdo semântico da mensagem, variação essa que acontece de acordo com o propósito expressivo, emocional ou intencional do locutor.

Crutenden (1986) afirma que a entonação não se relaciona à cadeia segmental. Para ele, assim como para outros autores já citados, entonação e prosódia são utilizadas de forma similar, fazendo parte, portanto, do domínio supra-segmental. A prosódia é definida em termos de traços prosódicos, sendo três os traços mais utilizados: a melodia – relacionada à altura – a duração das sílabas e a força. O autor acrescenta também que a entonação envolve a ocorrência de padrões melódicos recorrentes, sendo cada um deles utilizados com significados relativamente semelhantes.

Tench (1990) e Ladd (1996) também adotam os conceitos de tom, tonalidade e tonicidade propostos por Halliday (1970). Ladd define a entonação como o uso de características fonéticas supra-segmentais para atribuir significados pragmáticos pós-lexicais de forma lingüisticamente estruturada. Para ele, as características supra-segmentais restringem-se aos parâmetros de frequência, intensidade e duração; traços esses que atribuem significados às frases e enunciados como um todo. O autor apresenta uma visão universalista da entonação, propondo as seguintes tendências universais entre as diversas línguas: i) tendência para declinação; ii) associação de altura melódica alta ou ascendente em perguntas ou para expressar indefinição (algo inacabado); iii) presença de movimentos locais de altura melódica (acento melódico) em palavras novas ou de algum teor informativo. Dentro do objetivo da presente pesquisa, são essas palavras com algum teor informativo, determinada pelo acento melódico, que se pretende estudar.

Brazil (1997) também estuda a prosódia em termos de variação melódica, intensidade e duração; mas sua teoria sobre o sistema entonativo descreve conceitos diferentes dos de Halliday, sendo eles: proeminência, tom, nível melódico e terminação.

Cagliari (1993) diz que a função básica da prosódia na fala é salientar ou diminuir o valor de algo do discurso, atribuindo a alguns elementos maior importância do que a outros, definindo, assim, o valor interpretativo dos elementos. Segundo o mesmo autor, outra função dos elementos prosódicos seria a de unir ou romper a ligação que uma palavra tem com outra, ou que grupos de palavras têm entre si, de acordo com o discurso que se quer proferir. Ele afirma ser a prosódia não exclusivamente um meio de expressão das atitudes do falante, mas sim um fenômeno complexo envolvendo, além da atitude e intenção, a estruturação sintática da língua, as limitações do processo de fala e o ajustamento fonético e fonológico contextual.

Pickett (1999) concorda com as idéias de Cagliari (1993) ao afirmar que, em geral, quando falamos com alguém desejamos transmitir duas coisas: alguma informação objetiva – *o que* – e a atitude – *como* – a ela relacionada. O primeiro é dito a partir da escolha das palavras que são colocadas nas frases que são pronunciadas melodicamente de acordo com certas regras. O segundo relaciona-se a propósitos expressivos, afetivos, implicando em significados diferentes. A prosódia está relacionada a esses dois elementos – o *quê* e o *como* – sendo assim de fundamental importância para a comunicação. Como podemos ver, tanto a forma, quanto a organização melódica e a atitude do locutor se unem na composição prosódica do discurso. Morato & Freitas (1993) e Brazil (1997) assim como Pickett (1999) e Cagliari (1993) também postulam que, para que a mensagem oral seja interpretada adequadamente, o falante deve escolher o *quê* dizer e *como* dizê-lo, e que o ouvinte deve codificar a mensagem em seus diferentes níveis – sintático, semântico e prosódico.

Pickett (1999) acrescenta que, quando o indivíduo fala, passa a informação através da escolha das palavras e da seqüência dessas dentro de uma frase; palavras essas que são ditas melodicamente através de certas regras, de certas codificações. Essas regras são padrões de ritmo, tons e duração das sílabas próprias de uma língua, constituindo, assim, o código lingüístico específico de cada língua natural. Isso é o que está sendo considerado como sendo o aspecto estrutural relacionado à prosódia.

O aspecto não estrutural, também determinante da prosódia, é definido pelo mesmo autor como sendo um outro tipo de codificação da melodia, usado para fins de transmissão do sentimento do locutor, do seu temperamento e/ou intenção em relação ao que diz. Essa função da prosódia é caracterizada como *função atitudinal*, e é devido a ela que se pode afirmar que a prosódia exerce um papel fundamental na construção da fala. Sabe-se que a fala é uma construção de cada indivíduo e que é diante dela que o sujeito se revela. Sendo a prosódia a responsável em transmitir significados que são diferentes ou vão além daquilo que estamos falando – revelando e expressando, principalmente, as emoções e atitudes do indivíduo – cabe à prosódia essa “revelação” do indivíduo através de sua própria fala (WICHMANN, 2002).

Aubergé (2002) define prosódia como um agente integrativo das principais funções do sistema comunicativo, como a sede das expressões diretas das emoções, das atitudes e das estratégias expressivas.

Reis (2005) afirma que ao se comunicar, o indivíduo tem como objetivo a transmissão de uma mensagem, e a prosódia tem um importante papel na estruturação da enunciação dessa mensagem. Ele diz que os aspectos prosódicos da fala organizam-se em vários subsistemas

fonológicos que são: o acento, o ritmo, a velocidade de fala e a pausa. Essas categorias, apesar de independentes, apresentam estreita relação entre si.

A partir das definições descritas acima, fica claro a existência de várias teorias que caracterizam prosódia e entonação de maneiras diferentes. Diante do projeto aqui proposto, não nos cabe discorrer mais profundamente sobre essas diferentes teorias. Como algumas delas, com seus conceitos próprios, dificultam a comparação entre os modelos, optou-se por seguir a definição proposta por Hirst & Di Cristo (1998):

“On the abstract, phonological level, prosody consists of a number of lexical systems (tone, stress and quantity) and one non-lexical system: intonation. We also propose to use the term intonation with a second meaning, to refer to a specifically phonetic characteristics of utterances, a construction by which the prosodic primitives on the lexical level and the non-lexical level, however we choose to represent these formally, are related to acoustic prosodic parameters.”

Como foi possível verificar, o que caracteriza os aspectos prosódicos é a grande variabilidade – o que se pode chamar de plasticidade prosódica – que permite adequar a fala às inúmeras situações. Logo, por meio de recursos lingüísticos limitados prosodicamente, é possível fazer um uso ilimitado em termos de significação. Decifrar essa significação da linguagem falada – que intuitivamente sabemos ser carregada de melodia – por meio da identificação e análise da expressão da emoção e da atitude no sinal de fala, é uma das grandes questões atuais no campo da prosódia. Aubergé (2002) diferencia a prosódia das atitudes da prosódia das emoções. Para a autora, a atitude é a função direta pela qual o locutor informa seu ponto de vista ao interlocutor, enquanto que a expressão emocional é uma função direta das emoções, sem um controle voluntário do locutor. Entretanto ela acrescenta que, às vezes, é difícil diferenciar a atitude (voluntária) da emoção (involuntária).

Porém a autora acredita que a emoção não está totalmente desvinculada da produção da ênfase, sendo um dos fatores que influenciam esse processo. Entretanto, esse domínio não será abordado nesta pesquisa, pois é perfeitamente possível explorar apenas a prosódia da atitude, como mostra Morlec et. al (2002). Esse autor afirma que atitudes são diferentes de outras expressões comunicativas fundamentais (relacionadas com estados fisiológicos), pois a atitude é intencional e visa fornecer informações ao interlocutor. Ele diz ainda que as atitudes são adquiridas e aprendidas, e que variam entre culturas e até mesmo entre indivíduos. Pode-se inferir, portanto, que esse autor diferencia atitude de emoção, visto que esta última é considerada uma expressão comunicativa relacionada a estados fisiológicos.

Wichmann (2002) também fornece um suporte nesse sentido, pois apresenta em seu trabalho uma distinção entre entonação expressiva e entonação atitudinal. Esta autora coloca que a entonação expressiva reflete as emoções – como o indivíduo está, o que ele está sentindo – e que a entonação atitudinal reflete o comportamento do falante – como ele está agindo, quais são suas intenções. Mas ela ainda inclui uma terceira categoria, a das atitudes proposicionais. Essas atitudes refletem opiniões, crenças ou conhecimentos, e são afetivamente neutras. Podemos situar, então, nosso objeto de estudo dentro desse domínio da atitude do falante.

2.2 A Prosódia e a atribuição de significados

Em função da sua importância, é relevante discorrer um pouco mais sobre a função prosódica de atribuição de significados e o que foi dito por vários autores supra citados. O significado envolve a importância dada pelo falante à determinada parte do enunciado. Cooper (1991) afirma que os indivíduos usam vozes diferentes para situações diversas e o ouvinte é influenciado pelas

imagens vocais que constrói, sendo que a entonação utilizada pode ser percebida pelas pessoas tanto como natural e agradável ou artificial, afetada, irritante ou monótona.

Cagliari (1993) acrescenta que os valores semânticos e pragmáticos dos elementos prosódicos estão voltados basicamente para a interpretação pessoal do falante, pois, ao organizar o que vai falar, o falante tem diante de si várias opções para realizar determinado efeito semântico através dos elementos prosódicos, – o que propicia ao locutor uma variedade maior de formas de expressão. As sutilezas de significados nas atitudes do falante se refletem nas escolhas dos elementos prosódicos e no modo de programar as palavras que são ditas.

Morlec et. al (2002) diz que a prosódia informa tanto sobre o conteúdo fonológico, lexical e sintático do discurso, quanto sobre o envolvimento do falante no processo de comunicação. Essa afirmação é confirmada por Aubergé (2002), segundo o qual a prosódia integra múltiplas funções que operam nos níveis lingüístico, pragmático, emocional e idioletoal.

De acordo com Mozziconacci (2002) a prosódia pode adicionar informações ao conteúdo estritamente lingüístico da mensagem ou até mesmo modificar o significado literal do conteúdo. A autora acrescenta que são as pistas prosódicas que realizam a função lingüística de estruturação do diálogo e do discurso, assinalam o foco, fornecem informações como o sexo do falante, idade e condição física, seu ponto de vista, a(s) emoção e a(s) atitude(s) do falante em relação ao tópico, ao parceiro no diálogo, ou à situação.

Então, tendo adotado para esse estudo a visão de que o significado entonativo pode modificar o significado lexical da sentença (PIKE, 1945; CRYSTAL, 1969; HALLIDAY, 1970; BOLINGER, 1986; TENCH, 1990; CAGLIARI, 1993; MORATO & FREITAS, 1993; LADD, 1996; BRAZIL,

1997; PICKETT, 1999; AUBERGÉ, 2002; MORLEC et al, 2002; MOZZICONACCI, 2002) – adicionando inclusive a atitude do falante ao contexto desta – é possível concluir que um texto sem prosódia é um texto privado de nuances de sentidos, impedindo a interpretação integral do enunciado. Logo, o estudo prosódico dentro da área lingüística é bastante relevante.

2.3 Ritmo e entonação - A teoria de Halliday

Como dito anteriormente, Halliday (1970), em seu estudo sobre os sistemas rítmico e entonativo do inglês britânico, apresenta uma proposta teórica que, pela sua grande relevância na área, foi escolhida para embasar esta pesquisa.

Halliday propõe que a entonação está relacionada ao nível fonológico. Ele considera como sendo o grupo tonal a unidade de informação da entonação, sendo ele quem carrega a melodia principal do proferimento. O autor diz que, ao falar, o locutor profere uma sucessão de grupos tonais de diversas extensões; sendo que cabe a esse locutor dividir a mensagem nessas unidades de informação, de acordo com o significado que deseja transmitir. É importante ressaltar que essas unidades não têm necessariamente que coincidir com uma sentença, já que representa um outro nível de organização.

O grupo tonal (GT) é constituído por um número de pés, que por sua vez é constituído por um número de sílabas. O pé, ou pé métrico, é a unidade rítmica, que corresponde a uma sílaba tônica ou a uma sílaba tônica e outra(s) não tônicas(s).

Segundo Cagliari (2002), o português brasileiro é considerado uma língua de ritmo acentual, uma vez que as batidas rítmicas ocorrem no tempo forte dos compassos. Numa língua como o Português, a onda rítmica apresenta pés rítmicos, formados por uma sílaba tônica seguida ou não por uma ou mais sílabas átonas, sem que as fronteiras dos pés rítmicos coincidam com as unidades morfológicas. Essa sílaba tônica constituinte do pé métrico será tratada nesse trabalho como sílaba tônica rítmica.

A unidade de análise do GT é a sílaba saliente, que contém a principal informação da mensagem: movimento melódico mais importante, maior duração e maior intensidade. Ela é considerada como o núcleo desse GT, sendo ela a que mais contribui para o significado entonativo deste; isto é, a sílaba saliente é considerada o foco da informação. A principal característica desta sílaba é que ela é mais longa e mais intensa.

O contorno melódico do GT possui uma representação fonológica – os tons – que representam os contornos melódicos significativos da língua. Halliday descreve cinco tons simples e dois compostos, relacionando-os com números. Os tons simples são definidos como tom 1 - descida, tom 2 - subida alta ou descida/subida, tom 3 - subida baixa, tom 4 – descida/subida completa e tom 5 – subida/descida completa. Os tons compostos são as combinações desses cinco tons simples, sendo eles o tom 13 – descida mais subida baixa, e o tom 53 – subida/descida completa mais subida baixa. Cada um desses tons possui um significado, caracterizando o enunciado, por exemplo, como declarativo ou interrogativo. É devido a isso que o autor afirma ser a entonação responsável pela transmissão de parte do significado. A escolha do tom relaciona-se ao modo, à modalidade, aos atos de fala, às atitudes e a todos os fatores que construirão a relação entre locutor e ouvinte.

Pode-se, então, entender a teoria de Halliday sobre o sistema entonativo e rítmico da língua, através da definição dos três subsistemas entonacionais propostos por ele: i) tonalidade - refere-se à delimitação do GT; ii) sistema de tonicidade – trata da marcação do ritmo através da determinação das sílabas tônicas e da sílaba saliente do GT; e iii) tom – consiste na definição do contorno melódico do GT.

A relação da nossa pesquisa com a teoria de Halliday está na afirmação do autor de que a sílaba tônica rítmica é produzida com variação em um ou mais parâmetros acústicos, enquanto a sílaba tônica saliente é aquela que possui a maior variação melódica e os maiores valores de duração e intensidade dos segmentos da sílaba. Segundo Bolinger (1986), a parte mais atrativa do enunciado é revelada pela sílaba tônica (nuclear), manifestando inclusive o humor, a emoção e a atitude, necessários para a compreensão do discurso. Já em relação à tônica saliente, Cagliari (1992) diz que essa sílaba marca o foco das sentenças, estruturando de maneira peculiar a argumentação do discurso.

Restam, no entanto, algumas indagações: sendo a ênfase uma proeminência de determinada parte do enunciado – marcada, inclusive, por variações dos parâmetros prosódicos – como ela se diferencia prosodicamente das sílabas tônicas rítmicas e das tônicas salientes? Esse é um dos aspectos que serão verificados.

2.4 Considerações sobre a sílaba

A sílaba é um fenômeno complexo que ainda gera discussões e definições controversas, envolvendo teorias tanto fonéticas quanto fonológicas. Como o presente estudo prosódico

utilizou a sílaba – enfática, rítmica e saliente – como unidade básica de análise, é necessário definir o que é uma sílaba sob o ponto de vista de alguns autores.

Há quase um século atrás, Saussure (1916) chamava atenção para o fato que na língua não existem apenas sons, mas extensões de sons, nos quais as sílabas aparecem mais diretamente do que os sons que as compõem, sendo as sílabas unidades lingüísticas essenciais na organização da cadeia da fala. Ele define a sílaba, caracterizando-a como uma unidade motora (de articulação) da combinação de dois tipos de realizações motoras na produção dos fonemas: fechamento e abertura. Isso porque, os fonemas de uma língua são constituídos de duas realizações fonéticas: implosão (fechamento) e explosão (abertura). A sucessão destas realizações físicas leva à distinção entre os fonemas, e a combinação entre elas permite ao ouvinte a percepção das unidades de segmentos de sons caracterizadas como sílabas.

Grammount (1965) vai além da teoria de Saussure, pois ele caracteriza a sílaba do ponto de vista fonológico e fonético. Semelhante à proposta de Saussure, sua definição vê a sílaba fonologicamente como a sucessão de uma abertura crescente e um fechamento progressivo. Foneticamente ela é definida pela tensão fisiológica dos órgãos articulatórios durante a realização física dessa propriedade fonológica de abertura intrínseca dos fonemas; tensão essa que é crescente na parte ascendente da sílaba, e decrescente na parte descendente.

Cagliari (2002), da mesma maneira que o autor supracitado, afirma que a sílaba pode ser vista como uma unidade fonológica ou fonética. Ele caracteriza as sílabas como saliências auditivas que são regidas tanto pelos sistemas da língua (aspectos fonológicos) quanto pelos aspectos fonéticos, visto que são realizadas foneticamente pelo mecanismo motor que controla a respiração (corrente de ar) durante a fala. O autor acrescenta que, do ponto de vista fonológico, a

sílaba é uma unidade que pode não coincidir com o resultado fonético resultante na fala real, sendo esta última uma unidade derivada e não constituinte da forma de base das palavras. A importância da sílaba como unidade de análise é bem definida por Cagliari, pois ele sustenta que a sílaba, tônica ou átona, é a unidade básica da realização da maioria dos fenômenos prosódicos, sobretudo, daqueles relacionados com o ritmo.

No mesmo texto, o autor fornece uma definição de sílaba tônica e faz alguns comentários relevantes para esta pesquisa:

“Algumas sílabas apresentam algumas características a mais, e são chamadas de sílabas tônicas: se uma sílaba tiver maior duração, ocorrer com uma mudança na curva entoacional ou for dita com maior força, tais parâmetros podem distingui-la das demais. São as sílabas tônicas. Essa caracterização especial também precisa ser planejada de antemão, para que o mecanismo aerodinâmico realize com sucesso e perfeição o que se espera. Se houver outras alterações, como algum tipo de isocronismo entre as sílabas tônicas, tal informação também deve ser dada de antemão para o mecanismo aerodinâmico, a fim de haver uma programação e uma realização correta das sílabas, porque estas unidades é que vão carrear as informações a respeito de como uma sílaba se distingue de outra na corrente da fala, qual a duração intrínseca de cada segmento e da sílaba como um todo, qual delas deverá ter os acréscimos necessários para se tornarem tônicas e que velocidade de fala deverá ser imprimida à dinâmica da produção de modo a não destruir as durações intrínsecas e, ao mesmo tempo, configurar e realizar o ritmo de forma correta.”

Assim como Cagliari, Ladefoged (1975) também afirma que as sílabas tônicas apresentam um padrão diferenciado das átonas, sobretudo a sílaba tônica frasal e que sua caracterização motora corresponde ao que afirma a teoria das pulsações torácicas de Stetson (1951) – onde cada sílaba corresponde a um aumento da pressão do ar saindo dos pulmões como uma série de pulsações torácicas.

2.5 Parâmetros de análise

Dentre todos os aspectos abordados pelos autores citados acima e que são responsáveis pela produção prosódica da mensagem, os aspectos acústicos foram selecionados para este estudo. Nossa análise da realização do fenômeno da ênfase pelos locutores de telejornalismo será baseada, portanto, em parâmetros acústicos.

2.5.1 Parâmetros acústicos

A estruturação prosódica dos enunciados baseia-se nos seguintes parâmetros fonéticos: frequência fundamental, duração física e intensidade física (HALLIDAY, 1970; LADD, 1996; TENCH, 1990; BRAZIL, 1997; REIS, 2005). Gonçalves (1997) reforça essa afirmação, dizendo que para o português brasileiro, os traços prosódicos - duração e intensidade extras e elevação na altura - independentes ou em conjunto com as estratégias morfossintáticas, são imprescindíveis para a atribuição de informação focal a um elemento do texto. Uma vez que os dados analisados nesta pesquisa são relativos a esses parâmetros acústicos, passemos a descrevê-los.

2.5.1.1 Frequência fundamental

A frequência fundamental (F0) é definida como sendo o correlato físico correspondente à melodia (CRYSTAL, 1969; LADD, 1996), sendo, portanto, importante para o estudo prosódico.

Segundo Behlau & Pontes (1995), F0 é um parâmetro relacionado à frequência de vibração das pregas vocais, ou seja, ao número de ciclos glóticos que as pregas vocais fazem em um segundo. Behlau (2001) acrescenta que esse parâmetro é o resultado da associação de três fatores: o

comprimento das pregas vocais, as características biodinâmicas dessas e à sua integração com a pressão subglótica. Sua unidade de medida é o Hertz (Hz).

Coradi (2003) diz que os valores de frequência fundamental revelam características específicas do indivíduo, como sexo, idade, ocorrência de patologias e até estado emocional. Em relação ao sexo e idade, as frequências fundamentais das vozes masculinas variam de 80 a 150 Hz, as femininas de 150 a 250 Hz e as das crianças encontram-se acima de 250 Hz (BEHLAU & PONTES, 1995).

A análise de F0 será realizada por meio do cálculo dos intervalos melódicos de cada sílaba tônica estudada. Para Ladd (1996), a variação melódica é um dos melhores parâmetros para análise da frequência fundamental. Ela é medida pela variação de subidas e descidas melódicas, estudada por meio da curva de frequência fundamental. (PIKE, 1945; CRYSTAL, 1969; BOLINGER, 1986). Ladd afirma que a melodia varia segundo o sexo, a ocasião e o estado emocional do falante e de uma parte do enunciado para outra. Segundo Pierrumbert (1980) e Moraes (1993), a caracterização do contorno de F0 é o parâmetro mais relevante para o estudo quantitativo da entonação. Além disso, serão analisados os valores de F0 inicial e final (ponto mais alto ou mais baixo) na vogal de cada sílaba tônica – TR, TS e TE.

Sendo assim, um dos interesses deste estudo é exatamente investigar se, apesar das possibilidades de mudança na variação e amplitude melódica individual, o grupo de locutores avaliados apresenta um padrão melódico próprio para a caracterização das ênfases.

2.5.1.2 Intensidade

Para definir esse parâmetro, a proposta de Crystal (1969) foi considerada a mais abrangente, já que, para esse autor, a intensidade deve ser analisada a partir tanto de uma perspectiva física quanto lingüística.

Em relação ao aspecto físico, ela é considerada como um correlato auditivo de amplitude; sendo a força do fluxo aéreo realizada na emissão da fala. Essa força é controlada, segundo Behlau & Pontes (1995), pela pressão subglótica da corrente aérea, diretamente relacionada ao fluxo aéreo subglótico e à adução das pregas vocais. Sua unidade de medida é o decibel (dB).

Quanto ao aspecto lingüístico, Crystal (1969) coloca que a intensidade refere-se ao acento, relacionado ao fenômeno de proeminência. Em seus estudos, o autor confirma que as sílabas acentuadas (tônicas) têm maior intensidade do que as sílabas não acentuadas.

Laver (1994) acrescenta que outros fatores não lingüísticos podem influenciar variações na intensidade da fala, sendo eles os fatores paralingüísticos (como, por exemplo, o tom de voz) e os extralingüísticos (como a distância dos participantes e os lugares físicos e sociais nos quais a conversação está acontecendo).

Sendo assim, um dos objetivos deste trabalho é verificar se o fenômeno da ênfase apresenta valor de intensidade diferenciado em relação às demais sílabas tônicas; atestando se os fatores paralingüísticos e extra-lingüísticos atuam de forma a criar um padrão de intensidade enfática para a locução dos repórteres de telejornal.

2.5.1.3 Duração

O fenômeno de duração relaciona-se ao aspecto temporal de produção do segmento. Valente (2003) sugere que a duração pode estar relacionada ao tempo total de um enunciado ou às seqüências de fala e de pausa que o compõem e, de forma mais restrita, à duração de um único segmento como, por exemplo, de uma vogal.

A duração, assim como os outros parâmetros prosódicos, também é influenciada por aspectos segmentais (fonéticos e fonológicos), por aspectos supra-segmentais (prosódicos) e por aspectos contextuais (paralinguísticos e extra-linguísticos).

Em relação aos aspectos fonéticos, a duração pode ser definida pela natureza do segmento, sendo uma propriedade dele (LAVÉ, 1994). Sua unidade de medida utilizada é o segundo (s) ou o milissegundo (ms). Alguns autores, como Pike (1945) e Lehiste (1977), afirmam que a duração de um segmento pode ser determinada pelo seu ponto e maneira de articulação.

Segundo Cagliari (2002), no domínio fonológico, existe uma *corrente da fala*, fazendo com que todas as sílabas (ou segmentos) tenham que ter uma duração que não pode ser aleatória, sendo o tamanho de cada sílaba definido por essa duração intrínseca. Segundo Laver (1994) a duração significa alongamentos ou encurtamentos de segmentos, influenciada pelas estruturas lexicais locais – acento da sílaba, posição da sílaba no enunciado e o número e tipo de sílabas que constituem a unidade rítmica local. Cagliari (1993) vai além, dizendo que variações prosódicas, tais como a duração, não dependem exclusivamente das atitudes do falante, podendo ocorrer por inúmeros outros fatores de uso da linguagem, como a estruturação sintática das frases, de textos, limitações do processo de produção de fala e ajustamento fonético e fonológico contextual pura e simplesmente. A frequência de utilização dos vocábulos na língua também pode influenciar na

produção da duração. Bolinger (1986) afirma que quanto mais uma expressão é usada, mais as suas partes tendem a se fundir e a serem pronunciadas mais rápidas; enquanto que uma informação nova apresenta uma duração maior.

Quanto ao aspecto prosódico, Cagliari (1983) diz que no ajustamento rítmico, a duração deverá interagir com as regras de acento, qualidade vocal, entonação e velocidade de fala. Ele também acrescenta que a sílaba que ocorre na sílaba tônica saliente sempre é longa. Crystal (1969) e Pike (1945) afirmam que a duração é um aspecto que salienta, põe em evidência alguma característica do enunciado, marcando sua proeminência. Pike acrescenta, dizendo que, quando um contorno entonativo cai sobre uma vogal, esta será mais longa do que o habitual. Moraes (1987) e Massini-Cagliari (1992) corroboram essa idéia, pois para eles a sílaba acentuada é sempre a mais longa do enunciado, o que faz com que a duração seja o correlato acústico para o acento em português.

Para o estudo aqui proposto, a duração é um parâmetro extremamente relevante, tendo em vista que, além de marcar proeminência, ela pode também ser utilizada com o propósito de expressar uma atitude ou para chamar a atenção do interlocutor - o que está relacionado aos aspectos contextuais citados acima. Além disso, variações alofônicas da duração dos segmentos e padrões estilísticos também podem estar presentes na sua estruturação.

A partir das colocações acima, fica demonstrada a importância de se analisar o parâmetro da duração na produção da ênfase, com o intuito de distinguir seu uso nas demais sílabas tônicas, e conseqüentemente, verificar se há um padrão temporal enfático próprio na enunciação profissional do grupo em questão.

3 A ÊNFASE

3.1 A ênfase na linguagem

A ênfase, dentro de um processo de comunicação, pode ser definida como o ato de acentuar, ressaltar, focalizar, de por em evidência um determinado item do texto (GONÇALVES, 1997). É uma proeminência, um grifo dado a uma sílaba, palavra ou sintagma, que tem como objetivo destacar uma informação do enunciado, auxiliando na construção de significados e revelando aspectos que podem ir além da informação textual.

Para diversos autores este fenômeno lingüístico busca fornecer ao alocutário, do ponto de vista da interação sócio-lingüística, uma visão pessoal do locutor; visão esta relacionada ao contexto e às suas intenções pragmáticas.

Reis (2005) define muito bem esse termo. Para ele, dar ênfase à fala é “aquele recurso usado pelo locutor quando, além da informação presente no significado proposicional da sentença, se quer ressaltar uma(s) palavra(s), dando uma qualidade de segurança da informação, ou de indignação, entre outros, ou apenas para chamar a atenção do ouvinte”.

Numa situação discursiva, a linguagem possui diversos recursos para enfatizar: recursos sintáticos – como a topicalização, e a inversão da ordem sintática dos elementos do enunciado – semânticos e prosódicos; além do uso de metáforas, de quantificadores, de repetições de palavras, de gestos, mímicas, expressões faciais, entre outros.

Dentre as várias possibilidades, destacamos a ênfase prosódica como o objeto desse estudo. Entretanto, cabe ressaltar que, apesar de delimitar a presente pesquisa apenas na investigação de

alguns dos aspectos prosódicos utilizados para a produção de proeminências enfáticas através do uso de parâmetros prosódicos, como a duração, frequência fundamental e intensidade, sabe-se que todos os recursos citados anteriormente atuam em conjunto para a construção da ênfase no discurso e que, em vários momentos, eles estarão motivando, anulando ou influenciando as variações desses parâmetros prosódicos.

3.2 A ênfase Prosódica

A ênfase prosódica, de acordo com Gonçalves (1997), é um fenômeno que, além de modificar a estrutura fonológica do item focalizado no que diz respeito aos seus traços prosódicos básicos (duração, intensidade e frequência fundamental), pode nuançar tanto o sentido literal do vocábulo quanto o do enunciado, pondo em jogo, assim, o entendimento do que foi dito pelo falante e compreendido pela audiência.

Mesmo delimitando este estudo dentro do campo da prosódia, é importante ressaltar que os aspectos prosódicos da fala se organizam em vários subsistemas fonológicos, que são: o acento, o tom, a entonação, o ritmo, a velocidade de fala e a pausa (REIS, 2005). Sendo assim, em relação aos subsistemas mencionados acima, a proposta deste trabalho restringe-se à ênfase relacionada ao uso do acento. Por isso os demais aspectos prosódicos não serão abordados neste momento; mesmo sabendo que esses aspectos apresentam estreita relação entre si e com outros componentes da gramática.

Reis (2005) situa bem o objeto de estudo deste trabalho dentro do domínio supra-segmental da linguagem oral. Segundo ele:

“... há características sonoras que não são necessárias à identificação dos diferentes segmentos ou fonemas do enunciado, mas à organização fônica das sílabas, como a

proeminência de uma das sílabas de cada palavra, que constitui o chamado acento da palavra, sendo essas proeminências responsáveis aqui pela estruturação da seqüência silábica no chamado ritmo acentual em sílabas fortes e fracas”.

Sabe-se que, dentro da organização métrica da prosódia, há o acento lexical, que é determinado pela gramática e, num certo nível, definido no léxico. Mas quando se deseja transmitir algo a mais do que a informação presente no significado proposicional da sentença – como atitude, emoção, ou simplesmente chamar a atenção do interlocutor para uma determinada parte da mensagem – utilizamos um outro recurso acentual, por vezes denominado acento enfático. O termo *ênfase* usado neste trabalho refere-se a esse recurso.

Hemphill (1956), em seu texto sobre a proeminência na escrita literária – especificamente na versificação – faz uma distinção de acento e ênfase. De acordo com o autor, acento seria uma proeminência invariavelmente dada para uma ou mais sílabas em uma palavra. Já a ênfase seria uma proeminência dada a uma ou mais palavras em uma sentença, variando com o humor e a intenção do falante. O primeiro seria, então, “fixo” em todas as ocasiões quando é usado, a menos que razões especiais exijam atrair atenção a uma das outras sílabas; enquanto a segunda, seria uma variante livre.

Roach (2002) discute de forma mais ampla a diferença entre acento e proeminência, em seu trabalho intitulado “Uma pequena enciclopédia de fonética”. Para o autor, acento é um tópico extenso e apesar do fato de que vem sendo extensivamente estudado há um longo tempo, ainda permanecem muitas áreas obscuras na sua compreensão. Basicamente, para o autor, o acento diferencia as sílabas em fortes e fracas – as primeiras definidas como acentuadas ou tônicas – sendo essa diferença um ponto de grande importância lingüística nos diversos idiomas. Ele acrescenta que sílabas fortes e fracas não acontecem ao acaso; sendo que em algumas línguas eles

têm uma função lingüística importante, principalmente por fazer parte da composição fonológica das palavras. Roach diz que a sílaba acentuada é produzida por um aumento da pressão pulmonar e por movimentos articulatórios do trato vocal, que resultam em vários efeitos audíveis – variações melódicas, aumento da duração e da intensidade dos segmentos.

Em relação à proeminência, ou ênfase, o autor a define como sendo a sílaba que se destaca no enunciado, dependendo inicialmente da habilidade do falante em torná-la mais informativa que as demais. Ele afirma que há várias maneiras de salientar uma sílaba, principalmente através do aumento da duração, da intensidade e da variação melódica.

Como foi possível observar, Roach cita as mesmas características acústicas tanto para produzir a sílaba tônica quanto para produzir a ênfase. Isso nos leva a um questionamento inevitável: o que, então, diferencia essas duas sílabas entre si? Nossa hipótese, já que são os mesmos parâmetros responsáveis tanto pelo acento como pela ênfase, é que na ênfase, os parâmetros prosódicos se organizam de tal forma que o ouvinte é levado a direcionar sua atenção para pontos específicos de um texto. Esse é o foco da presente pesquisa.

Sobre a definição da ênfase, Reis (2005) diz que ela pode ser designada de várias maneiras: acento, acento enfático, ênfase, focalização, foco, proeminência. Ao se investigar esses conceitos na literatura pertinente nota-se que existem controvérsias entre os estudiosos da área, inclusive quanto à conceituação dos termos. Alguns autores os diferenciam, outros, como os tratam como sinônimos – o que acarreta, muitas vezes, em um emprego conflitante desses termos. Sendo assim, faz-se necessária uma discussão mais ampla sobre o tema.

3.2.1 A tonicidade

As sílabas tônicas ou acentuadas são produzidas com um pulso torácico aumentado, sendo que a vogal acentuada é auditivamente percebida como tendo duração mais longa e intensidade mais forte. Essas vogais tônicas carregam o acento mais forte – acento primário – e as vogais átonas carregam o acento secundário ou são isentas de acento. Logo, as tônicas são aquelas que apresentam uma proeminência acentual em relação às demais vogais. A relação existente entre essa tonicidade (acento primário, secundário e ausência de acento) leva à construção do ritmo da fala, organizando a cadeia sonora de acordo com a distribuição acentual das sílabas. Sendo assim, o ritmo é função de uma estrutura acentual atuando sobre a cadeia segmental.

As línguas que utilizam o acento na estruturação do ritmo da fala, como o português brasileiro, são denominadas línguas de ritmo acentual. Cagliari (2002) diz que nessas línguas, o ritmo da fala é semelhante ao ritmo da música, com compassos de tempos iguais e com as batidas rítmicas ocorrendo no tempo forte dos compassos. Outro tipo de ritmo, diferente do acentual, é o ritmo silábico. Dentro do domínio do ritmo nas línguas acentuais, os padrões entoacionais definem os parâmetros melódicos, com suprasegmentos (traços prosódicos) e segmentos interagindo na construção da fala.

Cagliari (2002) aponta que, foneticamente, a tonicidade é uma saliência perceptual causada por variações nos aspectos de intensidade, duração e/ou altura melódica dos segmentos, quando comparados com outras sílabas (átonas). A altura melódica só reforça uma sílaba já tornada tônica por outros fatores como duração e intensidade. Essa sílaba tônica reforçada ajuda a definir padrões entoacionais e o ritmo. O conhecimento da tonicidade também é dado pelo sistema da língua, o que leva o falante a reconhecer a tonicidade a partir desse conhecimento e não da simples observação auditiva.

Celik (2001) em seu trabalho sobre a entonação do inglês, diz que o acento é uma característica prosódica importante, aplicado à sílabas individuais e produzido através do aumento da intensidade, do comprimento, e/ou de uma melodia mais elevada, sendo que cada um desses aspectos pode ter grandezas diferentes em momentos diferentes. O autor afirma que o acento é uma característica essencial da identidade da palavra em inglês, mas que é evidente que nem todas as sílabas de uma palavra recebem o mesmo nível de tonicidade. No discurso conectado tem-se pelo menos dois tipos: a sílaba acentuada e a não acentuada. No nível frasal, normalmente, as palavras que carregam uma quantidade maior de informação nova no enunciado possuem um acento mais elevado do que aquelas que não introduzem dados novos e daquelas que são previsíveis no contexto.

Como dito anteriormente, existem várias definições sobre a manifestação acentual do discurso, sendo que muitas vezes não há um consenso entre todos os autores quanto à conceituação do fenômeno da ênfase. A seguir, será apresentado um resumo das colocações de autores renomados sobre o tema, com o intuito de se delimitar bem o objeto de estudo desta pesquisa.

3.2.2 Definindo a proeminência acentual

Um bom ponto de partida é a distinção que Bolinger (1972) faz entre acento melódico (*accent*) e acento tônico (*stress*), possibilitando, logo de início, uma diferenciação do que será considerado como proeminência acentual:

“Many linguists use the term stress for what I have been calling accent, or employ the terms interchangeably. I find it more useful to distinguish them, and accordingly, I reserve accent for the syllable which actually is highlighted in a sentence – to show the importance of a word- and apply stress to the particular syllable in the word that gets the accent if the word is important enough to get one. In the word fanfare, the stressed

syllable is the first; in festoon, the second. While there are certain rough tendencies, such as favoring an initial stress in nouns and adjectives and an end stress in verbs, stress in English can go anywhere.”

Nessa citação, Bolinger afirma que muitos lingüistas usam o termo *stress* para designar o que ele chama de *accent*, ou os empregam como sinônimos. O autor acredita ser importante distinguir esses dois termos. Sendo assim, *stress* é utilizado para aquela sílaba particular que recebe o acento se a palavra for importante o bastante para ter um, sendo que esse acento indica a tonicidade de uma sílaba, definindo-a como sílaba tônica (contrapondo à sílaba átona). Já *accent* é usado para a sílaba em destaque, isto é, a sílaba da palavra que de fato é posta em evidência na sentença para chamar atenção para a importância da palavra. Esse termo pode ser traduzido como acento melódico, sendo, então, o termo correlato de ênfase.

A definição de Bolinger para acento lexical é semelhante a de outros autores, como Cutler & Isard (1980), que o definem como uma marca de acento de palavras individuais (acentos da palavra advindo do léxico mental), sendo relacionado ao conhecimento internalizado de regras do padrão acentual de uma dada língua, isto é, dos princípios que regulam o padrão de acentuação de cada língua.

A diferenciação entre acento melódico e acento lexical também é utilizada por outros estudiosos, como Cutler & Isard (1980). Eles colocam que dentro de um enunciado de mais de uma palavra há freqüentemente uma palavra de maior proeminência que as outras, sendo essa palavra de maior proeminência a portadora do acento melódico do enunciado. Laver (1994) diz que a proeminência não é lexicalizada, não vem com a palavra. Ele distingue o acento enfático – termo utilizado por ele, ao invés de acento melódico – do acento lexical, afirmando que, no primeiro,

sua organização se dá pelo contexto (escolha do falante), enquanto que no segundo, pelas regras fonológicas da língua.

Em relação ao acento melódico (ou acento de altura), Bolinger (1972) afirma que há um elemento previsível importante: qualquer sílaba tônica, longa e que não contenha apenas vogais reduzidas pode receber acento melódico; sendo a escolha determinada pela intenção do falante. Logo, de acordo com o autor, apenas sílabas acentuadas podem ser focalizadas.

Complementando, Bolinger (1986) diz que no fluxo da fala, há um contínuo mais ou menos estável que, ao ser interrompido, é percebido como proeminente. Essas proeminências são as realizações de um desejo do falante de enfatizar uma palavra ou qualquer outra unidade lingüística. O autor acrescenta que o acento frasal refere-se à parte do enunciado que possui potencial para receber o foco, por meio da sílaba tônica proeminente. Para ele, o que torna uma sílaba proeminente é sua saliência em melodia, à qual é geralmente adicionada um pouco de duração extra e também, durante uma boa parte do tempo, uma variação da intensidade (podendo ser tanto o aumento quanto a diminuição). Quanto à melodia, ele acrescenta que as variações de subidas e/ou descidas na entonação, além de separar uma sentença da outra, separam elementos que tenham diferentes graus de importância na sentença.

Bolinger afirma ainda, conforme dito anteriormente, que línguas com essa característica possuem um sistema acentual, sinalizando a importância de uma palavra através do acento, dando proeminência melódica para uma das suas sílabas. Entretanto, os sistemas acentuais envolvem mais do que marcar palavras importantes através da sua acentuação. Acentos e determinadas posições dos acentos tornam-se características de sentenças. Quando isso acontece, um ajuste pode ser necessário entre o acento de interesse, no caso o acento melódico, e um acento preferido

(em outro local). Existe uma preferência por acentuar os dois extremos das sentenças, como que para anunciar seu início e seu fim; mas se houver um conflito entre os dois (interesse x preferido) o acento de importância sempre prevalece.

Ao tratar da ênfase, Ladd (1996) apresenta dois tipos de proeminência, que ele nomeia como foco largo e foco estreito. Ele propõe a Teoria *Focus-to-accent* (Foco-Acento ou FTA), onde faz uma relação direta entre acento e foco. Essa teoria de distribuição da proeminência possui duas vertentes. A primeira, que trata do foco largo, é a teoria baseada na estrutura, que compreende dois aspectos complementares: i) onde ocorre o foco num determinado enunciado; e ii) como um padrão de foco é estruturado pela atribuição do acento. Nesse caso ele relaciona acentos e constituintes, pois considera que o foco é dado pela estrutura (aspectos sintáticos e semânticos específicos de uma língua). A segunda, que trata do foco estreito, é a teoria baseada no realce, ou teoria radical, que preconiza: i) a atribuição de acentos dentro de constituintes focalizados depende de fatores pragmáticos; e ii) o acento significa diretamente foco e saliência no discurso, fazendo parte de uma função entonativa de proeminência. Ele complementa, dizendo que palavras e constituintes dos enunciados podem ser focalizados por várias razões, sendo marcados pela variação melódica.

Como visto, em cada vertente o autor aponta um tipo diferenciado de acento. Na primeira – teoria baseada na estrutura – o acento é definido como acento normal e, na segunda – teoria radical – como acento contrastivo. Para Ladd o acento normal é o resultado da aplicação de regras fonológicas sobre a estrutura sintática de superfície, não tendo função ou significado pragmático. Já o acento contrastivo é aquele determina o segmento que se deseja ressaltar no enunciado – segmento proeminente – não sendo atribuído pelas regras fonológicas e sim por aspectos pragmáticos. Esses conceitos se assemelham aos de Bolinger (1972). Fazendo um paralelo entre

as teorias, o que Ladd define como acento normal e acento contrastivo, Bolinger nomeia como acento lexical (*stress*) e acento melódico (*accent*), respectivamente.

Sendo assim, o foco largo refere-se a um enunciado sem foco específico, destacando-se todo o constituinte ou a sentença. Ele é determinado pela estrutura, porque a distribuição acentual é variável entre as diversas línguas, e relaciona-se com o acento normal – sendo a sílaba em destaque a última sílaba tônica – não possuindo, pois, proeminência acentual (relaciona-se ao *dado*). Já o foco estreito é aquele que possui proeminência acentual – acento contrastivo – apresentando um local específico de mudança no movimento melódico para destacar uma palavra, identificando uma informação nova no contexto conversacional (relaciona-se ao *novo*).

Apenas para situar melhor uma questão apontada acima, sabe-se que essa relação entre *dado* e *novo* é um aspecto que influencia significativamente a distribuição acentual, sendo que várias línguas seguem determinados parâmetros na escolha das proeminências dos tipos de enunciados. No português, como sugere Moraes (1998), o que é mais informativo (*novo*) é marcado pelo acento e o *dado* não é acentuado, sendo a entonação o parâmetro que sinaliza e auxilia na distinção entre tema (*dado*) e rema (*novo*) ao segmentar um discurso contínuo em unidades de informação.

Utilizando termos diferentes – acento neutro e foco estreito – Reis (2005) também corrobora com a idéia de que os acentos são definidos pela posição no enunciado. Quando nenhum dos termos de uma frase está destacado, o acento recai na última tônica do enunciado – o que ele chama de acento neutro. Entretanto, quando se deseja destacar um dos termos do enunciado, esse acento cai, preferencialmente, em qualquer sílaba tônica que não seja a última. Logo, desloca-se a proeminência, a partir da última sílaba tônica. Para o autor, ênfase é o um dos termos usados para designar esse processo.

Pode-se concluir, então, que o conceito de ênfase se aproxima do que Ladd definiu como sendo foco estreito, sendo evidenciado a partir do acento contrastivo. Sobre a relação entre acento e foco, ele diz que há um consenso de que a acentuação de uma sentença reflete de certa forma o foco intencional da enunciação. Apesar de definir o acento contrastivo como o traço local do contorno melódico, assinalando ênfase dentro do enunciado, ele ressalta que ainda não há consenso sobre como esse foco é realmente manifestado pelo acento; isto é, que nem sempre a relação entre acento e foco é tão simples assim. Ele diz que há casos de ambigüidade sugerindo que sinalizar foco não é simplesmente uma questão de colocar acentos em palavras individuais realçadas, mas a aplicação de princípios que decidem qual palavra leva o acento quando um determinado constituinte está focalizado. O autor conclui que, em certas línguas, o fato de uma palavra conter uma determinada carga de informação é relevante para sua acentuação ao passo que em outras não o é. E mesmo dentro de uma mesma língua, restrições lexicais, gramaticais, diferenças dialetais tornam imprevisível e inexplicável a escolha da palavra acentuada.

Alguns autores também lançam mão da teoria foco-acento para definir a proeminência. Frota (2002), por exemplo, concorda com Ladd quanto à diferenciação de foco largo e estreito. Ela acrescenta que a duração silábica e a distribuição do acento melódico são elementos decisivos para a compreensão da proeminência frasal. Segundo a autora, a proeminência frasal refere-se a uma forma marcada, ou seja, possui um foco estreito. Já as formas de proeminência neutra ocorrem nas sentenças sem foco. Frota conclui afirmando que no português brasileiro a proeminência frasal e o fenômeno entonativo são essenciais para expressar o foco.

Assim como Bolinger, Laver, Ladd e Frota, outros autores também não diferenciam ênfase de foco. É o caso de Medeiros & Makimo (2001) que definem foco tanto como um “destacador” do

constituente (o que se aproxima mais do conceito de ênfase), quanto como um “distribuidor” dos grupos entonacionais (marcando a proeminência frasal).

Gonçalves (1997), em seu trabalho “Focalização no Português do Brasil”, também trata dos termos ênfase e focalização como sinônimos, significando um fenômeno de manifestação acentual, responsável pela atribuição de proeminências. Este fenômeno, focalização, funciona como uma espécie de núcleo de informação nova, podendo ser concebido como um destaque dado pelo falante à determinada parte da mensagem e, conseqüentemente, interpretado pela audiência como extremamente relevante.

Ele acrescenta que a focalização se realiza tanto pelo uso de estratégias propriamente textuais (por meio de pistas gramaticais), quanto por meio de expedientes prosódicos, como a entonação, ou ainda pela atuação concomitante dos dois. Sendo assim, a focalização é caracterizada como um fenômeno de interface, uma vez que, veiculada por meios textuais e/ou prosódicos, atua em conjunto com as estruturas sintáticas e semânticas tanto na produção de sentido quanto na criação de estratégias argumentativas.

Partindo-se dessas colocações, Gonçalves apresenta uma categorização geral para o fenômeno da focalização; classificando como focalização textual aquela que faz uso de mecanismos lingüísticos presentes na linearidade do texto e como focalização prosódica aquela que utiliza “pistas gramaticais” vinculadas às relações de proeminência acentual, marcadas pelo uso dos elementos prosódicos, como a duração e as variações de freqüência fundamental.

Gonçalves (1997) observa ainda que os recursos textuais nem sempre são auto-suficientes para por um termo em evidência no discurso, e, por isso, vem freqüentemente acompanhado de

reforço acentual. A “Ênfase Prosódica” é definida, por essa razão, como a estratégia de focalização que veicula os tipos de informação predominantemente encontrados nesses casos: o significado contrastivo, o significado intensivo, o significado atitudinal (relacionados aos atos de fala, isto é, às intenções do falante) e o significado indexical (ou indicial) – nos termos de Couper-Kuhlen & Selting (1996), vinculado à identificação do falante ou de grupos de usuários.

Dentro da proposta de nossa pesquisa não cabe uma maior investigação sobre cada um desses significados, mas chamamos atenção para o que Gonçalves define como sendo o significado indexical da ênfase, já que um dos nossos objetivos é verificar se há um padrão na produção da ênfase pelo grupo de repórteres de telejornal.

Apesar de estar claro que a ênfase manifesta-se, tanto por meios textuais quanto por meios prosódicos, o interesse, nesse momento, é no que o autor define como focalização prosódica. Gonçalves descreve muito claramente esse fenômeno lingüístico. Como dito anteriormente, o autor chama atenção para o fato que a proeminência modifica a estrutura fonológica do item realçado (modificando os parâmetros acústicos) podendo, além de destacar tanto o sentido literal do vocábulo quanto o do enunciado, modificar a compreensão da mensagem pelo interlocutor. Por essa razão, certas partes de um texto são enfatizadas não só porque são centrais no discurso, mas também porque são vistas através de certas perspectivas que afetam tanto o que o falante diz quanto o que o ouvinte interpreta.

Gonçalves distingue três estratégias de focalização prosódica, reunidas sob o rótulo uniformizador de ênfase contrastiva, intensiva e por silabação; o que também é observado em trabalhos de outros autores.

Hirst (1998), em seu estudo sobre o sistema entonativo do inglês britânico, destaca que, há quase um século atrás, Coleman (1914) já mencionava descrições clássicas da entonação em inglês contendo dois tipos de ênfase: de contraste e de intensidade. O autor cita ainda a afirmação de Jones (1918) de que a ênfase de contraste pode ser aplicada a quase todas as palavras, mas a de intensidade só pode ser aplicada às palavras expressando qualidades mensuráveis. Para Hirst, a ênfase de intensidade é a mais fácil de definir, sendo, em termos semânticos, praticamente equivalente a adicionar um advérbio de intensidade como “absolutamente” ao enunciado.

Moraes (1998) define bem a ênfase por contraste. Para ele, a caracterização entonativa de uma informação não deve ser confundida com a proeminência prosódica – a primeira é introduzida no enunciado por um padrão prosódico particular, enquanto a ênfase por contraste é um fenômeno usado para introduzir informação nova. Em termos de parâmetros acústicos, o autor descreve esse tipo de ênfase, dizendo que a sílaba acentuada em uma palavra enfatizada possui uma melodia baixa, sendo que a melodia da sílaba imediatamente precedente à sílaba acentuada é mais alta, o que produz um contraste entre elas; já o padrão melódico da parte do enunciado que precede a palavra acentuada é o mesmo da forma declarativa neutra. Além disso, a sílaba acentuada de uma palavra em proeminência também possui uma maior intensidade e duração.

Quanto à ênfase por silabação, Moraes afirma que no português brasileiro passa-se do ritmo acentual para o ritmo silábico quando se deseja enfatizar uma palavra, sendo que essa variação rítmica aponta para uma variação dialetal.

Apesar de vários autores não diferenciarem a ênfase dentro do processo de focalização, Daniel Hirst foi o primeiro a levantar a importância dessa distinção entre os termos ênfase e foco, o que é de extrema importância para esse trabalho. Hirst (1998), ao tratar sobre focalização e efeitos contextuais, define ênfase como a forma pela qual um falante dá uma evidência prosódica

opcional a uma parte do enunciado. Ele observa que o termo foco, mais especificamente, foco estreito, substituiu o termo ênfase nos trabalhos mais recentes. Para o autor, qualquer um dos termos pode ser usado embora ele aponte uma justificativa para se fazer uma distinção entre eles: a ênfase é uma noção paradigmática, em que qualquer elemento pode ser enfático ou não enfático; ao passo que foco é basicamente sintagmático, visto que se aplica a um elemento de uma seqüência. Isso implica que, apesar de ser totalmente possível se referir a um enunciado constituído de uma só palavra como sendo enfático ou não enfático, não é possível distinguir foco estreito e foco largo a partir de uma única palavra. Como ele considera existir uma distinção categorial entre leituras enfáticas e não enfáticas de uma palavra isolada, o autor prefere, nesse caso, o conceito de ênfase ao de foco.

Reis (2005) concorda com as idéias de Hirst, e vai além, trabalhando essa diferenciação dentro do contexto de interesse dessa pesquisa – o telejornalismo. Reis afirma que essa distinção pode também ser feita com base na pragmática, sendo o foco utilizado para enunciados em situações dialogais espontâneas, e a ênfase na leitura em voz alta, como na locução do telejornal. O autor enfatiza que “na conversa, o destaque que é dado a uma palavra ou expressão não depende apenas do locutor, mas da interação entre locutor e alocutário. Na televisão, ao contrário, cabe ao apresentador, como na leitura em geral, definir qual palavra ou expressão colocará em destaque”. Para ele, nos casos de ênfase, o locutor tem autonomia para salientar a palavra ou sintagma que desejar, visto que o mesmo se encontra em uma situação de ausência de pistas contextuais conversacionais. Reis conclui, dizendo que na televisão usa-se a ênfase, ao passo que na conversa existe foco e ênfase.

Finalmente, a partir de tudo que foi colocado, parece possível realizar uma empreitada que a princípio sinalizava um grande problema: diferenciar foco de ênfase. Isso não significa que a tarefa seja simples – muito pelo contrário – mas uma questão que, nos primórdios dessa pesquisa,

foi considerada um tanto obscura começa a clarear. Sendo assim, após somar, analisar e comparar todas as informações adquiridas com os diferentes autores supracitados, podemos propor uma distinção entre foco e ênfase:

Foco é uma proeminência acentual relacionada à estruturação sintática e semântica do enunciado. Sendo um fenômeno mais estrutural, é limitado ao nível da sentença e usado para definir as relações de argumentação dos predicados do verbo, reestruturando as informações. Acontece exclusivamente em sílabas acentuadas, regido por aspectos sintagmáticos e aplicado a um elemento de uma seqüência. Relaciona-se à enunciação, sendo definido na interação locutor-alocutário.

Já a ênfase é uma saliência prosódica opcional relacionada a estruturação pragmática do discurso, com a função de chamar e/ou dirigir a atenção do ouvinte para determinados termos do enunciado. Esse termo do enunciado que está em destaque não tem necessariamente que estar acentuado ou ser foco (isto é, estar desempenhando a função de reestruturação da informação). É regido por aspectos paradigmáticos, aplicando-se a qualquer elemento da sentença. Está localizada no nível da produção do discurso, principalmente por manifestar-se em situações de ausência de pistas contextuais conversacionais, onde a principal motivação é a intenção do locutor – como é o caso da locução telejornalística.

A existência de proeminência acentual motivada pela relevância do contexto, pelos aspectos pragmáticos do discurso e pelas pressuposições dos interlocutores é atestada por vários autores, mesmo por aqueles que não diferenciam foco de ênfase. (LAVÉRE, 1944; DANES, 1967; HALLIDAY, 1967; CHAFE, 1973, 1974, 1976; CUTLER & ISARD 1980; CRUTTENDEN, 1986; LADD, 1996; GONÇALVES, 1997).

Bolinger (1986) também concorda, afirmando que aquilo que o falante decide enfatizar não é uma questão de gramática, mas sim do que ele está tentando dizer numa situação específica: as palavras podem estar focalizadas ou postas em evidência para sinalizar novidade, contraste, ou alguma outra característica informativa. Para esse autor, a saliência só seria previsível se fossemos videntes – o que realmente faz sentido já que, segundo Brazil (1997), quando se escolhe uma determinada proeminência busca-se fornecer ao ouvinte pistas de uma visão *pessoal* do mundo.

Concluindo, Reis (2005) acredita que os meios de sinalização da ênfase não se encontram expressos na linearidade discursiva, uma vez que envolvem recursos de natureza supra-segmental. Para ele, esse fenômeno está localizado num patamar superior ao do vocábulo, sendo visto como um recurso acentual de que o falante se serve para ponderar valores semântico-pragmáticos expressos no enunciado.

Após essa exposição, mesmo que ainda existam pontos de conflito e/ou lacunas a serem preenchidas, acredita-se que o alvo de análise do presente estudo – a ênfase – tenha ficado melhor delimitado.

Retomando as afirmações de Reis (2005) sobre a distinção entre foco e ênfase, embora ele tenha baseado sua abordagem em pistas contextuais da interação locutor-alocutário, o próprio autor sugere que, apesar do telejornalista não se encontrar numa situação efetiva de conversa, não se pode falar de ausência absoluta de pistas contextuais. A hipótese mais provável seria a de que existem pistas de outra natureza. Logo, com o intuito de verificar essa questão, foram encontradas, nos estudos de Maingueneau (2001), informações bastante relevantes.

Maingueneau diz que ao se trabalhar com materiais verbais, parâmetros muito variados têm que ser levados em consideração, tais como o número ilimitado de destinatários. No caso particular do meio televisivo, essa interação locutor-alocutário apresenta uma enorme assimetria, visto que a enunciação do telejornalista é dirigida a um auditório cuja extensão e identidade são dificilmente calculáveis. Essa forma de interação foi muito bem definida por Thompson, (apud MEDRADO, 2000). Devido à realidade contemporânea, o autor propõe uma nova concepção da interação locutor-alocutário em três modalidades: a tradicional interação face a face; a interação mediada; e a interação quase-mediada. O interesse, no momento, é apenas pela última, que se refere à forma das interações sociais após o advento da comunicação de massa. Tendo em vista que essa comunicação não é dirigida especificamente a uma pessoa, mas a um outro generalizado, a alternância discursiva entre os falantes não é imediatamente recíproca, isto é, não há uma troca direta, o que causa uma expressiva lacuna temporal entre a emissão e a recepção. Maingueneau caracteriza esse outro generalizado como terceiro invisível, sendo sua existência determinante na caracterização de certos gêneros discursivos nas enunciações televisivas. No telejornalismo, em particular, os apresentadores e repórteres geralmente falam dentro de um estúdio, de uma cabine ou mesmo de locais externos, mas sem a presença real do seu interlocutor e sim pressupondo esse terceiro elemento invisível – o telespectador. Logo, suas falas são elaboradas em função desse. Concluindo, Maingueneau coloca que o mundo contemporâneo é caracterizado pelo surgimento dessas novas formas de oralidade – que diferem do modelo tradicional – gerando modificações nas antigas oposições entre o oral e o escrito.

Embora seja importante, uma investigação mais detalhada dessa questão vai além do escopo do nosso estudo. Entretanto deixa-se aqui a sugestão de pesquisas futuras sobre essa relação quase-mediada de interação na locução jornalística e sobre a influência desse terceiro invisível no processo discursivo.

Todas essas considerações citadas atestam que a ênfase tem, de fato, conceitos diversos e algumas vezes até mesmo contraditórios. Sendo assim, ao adotarmos uma abordagem específica para embasar e dar prosseguimento ao nosso estudo, alguns pressupostos e questionamentos foram necessários.

Uma vez que a definição de ênfase proposta por Reis (2005) é mais diretamente relacionada a esta pesquisa, decidimos por tomá-la como base para o presente trabalho: ÊNFASE como uma manifestação acentual responsável pela focalização de determinados segmentos do texto, e que não se relaciona com aspectos textuais do discurso, e sim com a escolha do locutor. Para solidificar esta posição, citamos Gonçalves (1997) e sua afirmação de que a ênfase está “diretamente vinculada, portanto, à perspectiva do falante, uma vez que é ele quem considera o elemento a ser enfatizado (focalizado) como o mais importante no evento de fala que enuncia e, por isso, o seleciona como ponto de proeminência, conferindo a ele relevância tamanha que o torna marcado”.

O que este estudo pretende empreender é a busca de uma correlação entre alguns parâmetros prosódicos e a organização do texto noticioso. A principal preocupação será determinar, em enunciados de repórteres de telejornal, quais seriam os traços prosódicos-entonacionais predominantes nos segmentos considerados enfáticos do ponto de vista acentual. Em outras palavras, as variações de F0, duração e intensidade, que serão aqui estudadas, poderão descrever se existe um padrão consistente na produção da ênfase por esses profissionais.

3.3 A realização prosódica da manifestação acentual

Após realizada uma delimitação sobre o objeto de estudo dessa pesquisa faz-se necessário um levantamento de trabalhos que abordaram o funcionamento dos parâmetros prosódicos na

produção das manifestações acentuais abordadas por essa pesquisa: o acento (referindo-se às sílabas tônicas) e a ênfase.

Não foram encontrados estudos que apresentassem dados contrastando a produção prosódica da ênfase com a do foco. Sendo assim, os trabalhos aqui citados descrevem achados sobre a focalização em geral.

A proeminência acentual no português brasileiro, segundo Moraes (1998), é expressa como uma combinação de intensidade e de duração. Estes dois parâmetros possuem valores maiores na sílaba tônica. Em palavras paroxítonas, por exemplo, a intensidade comporta-se de forma diferente da duração: diminui na sílaba pós-tônica e aumenta na sílaba tônica. Quando uma palavra encontra-se na posição mais fraca, dentro de um grupo prosódico e possui um peso constante, o acento é percebido como uma “caída” na sílaba final. Numa posição forte (no final do grupo prosódico), onde o acento frasal⁴ é sobreposto ao acento lexical, a F0 se junta à duração e à intensidade como uma chave acentual. Uma sílaba não acentuada não pode ter o acento frasal, a não ser que possua uma função enfática.

Para esse autor, o acento lexical é indicado basicamente pela junção dos parâmetros de duração e intensidade. Já as proeminências frasais – elementos que definem os grupos prosódicos (agrupamento de palavras em unidades sintáticas de informação) – têm a F0 como o seu correlato por excelência. Na posição final do enunciado, a F0 é uma marca mais efetiva do acento do que a duração, que por sua vez é mais efetiva que a intensidade. Sendo assim, o acento frasal atua em um nível mais elevado do que o acento das palavras, indicando que o

⁴ O termo acento frasal, utilizado por Moraes, refere-se à sílaba tônica saliente – termo utilizado nessa pesquisa para comparação com a sílaba enfática e a sílaba rítmica.

elemento dominante possui uma maior coesão sintática.

Hirst (1998) diz que a sílaba acentuada apresenta um grau adicional de acentuação através da variação de um ou mais traços prosódicos (melodia, duração e/ou intensidade). Ele afirma que em enunciados enfáticos, o acento melódico nuclear final sobe tipicamente a um nível mais alto do que o da sílaba antecedente, o que não acontece em enunciados não enfáticos.

Uma outra possibilidade para a produção de sílabas enfáticas, já mencionada numa citação anterior de Moraes (1998), é detalhada por Cagliari (2002). Ele diz que:

“(...) sílabas longas ocorrem em final de grupos tonais (foco) ou em casos de fala enfática. Em certas circunstâncias, as atitudes do falante modificam muitos parâmetros prosódicos da fala, entre eles, o ritmo. Falas que representam súplica, xingamentos ou formas semelhantes, que exigem uma pronúncia clara, bem articulada, compassada e enfática, são ditas com ritmo silábico, uma vez que os falantes acham ridículo dizê-las friamente num ritmo acentual, tido como indiferente. Alguns destaques que são pronunciados de um modo silabado também são falados com ritmo silábico, com as sílabas apresentando duração igual, seja em que tipo de língua for. Esse é um uso específico da duração como parâmetro prosódico, passando por cima de seu uso tradicional como definidor do ritmo das línguas. Essas variantes de ritmo são condicionadas semanticamente e não são variantes livres fonéticas.”

Crystal (1969) desenvolveu a idéia de que o F0 inicial pode ser usado para descrever modificações locais na amplitude do *pitch* para ênfase, mudança de tópicos, etc. Na transcrição desse autor, cada sílaba traz uma das cinco ou das sete relações possíveis com a sílaba imediatamente anterior: mesmo nível, ligeiramente mais alta, ligeiramente mais baixa, muito mais alta, muito mais baixa e (apenas para sílabas tônicas – *stressed*) muitíssimo mais alta e

muitíssimo mais baixa. Sem precisar usar o F0 absoluto ou os limites da amplitude do falante, ele conseguiu transcrever muitos detalhes fonéticos.

Tench (1990) acredita que uma variação melódica brusca define o foco da informação. Behlau & Pontes (1995) afirmam que uma palavra acentuada costuma ser mais intensa, mais aguda e mais longa, sendo que a ênfase é expressa principalmente através do aumento de intensidade, quer seja em certas palavras ou mesmo em frases completas, variando de acordo com as características pessoais do indivíduo. A habilidade de fazer diferenciações discretas de intensidade no discurso denota a compreensão do sentido que se quer conferir à mensagem.

Sluijter & Van Heuven (1996) realizaram um trabalho que mostra que palavras focalizadas no alemão e no inglês americano tendem a ser produzidas – somando-se às variações melódicas – por um aumento da duração do segmento, aumento da intensidade e de F0. Outros trabalhos que confirmam esses achados são os de Campbell (1992, 1995) e de Wightman & Ostendorf (1994), apontando que o aumento da duração e da intensidade, são pistas seguras para a detecção automática da proeminência na língua inglesa.

Mattias Heldner possui trabalhos expressivos sobre a identificação de manifestações prosódicas do foco no sueco. Um desses estudos, Heldner & Strangert (1997), investigou até que ponto a percepção do foco é determinada por pistas acústicas de F0. Os autores iniciam afirmando que o foco é marcado principalmente por elementos prosódicos como o acento, sendo que as variações de F0 geralmente são consideradas o correlato acústico mais seguro para essa identificação. A partir disso, eles decidiram investigar se apenas o aumento de F0 é um recurso efetivo para a percepção do foco. Os resultados mostraram que o foco pode ser percebido na ausência de um aumento de F0, assim como palavras que apresentam essa característica acústica podem ser

percebidas como não focalizadas. Sendo assim, os autores concluem que o aumento de F0 não é um recurso necessário nem suficiente para a percepção do foco pelo ouvinte; e acrescentam que aquilo que parecia ser a pista acústica mais importante para a percepção do foco e do acento em geral mostrou-se um recurso opcional do ponto de vista do ouvinte.

No trabalho intitulado “Padrões de pitch de palavras em sentenças com foco em Português Brasileiro”, Medeiros & Makino (2001) também analisaram o parâmetro F0, investigando como se comportam as curvas entoacionais das palavras com e sem foco no interior de sentenças declarativas, imperativas, interrogativas totais e parciais. A conclusão mais geral a que chegaram é que uma grande variação de F0 promove o contraste entre as sílabas focalizadas e as não focalizadas; sendo que nas palavras proparoxítonas o foco atrai o F0 mais alto para as sílabas tônicas, enquanto que nas paroxítonas e oxítonas o foco atrai o F0 mais alto para as sílabas pré-tônicas (o que chamaram de regra de antecipação de *pitch*).

Em outro estudo – “*On the reliability of overall intensity and spectral emphasis as acoustic correlates of focal accents in Swedish*” – Heldner (2003) avaliou a variação da intensidade como um parâmetro acústico confiável para a identificação do acento focal. Novamente ele justifica sua pesquisa dizendo que já é consenso geral o fato de que tanto as variações de F0 (citando os autores: FRY, 1958; VAN KATWIJK, 1974; BRUCE, 1977; BECKMAN, 1986; BOLINGER, 1986; T’ HART, COLLIER, & COHEN, 1990) quanto um aumento da duração dos segmentos citando os autores: COOPER, EADY, & MUELLER, 1985; EEFTING, 1991; FANT, KRUCKENBERG, & NORD, 1991; SLUIJTER & VAN HEUVEN, 1995; CAMBIER-LANGEVELD & TURK, 1999; TURK & WHITE, 1999; HELDNER & STRANGERT, 2001) são correlatos acústicos seguros da marcação do foco em diversas línguas como o inglês, o alemão e o sueco. Entretanto, Heldner (citando o trabalho de LEHISTE & O PETERSON, 1959)

aponta para o fato de que intuitivamente acredita-se que algum tipo de variação de intensidade também faz parte do conjunto de pistas acústicas que sinaliza a proeminência. Sendo assim, ele decidiu trabalhar com duas diferentes análises da intensidade: intensidade global – que o autor define como sendo a intensidade de todo o espectro – e ênfase espectral – definida como a intensidade relativa nas bandas de frequências mais altas. Os resultados desse estudo mostraram que ambos os parâmetros podem ser considerados correlatos acústicos seguros do acento focal, além de serem úteis para a detecção automática de acentos focais. Isso porque houve diferenças estatisticamente significante ao se comparar palavras focalizadas com palavras não focalizadas para uma grande variedade de palavras, em todas as posições da frase e para todos os falantes nos materiais analisados. Além disso, *spectral emphasis* mostrou ser o melhor preditor de acentos focais em geral e para a maioria dos falantes. O autor conclui, afirmando que o estudo resultou em dados importantes para a realização de modelos de síntese de fala.

Barbertje Streefkerk tem realizado vários estudos sobre a predição acústica e lexical da proeminência em alemão. No trabalho intitulado “*Acoustical features as predictors for prominence in read aloud Dutch sentences used in ANN's*” (STREEFKERK et al., 1999) os autores concluíram que a duração da sílaba, a intensidade da vogal e a variação de F0 são fatores promissores na predição da proeminência. Em sua tese de doutorado (STREEFKERK, 2003), analisou tanto os correlatos acústicos quanto os lexicais. Em relação aos correlatos acústicos, alguns parâmetros encontrados como sendo significativos para identificar a proeminência foram listados em ordem decrescente de importância. São eles: a variação melódica na palavra proeminente, a variação melódica na sílaba proeminente, a duração silábica, a intensidade da vogal proeminente e a duração vocálica.

Ladd e Morton (1997) realizaram um estudo sobre a ênfase entonativa, buscando investigar se a percepção desse fenômeno é contínua ou categórica. O experimento relatado teve como objetivo testar se há diferença categórica entre picos de acento enfático e normal em inglês, e não um contínuo de ênfase gradualmente crescente. Segundo os autores, o contorno entonativo tem um formato linguisticamente distinto e uma amplitude melódica (escala vertical) independentemente variável. Assim, em uma pergunta ou afirmação, um determinado contorno pode se dar com maior ou menor amplitude melódica. Eles ainda questionam se existiria uma diferença entre o acento enfático e o normal no padrão entonacional do contorno melódico ou apenas uma diferença na escala vertical de amplitude do pitch. Ao examinar a fronteira entre normal x enfático, haveria fatores influenciando a mudança desse limite entre categorias perceptivas?

Os autores concluíram que a proeminência seria uma função da amplitude melódica do enunciado todo, e não de cada acento individual. Essa amplitude apresenta uma gradação variável e, à medida que a escala vertical aumenta, o grau de ênfase parece sofrer aumentos graduais. Além disso, eles acreditam que os ouvintes estão predispostos a interpretar acentos ou enunciados como sendo normal ou enfático e conseguem discriminar distinções bem pequenas entre o contínuo muito enfático - pouco enfático. Logo, eles destacam a visão de uma gradiência na classificação de ênfase.

Como conclusão final, eles apontam que há distinções diferentes para enunciados com um mesmo contorno entonacional, mas com amplitude de F0 diferente. Sendo assim, levantam a questão: isso poderia ser evidência de uma fronteira categórica entre acento normal e enfático? Os autores finalizam dizendo que os achados até agora só tem aumentado a polêmica.

Como o objetivo deste trabalho, conforme dito anteriormente, é o de investigar um contexto particular de enunciação – o do jornal televisivo, faz-se necessário o levantamento de estudos que

analisaram a produção da ênfase nesta situação discursiva. A seguir serão apresentados alguns deles. Entretanto, apesar das várias pesquisas existentes nessa área, nenhuma apresenta semelhanças metodológicas com a análise aqui proposta; o que não impede a utilização de seus achados e resultados para guiar este estudo.

3.3.1 A realização prosódica da manifestação acentual no processo de locução telejornalística

Durante a fala, diversos recursos vocais são utilizados e os locutores, aproveitando-se desses recursos procuram prender a atenção do ouvinte. Ao discorrer sobre um assunto, um repórter pode elevar a melodia em certos momentos, sobretudo quando focaliza certas palavras, conforme as necessidades da argumentação (REIS, 2005).

Segundo Knapp & Hall (1999), no livro “Comunicação não-verbal na interação humana”, a variação da voz em ritmo e volume aumenta a compreensão do ouvinte e, conseqüentemente, atribui mais credibilidade e persuasão à fala do locutor.

Entretanto, para Stier & Neto (2003), não aumentamos o grau de compreensão usando uma quantidade excessiva de palavras enfatizadas; ao contrário, isso comprometeria a interpretação. O prolongamento das vogais em uma determinada sílaba, por exemplo, interfere na entonação, marcando excessivamente uma palavra. Eles afirmam que muitas palavras já são naturalmente fortes, e a ênfase pode perder o seu significado. Na fala, as ênfases ocorrem naturalmente e a intenção sempre está vinculada a uma imagem mental que facilita o acesso a idéia. Portanto, o repórter deve valorizar as palavras que são significativas para os objetivos que se quer alcançar

através do texto. Os autores sugerem, então, que a existência de um interlocutor, mesmo que imaginário, pode ajudar a suavizar as ênfases.

O desenvolvimento tecnológico dos instrumentos de análise da fonética acústica tem possibilitado o aumento de trabalhos que buscam análises mais objetivas na descrição de estilos vocais. Segundo Reis (2005), há necessidade de estudos que mostrem a correlação entre cada um dos parâmetros e certos processos de organização do texto noticioso:

“Neste trabalho de hierarquização das notícias, de hierarquização de elementos de uma notícia, de organização da produção da fala e de estilização da leitura, ao lado de recursos vocais individuais, o apresentador usa os recursos fônicos da fala, em particular os recursos prosódicos (...). Todos os parâmetros prosódicos – variação melódica, intensidade, duração – podem variar de acordo com o apresentador, suas crenças, intenções, sexo, idade, a natureza da notícia, a importância da notícia, a notícia que precede e a que segue, entre outros fatores.”

Gama (2003), realizou um estudo comparativo entre as emissões espontânea e profissional (locução de um *off*) no telejornalismo, usando medidas acústicas e espectrográficas para avaliar alguns aspectos prosódicos e o controle motor da fala. Esse estudo atestou uma diminuição da frequência fundamental média e a presença de maior modulação, precisão articulatória, ênfases, intensidade, pausas e prolongamento de vogais nas emissões profissionais. Por meio dessa análise espectrográfica, a autora obteve uma avaliação visual da intensidade e da duração das vogais, aspectos esses que exigem uma investigação mais detalhada para possibilitar uma descrição científica e objetiva do uso da ênfase.

Stier (1997) também comparou a leitura coloquial com a locução profissional de vinte repórteres de televisão. Assim como Gama, a autora concluiu que essas duas situações distintas de enunciação apresentam características acústicas diferentes. Na reportagem, a voz tende a apresentar F0 mais alta e modulação de intensidade mais evidente, com emissões ocasionais em registro basal ou em registro de cabeça – indicando uma tendência clara em evitar mudanças bruscas na frequência e na intensidade. Já no momento em que o repórter realiza uma leitura coloquial, a voz tende a apresentar F0 mais grave e padrão de modulação repetitivo. Além disso, um achado interessante é que os repórteres mais experientes apresentaram uma produção mais estável.

Cotes (2000) analisou descritivamente os recursos verbais e não-verbais de oito apresentadores de telejornal e parte das suas conclusões revelam que as mulheres utilizaram mais recursos não-verbais e maiores variações dos parâmetros prosódicos em relação aos homens.

Coradi (2003) diz que é nítida a preocupação das emissoras com a estilização visual e vocal dos programas. Num programa esportivo, por exemplo, o vestuário e a utilização de recursos vocais são bem distintos das características de um telejornal; no programa esportivo, é adequado um estilo de fala despojado, com grande variação de F0 e vestuário colorido, enquanto que o telejornal tem características mais formais. Embora não tenha citado dados concretos, pode-se inferir, a partir do que diz a autora, que a narração telejornalística do *off* apresenta uma menor variação melódica em comparação a outros estilos de locução jornalística. Apesar de não ser possível comparar essa questão no presente estudo, fica aqui uma sugestão para futuras pesquisas.

Reis (2005) observou “um comportamento melódico na sílaba postônica, em final de grupo prosódico, que distinguia a locução do apresentador da do repórter. Naquela, a tendência era uma

ascendência suave da tônica para a postônica, enquanto que nesta a tendência era uma subida brusca, com um importante intervalo melódico entre a tônica e a postônica.” O autor sugere outras investigações, como o estudo da variação melódica alta no início da notícia, e uma variação melódica muito baixa na última frase de uma matéria, que também podem caracterizar o estilo telejornalístico de enunciação.

Para Stier & Neto (2003), todos os parâmetros envolvidos na fala devem ser utilizados no momento de narração do *off*. Eles colocam que a qualidade vocal deve ser clara, sem ruído (como, por exemplo, a rouquidão) e sem esforço. Quanto à frequência vocal, essa deve não deve ser muito grave, gerada por um padrão artificial, o que pode inclusive causar alterações vocais. Em relação à intensidade, os autores colocam que esse parâmetro deve ser adequado ao assunto tratado, mas observam que, geralmente, ela é mais forte do que na fala espontânea. Os autores ainda afirmam que a modulação da intensidade costuma apresentar maior variação durante as narrações, mas que é preciso ficar atento, pois, modulações restrita, excessiva ou repetitiva podem causar falta de expressividade e naturalidade na locução. O que esses autores comentam sobre a utilização das ênfases, citado anteriormente, é que embora sejam importantes para chamar a atenção do telespectador sobre a notícia que se está transmitindo, deve-se tomar cuidado para não produzi-las em excesso, o que comprometeria a mensagem final. Além disso, eles também apontam para o fato de que as apresentadoras e repórteres do sexo feminino geralmente enfatizam as palavras de forma mais exagerada do que apresentadores e repórteres do sexo masculino.

Boone (1996), também observou que profissionais de televisão e de rádio do sexo feminino tendem a enfatizar as palavras de forma mais exagerada do que os do sexo masculino. Afirmou ainda que, com certa frequência, essas profissionais realizam a ênfase através do prolongamento das vogais.

A velocidade de fala e a utilização de pausas também foram aspectos prosódicos analisados por Stier & Neto. Apesar de não terem sido analisados neste estudo, não se pode esquecer que eles são ferramentas importantes na construção do discurso. Quanto à velocidade de fala, eles afirmam que a crença de que um ritmo mais lento transmite algo mais convincente, além de facilitar a compreensão pela audiência, não é real. Na televisão, o ideal é a utilização de uma velocidade um pouco mais acelerada do que a de uma conversa espontânea, desde que não seja artificial. Em contrapartida, Kyrillos et al. (2000) afirma que a velocidade de fala deve estar próxima à da emissão espontânea, sendo capaz de transmitir dinamismo e prender a atenção do telespectador.

Já em relação às pausas, os autores acreditam que elas contribuem para a espontaneidade e naturalidade da narração; o que concorda com Boone (1996), quando diz que a colocação adequada de pausas torna a fala mais clara, dando uma ênfase natural àquilo que se deseja valorizar. Stier & Neto (2003) chamam atenção, ainda, para o fato de que a distribuição incorreta ou aleatória de pausas revela claramente que o repórter está lendo o texto, dificultando a interpretação, e podendo, inclusive, comprometer totalmente o conteúdo da matéria.

Esses autores também observaram certos padrões de locução, que denominaram como “vícios jornalísticos”. Complementando as afirmações de Reis (2005), eles dizem que essa tendência em abaixar a intensidade e/ou a frequência vocal na última palavra de todas as frases ou um reforço excessivo desses parâmetros nos inícios e/ou finais de frases são artifícios muito distantes da fala coloquial, o que pode comprometer a atenção do ouvinte. Logo, mesmo que esses padrões sejam recorrentes nas enunciações desses profissionais, eles devem ser evitados.

Panico & Fukusima (2003) realizaram um trabalho sobre os traços acústicos que caracterizam a confiabilidade na fala de profissionais da voz. Em relação às ênfases, os autores concluíram que para a produção enfática durante a locução parece ser mais apropriado o aumento de intensidade do que o prolongamento de palavras, uma vez que aumentar o tempo de locução não é desejável. Além disso, as variações excessivas na melodia e na intensidade também não são aconselháveis. Portanto, os autores afirmam, assim como Stier & Neto, que ao se trabalhar a ênfase na locução, deve-se estar atento ao fato de se evitar variações excessivas desses parâmetros.

Feijó (2003), em seu trabalho sobre a avaliação da comunicação oral dos profissionais do telejornalismo, coloca que dentre os recursos não-verbais – essenciais em uma boa narração – a ênfase funciona como um grifo dado à palavra, podendo ser obtida com aumento de intensidade, articulação mais precisa e velocidade de fala mais lenta. Para a autora, a ênfase deve ser dada em palavras que tenham importância no texto, valorizando a mensagem de maneira eficiente. Kyrillos (2003) diz que a garantia de uma transmissão adequada da mensagem conjuntamente com a manutenção da atenção e do interesse do telespectador, é conseguida inclusive através do uso de ênfases, de pausas estratégicas e da utilização de variações melódicas variadas. A autora complementa, afirmando que cada tipo de notícia tem seu padrão não-verbal específico; logo, tanto o texto quanto a locução desse texto devem estar diretamente relacionados.

Mesmo não tendo como contexto o telejornalismo, acredita-se que trabalhos sobre a enunciação de outros *profissionais da voz* podem contribuir enormemente para o presente estudo. Sendo assim, foi realizado o levantamento de alguns deles.

3.3.2 A realização prosódica da manifestação acentual no processo de enunciação de outros *profissionais da voz*

Nogueira (1996), em seu estudo intitulado “Análise da Constituição de Estilo Oral por Locutores Radialistas: um Estudo Fonético-Acústico Comparativo”, comparou a locução radiofônica com uma emissão neutra; análise semelhante às de Gama (2003) e Stier (1997) no telejornalismo. Suas conclusões sobre o estilo de locução de radialistas foram que essas apresentam: i) um número maior de elementos enfáticos, sendo que a ênfase foi sinalizada pelo aumento de duração dos fonemas; ii) tendência à hiperarticulação, alongando fonemas vocálicos e fricativos, alguns deles chegando a dobrar o tempo de emissão; iii) aumento do número de pausas e reestruturação quanto à sua distribuição; e iv) agudização ou agravamento tonal, dependendo da emissora. Alguns desses achados, através da presente análise, poderão ou não ser confirmados para o telejornalismo.

Alves (2002) analisou aspectos prosódicos da persuasão na fala de vendedoras, e, em relação ao acento enfático, observou que esse ocorreu em outras sílabas que não a sílaba tônica. A proeminência ocorreu principalmente na primeira sílaba das palavras. Além disso, a autora atestou que a intensidade em alguns momentos teve um aumento, mas várias vezes foi equivalente à encontrada para a sílaba tônica. Quanto à duração, essa se apresentou, em alguns casos, menor no acento enfático, e em outros, equivalente ao encontrado para a tônica. Em relação à variação melódica, essa foi maior nos enunciados persuasivos com emprego de uma frequência usual mais alta, predomínio de curvas melódicas ascendentes e uma maior taxa de velocidade da mudança melódica. Um aspecto interessante encontrado em seu estudo foi o deslocamento do acento, presente em vários momentos, como por exemplo: maravilhoso, ao invés de maravilhoso; e cristal, ao invés de cristal.

Dentre as conclusões de Alves, ela afirma que o uso freqüente das ênfases por estes profissionais contribuiu para chamar a atenção do interlocutor, destacando certas partes do enunciado, além de representar uma forma de apelo emocional, dramatizando, de certa forma, o discurso. A autora aponta que a ênfase foi utilizada como uma estratégia a mais pelas vendedoras para persuadir o cliente.

Coradi (2003) realizou um estudo prosódico com operadores de telemarketing, analisando apenas a saudação inicial dos discursos. Em seus achados, a autora observou que, quanto à duração, não foi observada um aumento desse parâmetro nas vogais de segmentos proeminentes em comparação às dos segmentos não proeminentes. O mesmo comportamento foi observado para a intensidade. Quanto à variação melódica, esse foi o parâmetro mais consistente na determinação da sílaba tônica proeminente, visto que houve uma tendência marcante de utilização do padrão ascendente/descendente com um intervalo melódico maior.

Ao realizar um paralelo dos estudos apresentados pela revisão de literatura com os aspectos que serão analisados na presente pesquisa, pode-se concluir que os fenômenos acentuais podem ser marcados por variações de todos os parâmetros prosódicos: aumento da duração, variação de F0 e/ou aumento da intensidade.

De acordo com tudo o que foi colocado, as hipóteses levantadas a partir dessa proposta de trabalho são que a produção enfática da locução do repórter de telejornal será dada por uma maior duração das sílabas e/ou vogais, por uma maior variação melódica e por um aumento na intensidade da emissão dos segmentos enfáticos em comparação com as demais sílabas tônicas analisadas (rítmica e saliente).

Uma preocupação que surge é, segundo Stier & Behlau (2001), sendo o *off* um momento de leitura, pode ocorrer a perda da expressividade e a tendência em repetir a modulação de intensidade em todas as frases da mesma forma. Isso pode interferir nos achados, mas, ao mesmo tempo, explicar certos padrões repetitivos de ênfase.

Acredita-se que a investigação aqui proposta pode nos oferecer recursos que maximizem a qualidade do atendimento clínico. A importância do trabalho fonoaudiológico com esse grupo de profissionais já foi comprovada por diversos autores. É o caso de Stier e Navarro (1999), que compararam as características vocais de um grupo de repórteres do sexo feminino antes e depois de um trabalho fonoaudiológico. Como resultados, observaram que todas as repórteres apresentaram um discreto abaixamento da frequência fundamental, aceleração no ritmo, e um padrão articulatorio preciso; concluindo, assim, que o treinamento vocal foi importante para o aprimoramento da locução dessas profissionais. Sendo assim, é de fundamental importância a realização de pesquisas nessa área, proporcionando continuamente a otimização e o aperfeiçoamento do trabalho terapêutico (avaliação, orientação e intervenção) com os telejornalistas e demais *profissionais da voz*.

4 METODOLOGIA

Com o intuito de validar ou refutar as hipóteses levantadas para essa pesquisa, foi adotada a metodologia de coleta e análise do corpus descrita a seguir.

4.1 Informantes

O primeiro passo para o início da pesquisa de campo foi a seleção dos repórteres de telejornalismo que fossem profissionais de uma mesma emissora de televisão de Minas Gerais, para eliminar como possível variável a multiplicidade de estilos de narração jornalística entre diferentes emissoras. Essa escolha fundamentou-se na afirmação de Stier & Neto (2003) de que devemos considerar que a construção e narração de um texto podem depender de variáveis como diferentes jornais, diferentes públicos e ainda diferentes interesses políticos (da empresa, do próprio momento político, da “voz” da emissora). No trecho citado abaixo, Nogueira (1996 *apud* CORADI, 2003) também justifica essa decisão, ao apontar que:

“as emissoras têm apresentado, cada uma delas, uma forma específica, diversa, de atingir seus ouvintes, e esta diversificação entre as emissoras advém de inúmeros fatores, como o uso ou não de vocabulário filtrado, seleção lexical, tipo de programa, preocupação em analisar o conteúdo das notícias, comprometimento com a informação, seja ela de cunho político ou social, durante o emprego da voz profissional do repórter ou apresentador”.

A emissora selecionada foi contactada por meio do seu diretor de jornalismo. Após uma explicação detalhada sobre a pesquisa, ele concordou em participar, desde que o nome da empresa, assim como o dos repórteres, fosse mantido em sigilo.

Como a emissora de televisão exibe alguns telejornais em sua grade de programação, seguindo o critério de se eliminar possíveis variações de locução ligadas ao estilo não só de diferentes emissoras mas também de diferentes telejornais, optou-se por selecionar apenas um deles. Coradi (2003) aponta que diferentes telejornais numa mesma emissora geralmente têm características próprias, já que o horário e público alvo são diferentes. Sendo assim, o telejornal transmitido diariamente por volta do meio dia foi selecionado.

Os repórteres participantes da pesquisa foram, então, recrutados por meio de um convite e de uma explicação sobre o estudo a ser realizado. Participaram da pesquisa seis profissionais, com idade entre 26 e 32 anos, que se encaixaram nos critérios de inclusão selecionados, sendo três do gênero masculino e três do gênero feminino. Os critérios de inclusão dos informantes foram:

- repórteres de telejornalismo que não apresentassem queixas vocais;
- naturais de Minas Gerais;
- funcionários da emissora de televisão selecionada para a realização dessa pesquisa;
- repórteres do telejornal selecionados dentre aqueles que a emissora apresenta em sua grade de programação.

Todos os participantes da pesquisa estavam cientes de que fariam parte de um estudo científico e assinaram um termo de consentimento e adesão, concordando em participarem como informantes do trabalho.

4.2 *Corpus*

Sabe-se que uma variável que também pode influenciar a ocorrência de ênfases na locução é o tipo de imagem ou de tema que está sendo apresentado, já que alguns exigem mais ou menos

emoção, mais ou menos ênfase. Devido a esse fator, decidiu-se trabalhar apenas com a locução de notícias factuais, reduzindo assim parte das diferenças nos estilos de narração. No telejornalismo, notícias factuais referem-se a fatos acontecidos recentemente, sempre presentes na cobertura diária dos acontecimentos. Mesmo que prevista e, portanto, esperada, uma notícia é definida como factual.

Tendo em vista o interesse em realizar um estudo prosódico efetivo, decidiu-se por trabalhar com situações reais de locuções telejornalísticas. Visando alcançar esse objetivo, o *corpus* foi constituído de gravações em tempo real de *offs* de notícias factuais narrados por cada um dos repórteres, a serem transmitidas no telejornal selecionado.

4.3 Coleta de dados

O *corpus* foi coletado por meio da gravação da locução “real” do *off*, isto é, realizada no contexto de atuação do profissional em análise. Aproveitou-se o momento em que o repórter gravou um *off* para ser transmitido no telejornal selecionado, e gravou-se, ao mesmo tempo, sua locução para ser analisada. A emissora de televisão permitiu a gravação do material, desde que os dados fossem utilizados exclusivamente para esse estudo.

O repórter realizou a gravação dentro de uma cabine com isolamento acústico, situada na central de jornalismo da emissora de televisão. A emissora fez a gravação do material através de um microfone de mesa, mas para a gravação do *corpus* todos os repórteres usaram, também, um microfone de cabeça LeSon - Linha HD - 75d, unidirecional (cardióide) com resposta a frequências de 100 a 14 KHz posicionado a dez centímetros da boca para evitar a captação de ruídos de plosão e fricção dos sons. No momento em que cada um deles narrava a notícia a ser

apresentada no telejornal, ela era simultaneamente captada por um notebook Compaq Presario 1200US - placa de som JBL Pro áudio e gravadas em arquivos individuais pelo software GRAM 5.0, no formato de arquivo de som *wav*. Sendo assim, foram gravados 6 *offs*, catalogados como *off 1* a *off 6*. Os *offs* tiveram uma duração média de 55 segundos cada, parâmetro esse que não teve como ser controlado, já que as notícias não foram elaboradas pelos pesquisadores.

4.4 Seleção do *corpus* de análise

Como o objetivo é analisar apenas as sílabas enfáticas, tônicas rítmicas e tônicas salientes, foi necessário realizar a identificação desses segmentos em cada *off*. Como ainda não há procedimentos experimentais que dêem instruções sobre como realizar a identificação e marcação de ênfases, os examinadores decidiram realizar algumas tarefas, como descritas abaixo.

4.4.1 Identificação de ocorrências de ênfase

4.4.1.1 Parte 1 – Juízes fonoaudiólogos

Para a obtenção do *corpus* de análise, realizou-se primeiramente a identificação dos segmentos enfáticos nas locuções. Tendo em vista que esse fenômeno é identificado perceptivamente pelos ouvintes, e que essa identificação é variável entre indivíduos, decidiu-se por apresentar o material de análise para um grupo de juízes com experiência na área, para que esses identificassem os segmentos enfáticos dos textos.

Para realizar essa tarefa, foi convidado um grupo de três fonoaudiólogos mineiros com experiência na área de reabilitação de transtornos vocais e aprimoramento da locução de telejornalistas. Não se conseguiu um número maior de juízes fonoaudiólogos, pois não havia outros profissionais disponíveis que se encaixassem nos critérios de seleção. A decisão em realizar a pesquisa a partir das identificações de juízes experientes baseou-se no fato de que a avaliação perceptivo-auditiva apresenta maior confiabilidade quando realizada por ouvintes treinados.

Esses juízes fonoaudiólogos reuniram-se na data pré-estabelecida para a tarefa de identificação das ênfases. Primeiramente eles assistiram a uma explanação da pesquisadora sobre o que se definiu para esse trabalho como sendo ênfase na fala. A definição utilizada, conforme citado no capítulo anterior, foi a de Reis (2005), sendo a ênfase descrita como uma manifestação acental produzida por uma escolha do locutor, responsável pela proeminência de determinados segmentos do texto – segmentos esses apresentados como os mais informativos e relevantes para o ouvinte.

Após receberem os textos com o conteúdo de todas as reportagens – *off* 1 ao *off* 6- foi solicitado que identificassem as ênfases das locuções de cada *off*, marcando nos textos a sílaba enfatizada (podendo marcar a palavra, em caso de dificuldade de identificação da sílaba). Cada texto (*off*), em formato de arquivo *wav*, foi reproduzido pelo microcomputador no programa *Windows Media Player* e apresentado aos juízes através dos alto-falantes do computador, um de cada vez, por três vezes. Durante a execução de cada *off*, eles identificaram e marcaram os segmentos onde acreditaram ter ocorrido ênfase. Os *offs* foram apresentados em seqüência – 1 ao 6 – sendo as marcações realizadas todas no mesmo dia e a tarefa completada em aproximadamente uma hora e trinta minutos.

Após essa etapa, realizou-se a comparação dos resultados obtidos pelos juízes fonoaudiólogos. Foram consideradas enfáticas as sílabas identificadas pela maioria (incidência maior ou igual a 02 marcações). Como em muitos casos os juízes não marcaram apenas a sílaba enfática, e sim a palavra ou o sintagma, após a seleção dos segmentos enfáticos, essas sílabas foram identificadas pela pesquisadora. Após essa seleção, todas as sílabas enfáticas foram listadas separadamente para cada *off* em uma tabela, sendo essas as sílabas incluídas no processo de análise.

4.4.1.2 Parte 2 – Juízes estudantes

Ao longo do trabalho, surgiu uma questão que fez ampliar a pesquisa. Streefkerk (2003), em seu trabalho sobre a proeminência na língua falada, optou por realizar a identificação das proeminências por meio da análise perceptivo-auditiva de ouvintes não treinados, justificando essa decisão metodológica com o argumento que a proeminência é um fenômeno perceptivo e intuitivamente identificável por ouvintes não treinados. Segundo uma das conclusões de seu trabalho, as marcações obtidas foram bastante seguras e consistentes. A partir dessa observação, decidiu-se desenvolver um experimento para testar as constatações de Streefkerk.

Sendo assim, as narrações em formato de texto escrito foram apresentadas a vinte e dois juízes não treinados na área (estudantes de graduação do 2º período de fonoaudiologia, que ainda não haviam tido qualquer contato com disciplinas cujos conteúdos abordassem temas sobre ênfase na fala, produção vocal e/ou tratamento das disfonias).

Primeiramente, houve uma explanação sobre o conceito de ênfase e sobre o material a ser analisado (*off* de repórteres de telejornalismo); assim como citado anteriormente para os juízes fonoaudiólogos.

A seguir, foi solicitado que identificassem as ênfases nas locuções de cada *off*, marcando nos textos a sílaba enfatizada (podendo marcar a palavra, em caso de dificuldade de identificação da sílaba). Os juízes receberam os textos escritos contendo as narrações das reportagens – *off* 1 ao *off* 6, e escutaram as locuções jornalísticas no laboratório de línguas da FALE – UFMG, utilizando um sistema digital de amplificação individual – cada ouvinte com um fone supra-aural. Cada texto (*off*), em formato de arquivo *wav*, foi reproduzido pelo microcomputador no programa *Windows Media Player* e apresentados a eles, um de cada vez, por três vezes. Simultaneamente à execução de cada *off*, eles identificaram e marcaram os segmentos onde acreditaram ter ocorrido ênfase. Os *offs* foram apresentados em seqüência – 1 ao 6 – sendo as marcações realizadas todas no mesmo dia.

Após essa etapa, os resultados obtidos por cada estudante foram comparados. Considerou-se como enfáticos os segmentos identificados pela maioria (incidência maior ou igual a 11 marcações). Aqui, como no caso dos juízes fonoaudiólogos, muitos indivíduos também não marcaram a sílaba enfática, e sim a palavra ou o sintagma.

A partir da identificação das ênfases foram feitas duas listas para cada *off*: ênfases identificadas pelos juízes fonoaudiólogos e pelos juízes estudantes - para se determinar o índice de equivalência entre a marcação dos dois grupos por meio de análise estatística.

É importante ressaltar que as sílabas enfáticas definidas pelos estudantes não foram incluídas no processo de análise dos parâmetros acústicos, apenas nessa análise de concordância das

marcações entre os juízes fonoaudiólogos e estudantes. Essa decisão metodológica baseou-se no fato de que todas as análises acústicas já haviam sido feitas no momento em que surgiu a idéia de testar a constatação de Streefkerk.

4.4.2 Identificação das sílabas tônicas rítmicas

Segundo Cagliari (2002), a ocorrência de sílabas tônicas depende de como o ritmo é estruturado nos grupos tonais; pois no ritmo, assim como em todas as outras partes da gramática, a variação é um fenômeno comum. Ele justifica dizendo que as atitudes do falante modificam muitos parâmetros prosódicos da fala, entre eles o ritmo.

É justamente por causa disso que não se pode localizar o acento apenas vendo o enunciado escrito; porque, segundo Cagliari, o padrão de distribuição dos acentos pode variar quando o enunciado é falado.

Sendo assim, foi necessário realizar uma identificação perceptiva das sílabas tônicas rítmicas. Logo, essa identificação foi realizada pela pesquisadora, com auxílio do orientador, após ouvirem por no máximo cinco vezes a reprodução da locução de cada *off*.

As marcações dessas sílabas foram feitas em folhas onde estavam transcritos cada *off* separadamente. Após a identificação, as sílabas rítmicas foram listadas em tabelas, uma para cada *off*.

4.4.3 – Identificação dos grupos tonais e das sílabas tônicas salientes

4.4.3.1 Parte 1

Os grupos tonais e as sílabas salientes foram identificados perceptivamente pela pesquisadora, com auxílio do orientador, após ouvirem, por no máximo cinco vezes, a reprodução da locução de cada *off*.

As marcações dessas sílabas foram feitas em folhas onde estavam transcritos cada *off* separadamente. Após a identificação, as sílabas tônicas salientes foram listadas em tabelas, uma para cada *off*.

4.4.3.2 Parte 2

Durante as identificações dos grupos tonais e das sílabas salientes surgiu uma nova questão: a dificuldade de se delimitar as fronteiras do GT. Acredita-se que essa dificuldade foi devido ao fato do material em análise tratar-se de um texto. Isso porque a teoria de Halliday (1970) foi descrita apenas em nível de sentença, não de texto; além de o autor demonstrar a teoria apenas com exemplos de fala fluente. Não há, portanto, informação suficiente para o que acontece em nível de texto, de parágrafo. A partir da propriedade da gradiência na produção da fala, é provável que haja uma hierarquização dessas fronteiras do enunciado em grupos tonais, relacionada principalmente à escolha e à intenção do falante. Sendo assim, essas fronteiras foram definidas como tendo divisões nítidas e divisões fluidas.

Brow et al. (1980) notou essa dificuldade na identificação dos grupos tonais em fala espontânea, o que foi atestado também por Valente (2003) em sua pesquisa sobre os aspectos prosódicos da leitura oral e da fala espontânea. Cruttenden (1986) corrobora com essa idéia, dizendo que essa dificuldade pode surgir, pois as fronteiras não têm divisões claras devido às quebras naturais da fala, como as hesitações, repetições e sentenças incompletas. Apesar de o trabalho aqui apresentado não se tratar de análise de fala espontânea, é possível generalizar que, em um processo de enunciação de um texto, as fronteiras dos GT não são fáceis de identificar.

Em seu trabalho com profissionais da voz, Coradi (2003) relatou dificuldade em delimitar os grupos tonais das saudações iniciais na fala do operador de *telemarketing* ativo. A autora aponta que apenas auditivamente não foi possível precisar essas fronteiras, sendo necessário o auxílio da análise acústica, examinando a variação melódica e a ocorrência de pausas.

Considerou-se, então, como divisões nítidas, aquelas fronteiras de fácil identificação por terem um maior número de indícios acústicos, principalmente a pausa, que é o indício mais importante (apesar desse indício não ser decisivo; isto é, pode haver pausa sem que haja fronteira de GT e vice-versa). Já as divisões fluidas, ou fracas, foram aquelas fronteiras menos nítidas, com menos indícios acústicos, mostrando que o locutor preferiu não demarcar com nitidez uma fronteira entre os dois grupos tonais, provavelmente por uma razão pragmática.

Cagliari (2002) aponta que alguns pesquisadores queixam-se da dificuldade de reconhecer os grupos tonais, mas que ele acredita que a experiência do foneticista, principalmente ao considerar todas as informações prosódicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas do texto, elimina qualquer dúvida sobre a identificação das fronteiras dos grupos tonais e das sílabas salientes. O autor conclui que “qualquer outra abordagem será redutora e poderá levar facilmente a mal-entendidos e a erros de interpretação”.

Em face dessa questão, decidiu-se realizar outro experimento. Dessa vez o objetivo foi verificar se há concordância na percepção entre avaliadores muito experientes e avaliadores pouco experientes quanto à divisão textual em grupos tonais. Partindo desse raciocínio que a experiência do pesquisador é um fator importante na divisão em GTs, principalmente no caso de um texto, os resultados obtidos pelos dois grupos serão provavelmente diferentes.

Para testar essa hipótese, foram reunidos vinte e dois juízes pouco experientes no assunto (estudantes de graduação do 2º período do curso de Fonoaudiologia da UFMG), que cursavam a disciplina Fonética Clínica no momento da pesquisa. Esses alunos tinham conhecimento teórico prévio sobre o assunto, pois esse conteúdo já havia sido ministrado pelo professor da disciplina. Mesmo assim, anteriormente à realização da tarefa, tanto a pesquisadora quanto o orientador realizaram uma explicação sobre o conceito de GT e sua delimitação, com o intuito de relembrar o que foi aprendido.

Tendo recebido o texto do *off* 1, foi solicitado que identificassem perceptivamente e marcassem os GT e as sílabas tônicas salientes no mesmo. Os juízes escutaram as locuções jornalísticas no laboratório de línguas da FALE – UFMG, utilizando um sistema digital de amplificação individual – cada ouvinte com um fone supra-aural. O material, em formato de arquivo *wav*, foi reproduzido pelo microcomputador no programa *Windows Media Player*. Eles ouviram o *off* 1 por três vezes e, conjuntamente, marcaram os GT e as sílabas tônicas salientes. Orientamos que a fronteira do GT deveria ser marcada com barras transversais, e a sílaba saliente deveria ser circulada. Essas marcações foram feitas em folhas onde estavam transcritos o *off* 1, sendo uma folha para cada juiz.

Essa tarefa foi realizada antes da identificação das ênfases, citada anteriormente, sendo que os avaliadores só foram informados sobre a segunda, após o término da primeira tarefa.

Em um momento posterior realizou-se a comparação das identificações, feitas pelos avaliadores pouco experientes, das sílabas tônicas salientes. Para esse grupo, considerou-se como sílabas salientes, aquelas que foram marcadas pela maioria (incidência maior ou igual a 11 marcações).

A partir desse levantamento foram feitas duas listas para cada grupo de avaliadores a fim de comparar a semelhança entre elas através de análise estatística.

Depois de finalizada a seleção do *corpus* de análise, foram realizadas as análises dos dados, como descrito abaixo.

4.5 Análise Prosódica

Adotou-se o programa *Praat* de análise prosódica, versão 4.3.29 para a análise acústica instrumental de nossos dados.

Por meio desse programa, foram obtidos os dados quantitativos relevantes para análise, ou seja, a duração, intensidade e o intervalo melódico de todas as proeminências – enfáticas, tônicas rítmicas e tônicas salientes. Em cada uma delas, foram examinados o espectrograma de banda larga, a curva de frequência fundamental (em Hz), a curva de intensidade (em dB) e o oscilograma. Além disso, analisamos o contorno melódico de cada uma das sílabas.

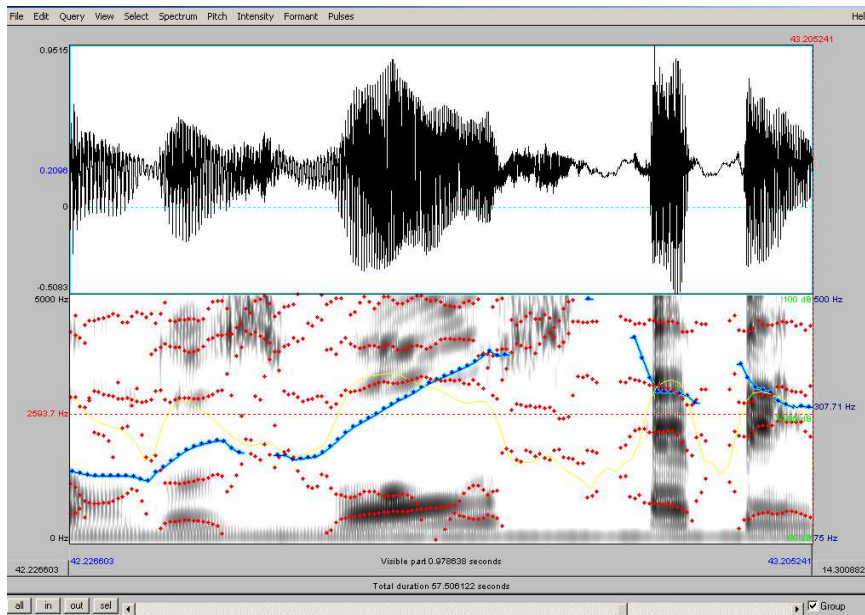


FIGURA 1 – Tela do programa *Praat*.

Oscilograma (acima) e espectrograma de banda larga (abaixo). Sobre o espectrograma, a linha azul pontilhada representa a curva de F0, e a de amarelo (muito apagada) a linha de intensidade.

4.5.1 Divisão silábica

A divisão silábica de um enunciado não é tarefa fácil, visto que muitas vezes é complicado delimitar as fronteiras silábicas (MEYNAIDER, 2001). Mas alguns autores, como Laks (1995) afirmam que o ouvinte é capaz de ter uma intuição perceptiva da sílaba. Logo, o material foi ouvido várias vezes, tanto para a identificação do contexto fonético de cada sílaba - o que, segundo Allen (1978), auxilia na delimitação do segmento - quanto para a identificação do contexto prosódico, pois certas palavras podem ter diferentes silabações em função de sua pronúncia (MEYNADIER, 2001).

A delimitação das sílabas foi realizada, então, somando-se essa intuição perceptiva do ouvinte ao conhecimento teórico, discutido anteriormente. Para isso, contou-se simultaneamente com o auxílio da curva de F0, do oscilograma e do espectrograma de banda larga, permitindo uma adequada segmentação do material.

Sabe-se que, mesmo com todos os cuidados tomados ao se estabelecer os limites das sílabas, erros podem ter ocorrido. Allen (1978) afirma que é muito comum ocorrer erros na medida da duração da sílaba, devido à dificuldade de marcação precisa das fronteiras segmentais. Ele sugere que para minimizar esses erros, os dados sejam analisados por pessoas diferentes, mas esse método não pôde ser adotado nesta pesquisa.

Após a delimitação das sílabas pela pesquisadora, os parâmetros acústicos, de cada uma delas, foram analisados.

4.5.2 Parâmetros analisados

4.5.2.1 Intensidade

O que possibilitou a medição e, posteriormente, a comparação da intensidade entre as sílabas foi o fato de a distância do microfone até a boca do repórter ter sido controlada.

As medidas da intensidade foram obtidas posicionando o cursor no pico da curva de intensidade, no ponto referente à vogal de cada sílaba analisada.

4.5.2.2 Intervalo Melódico

A variação da frequência fundamental foi obtida pela variação sofrida ao longo da curva de frequência fundamental no intervalo referente à vogal da sílaba analisada. A análise das vogais é importante, pois a curva de F0 é gerada com base na estrutura periódica das vogais, sendo o elemento essencial para a percepção da melodia.

Para a obtenção do valor do intervalo melódico foi realizada, primeiramente, a medição do valor inicial e o valor final (ponto mais alto e mais baixo) da curva de F0. Para se identificar esses valores, descartaram-se os primeiros e os últimos 20 ms da duração de cada vogal, para evitarmos que aspectos da coarticulação interferissem nos nossos achados. A partir desse recorte é que os valores iniciais e finais de F0 foram definidos. Posteriormente, subtraiu-se o segundo valor do primeiro, a fim de definir o valor do intervalo melódico.

4.5.2.3 Contorno Melódico

Considerou-se importante a identificação do contorno melódico de cada sílaba para compararmos se há um padrão melódico típico na realização das ênfases, que possa diferenciá-las das demais sílabas tônicas.

A caracterização do contorno melódico foi feita a partir do cálculo do intervalo melódico da vogal das sílabas tônicas. Para caracterizar os contornos, adotou-se a seguinte convenção:

- Contorno melódico ascendente: quando houve um movimento de subida de F0
- Contorno melódico descendente: quando houve um movimento de descida de F0
- Contorno melódico nivelado: quando houve ausência de variação de F0, sendo que variações abaixo de 6 Hz não foram consideradas.

4.5.2.4 Valores inicial e final de F0

A seguir, os valores inicial e final de F0 da vogal de cada sílaba foram listados em uma tabela, separados por tipo silábico e por tipo de contorno melódico.

4.5.2.5 Duração

Inicialmente foram analisadas as durações de cada sílaba e de cada vogal de todas as proeminências, com o intuito de verificar se há uma tendência de marcação das ênfases através do prolongamento da vogal, de toda a sílaba ou de ambas.

A duração das sílabas e das vogais de cada sílaba foi medida em milissegundos (ms). Para a obtenção desses dados, delimitou-se com o cursor o segmento a ser analisado, e o programa nos forneceu os valores.

A delimitação das fronteiras vocálicas também foi realizada através dos mesmos recursos usados para a delimitação das sílabas – curva de F0, oscilograma e espectrograma de banda larga, simultaneamente.

Como foi dito no segundo capítulo, vários aspectos da natureza do segmento influenciam em sua duração (LAVÉ, 1994). Sendo assim, além do aspecto tonicidade (tendo em vista que todas as sílabas em estudo são consideradas tônicas), as outras variáveis escolhidas para serem isoladas no *corpus* foram a estrutura da sílaba e a estrutura da vogal.

Primeiramente, todas as sílabas em análise foram divididas em grupos a partir de sua estrutura silábica. Esses grupos foram formados a partir do aparecimento das estruturas ao longo da análise. São eles:

- Estrutura Silábica 1: formada por consoante-vogal (CV);
- Estrutura Silábica 2: formada por vogal-consoante (VC);
- Estrutura Silábica 3: formada por consoante-vogal-vogal (CVV);
- Estrutura Silábica 4: formada por consoante-consoante-vogal (CCV);
- Estrutura Silábica 5: formada por consoante-vogal-vogal-consoante (CVVC);
- Estrutura Silábica 6: formada por consoante-vogal-consoante (CVC);
- Estrutura Silábica 7: formada por vogal (V);
- Estrutura Silábica 8: formada por consoante-consoante-vogal-vogal (CCVV);
- Estrutura Silábica 9: formada por consoante-consoante-vogal-consoante (CCVC);
- Estrutura Silábica 10: formada por vogal-vogal-consoante (VVC);
- Estrutura Silábica 11: formada por consoante-consoante-vogal-vogal-consoante (CCVVC);
- Estrutura Silábica 12: formada por vogal-vogal (VV).

Posteriormente, o mesmo foi feito para as vogais; dividindo-as em dois grupos, de acordo com sua estrutura, como descrito abaixo:

- Estrutura Vocálica 1: formada por uma vogal (V);
- Estrutura Silábica 1: formada por vogal-vogal (VV)

Sabe-se que outros aspectos fonéticos, fonológicos e prosódicos – como o ponto e o modo de articulação das consoantes e vogais, a posição da sílaba dentro da palavra, a posição da palavra na unidade entonativa, o número e o tipo de sílabas que constituem a unidade rítmica local e a

direção, complexidade e comprimento da inclinação melódica também podem alterar a duração do segmento (LAVÉ, 1994; PIKE, 1945; LEHISTE, 1977; BOUZON & HIRST, 2002). Entretanto essas variáveis não foram isoladas, principalmente porque o *corpus* não apresentava ocorrências significativas de todas as variáveis – o que aconteceu inclusive com a estrutura silábica. Logo, apesar de se saber que os achados sofreram influência desses fatores, decidiu-se por assumir essa posição metodológica.

4.6 Análise Estatística

Os dados referentes à intensidade foram submetidos ao cálculo das médias e dos respectivos desvios padrões (DP). Posteriormente utilizou-se o teste-t com o intuito de verificar se a diferença entre as médias dos dados da tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS) foi estatisticamente significativa. O nível de significância adotado para a aplicação do teste foi de 0,05, isto é, foram consideradas significantes as diferenças em que o valor de p foi menor que 0,05.

Quanto ao contorno melódico (CM), foram analisados os três tipos de contornos supracitados, sendo calculada a porcentagem da incidência de cada um dos três em cada proeminência estudada – TE, TR e TS. Posteriormente, utilizou-se o teste-t com o intuito de verificar se a diferença entre a ocorrência de cada contorno melódico em cada tipo de proeminência foi estatisticamente significativa.

Em relação aos intervalos melódicos (IM), foram calculadas as médias e os desvios padrões dos intervalos dos contornos melódicos 1 e 2 para cada tipo de saliência. Nessa análise também foi

aplicado o teste-t para verificar se há diferença estatisticamente significativa entre os valores dos intervalos melódicos de cada contorno entre TE, TR e TS. Além disso, realizou-se o gráfico de ação padronizado para esses contornos, para verificar a variação melódica em cada situação.

Outros aspectos analisados foram os valores inicial e final de F0, para cada tipo de contorno melódico, na vogal de cada proeminência estudada. As médias e os desvios padrões de cada valor (inicial e final) foram calculados e o teste-t foi aplicado para verificar se há ocorrências estatisticamente diferentes em relação aos valores de F0 de TE, TR e TS, para cada variação melódica.

O aspecto duração teve uma análise mais trabalhosa, pois, além da análise da duração global de sílabas e vogais em cada um dos tipos de proeminências, realizou-se também a mesma análise para a duração das sílabas e vogais divididas por estruturas silábicas e estruturas vocálicas, como descrito anteriormente. Primeiramente foram realizadas as médias e os desvios padrões da duração das sílabas e das vogais para TE, TR e TS, e depois de cada estrutura silábica e de cada estrutura vocálica em cada uma das proeminências. O teste-t foi utilizado para análise e comparação das médias obtidas.

Todos os resultados serão apresentados textualmente e através de gráficos e tabelas, descrevendo as ocorrências que possam caracterizar a produção da ênfase na locução do repórter de telejornal. Através deste trabalho foi possível verificar que, apesar da variabilidade encontrada, existem relevâncias prosódicas que podem sinalizar a ênfase nessa situação específica de enunciação.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A presente pesquisa foi estruturada enfocando a análise acústica e perceptiva de aspectos prosódicos (intensidade, F0 e duração) da sílaba enfática, tendo como meio de comparação as sílabas tônicas rítmica e saliente.

Este capítulo tem como propósito analisar e discutir os resultados encontrados a partir da análise acústica dos parâmetros supracitados, na tentativa de caracterizar o perfil prosódico da produção da ênfase na locução do repórter de telejornalismo.

No decorrer da pesquisa foram observados outros aspectos, além dos propostos, considerados relevantes para o presente estudo. Logo, foram realizadas análises complementares, que serão descritas ao final desta sessão.

A grande dificuldade encontrada para a interpretação e discussão dos resultados foi o fato dos estudos encontrados na literatura, sobre o tema aqui proposto, apresentarem metodologias diferentes, o que não permitiu uma comparação com os achados desta pesquisa. Sendo assim, o que se tentou fazer foram aproximações com as teorias e estudos publicados.

5.1 Análise acústica

5.1.1 Intensidade

Os valores médios dos picos de intensidade de cada sílaba (TE, TR e TS) foram comparados. Esses resultados, assim como os respectivos desvios padrões e os valores mínimos e máximos dos picos de cada sílaba, encontram-se na tabela abaixo.

INTENSIDADE					
Sílaba	N	Media	DP	Mínimo	Maximo
TE	94	86,489	3,989	77	99
TR	101	86,624	3,752	78	96
TS	134	85,448	3,814	75	92

TABELA 1 – Número de ocorrências (N), média, desvio padrão (DP), valor mínimo e valor máximo do pico de intensidade (em dB NPS) de cada proeminência analisada: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).

O gráfico a seguir mostra o intervalo de confiança das médias dos resultados obtidos para quantificar a intensidade. Essa medida expressa a variação entre os dados. Assim, quanto menor o intervalo de um conjunto de dados, menor é a sua variabilidade.

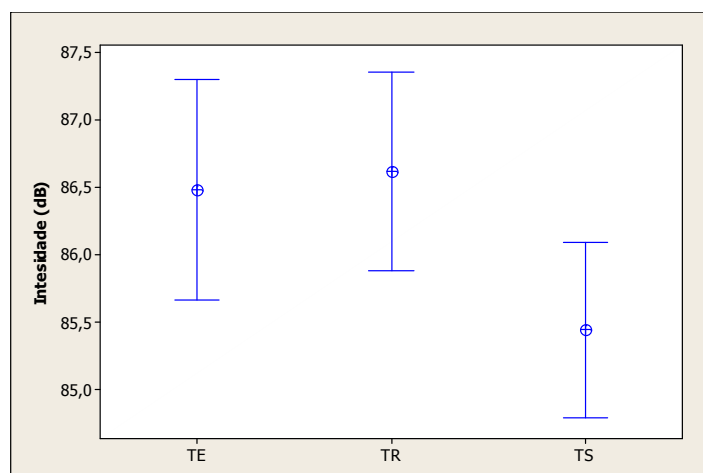


GRÁFICO 1 – Média e intervalo de confiança dos valores dos picos de intensidade (em dB) em cada proeminência estudada: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).

A tabela abaixo mostra os resultados da aplicação do teste-t na comparação dos valores médios de intensidade entre as sílabas.

Sílaba	p-valor
TE X TR	0,9678
TE X TS	0,1091
TR X TS	0,0530

TABELA 2 – Significância (p-valor), através da aplicação do teste-t, dos valores de intensidade em cada proeminência: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).

O teste mostra que as comparações entre as intensidades da sílaba enfática com as demais sílabas não são diferentes significativamente – $p > 0,05$. O único caso com quase significância foi a diferença entre TR e TS ($P = 0,053$). Pode-se dizer, então, que a intensidade não foi um parâmetro utilizado para diferenciar a TE das demais tônicas.

Esse achado não confirma a hipótese, pois se acreditava que o repórter realizaria variações de intensidade para marcar prosodicamente a ênfase, como foi visto no estudo de diversos autores (BOLINGER, 1986; CAMPBELL, 1992 e 1995; WIGHTMAN & OSTENDORF, 1994; SLUIJTER & VAN HEUVEN, 1996; MORAES, 1998; STREEFKERK et al.,1999; ROACH, 2002; FEIJÓ, 2003; HELDNER, 2003; PANICO & FUKUSIMA, 2003; STREEFKERK, 2003), incluindo o trabalho de Behlau & Pontes (1995) que destaca que a ênfase é expressa principalmente pelo aumento da intensidade.

Possíveis explicações para esse achado podem ser: i) o fato de se ter medido apenas o pico de intensidade das tônicas e não sua variação em relação às sílabas vizinhas; ii) na expressão da

ênfase em locução telejornalística a intensidade não é um parâmetro pertinente; e iii) o pequeno número de dados. Além disso, um importante aspecto é o fato de não se ter isolado a posição silábica de cada tônica analisada; sendo assim, a comparação entre os valores médios não fornecem informações precisas. Entretanto, algumas questões podem ser discutidas.

Uma delas diz respeito a um aspecto estrutural das sílabas tônicas. Partindo-se do pressuposto que as sílabas acentuadas (tônicas) têm maior intensidade do que as sílabas não acentuadas (CRYSTAL, 1969; BEHLAU & PONTES, 1995; HIRST, 1998; CELIK, 2001; CAGLIARI, 2002; ROACH, 2002), é possível que as sílabas enfáticas realmente não sejam mais fortes que as demais tônicas. A intensidade média encontrada nesse trabalho para as sílabas tônicas (86 dB NPS) pode atestar essa questão estrutural de aumento de intensidade das tônicas como um todo e/ou comprovar o fato de que as locuções profissionais apresentam um aumento global da intensidade em toda a enunciação – como foi citado em alguns trabalhos (GAMA, 2003; STIER, 1997; KNAP & HALL, 1999; HELDNER, 2003; STIER & NETO, 2003).

Um achado interessante é o valor máximo da TE (Tabela 1), que se mostra maior que os mesmos valores das demais sílabas. Pode-se inferir então, que em determinados casos o aumento da intensidade pode sim destacar a tônica enfática, mas, como a comparação dos valores médios não mostrou diferenças significativas, essa não é uma inferência que se pode provar.

Uma outra possibilidade, bastante relevante neste estudo, pode ser embasada por Laver (1994). O autor diz que outros fatores, além dos lingüísticos, podem influenciar na variação de intensidade de fala: os fatores paralingüísticos (poucos importantes no momento) e os extra-lingüísticos – como, por exemplo, a distância dos participantes e os lugares físicos e sociais nos quais a conversação está acontecendo. Tendo em vista que a locução de um *off* não é uma situação

dialogal, e que as gravações são feitas dentro de uma cabine, com o apresentador assentado em uma cadeira, sem necessariamente ter que realizar movimentos e usando de microfone, pode ser possível que os repórteres não tenham se utilizado da intensidade como um recurso de produção de ênfase devido ao fato de , neste contexto, os fatores extra-lingüísticos não atuarem ao ponto de gerar uma variação de intensidade significativa. Dentro dessa questão, a partir do que coloca Panico & Fukusima (2003) – afirmando que a intensidade na locução telejornalística deve ser trabalhada para ser mais forte, porém considerando a já utilização do microfone – pode-se inferir que a ausência de variação de intensidade para marcar a ênfase pode ter ocorrido devido ao fato da locução como um todo já apresentar padrões de intensidade mais elevados, inviabilizando demais aumentos significativos. Para comprovação dessas hipóteses, sugere-se que futuras pesquisas sejam realizadas, pois tendo em vista que no presente trabalho não foram avaliadas as sílabas átonas, fica difícil comprovar essa questão.

Entretanto, duas pesquisas também realizadas com *profissionais da voz* (ALVES, 2002; CORADI, 2003), corroboram com o achado da presente análise, à medida que atestaram que a intensidade média encontrada para as sílabas enfáticas foi semelhante à encontrada para as sílabas tônicas. Sendo assim, a questão colocada no início deste estudo continua sem resposta: a intensidade é um parâmetro que diferencia a sílaba enfática das demais tônicas ou, em função do aumento de volume ser um dos aspectos prosódicos que marca a tonicidade da sílaba, realmente não há um aumento extra desse parâmetro na produção da ênfase? Como foi possível observar, a variação da intensidade desperta interesse na área. Aparentemente, o que foi possível perceber com o presente trabalho é que a intensidade não é um parâmetro significativo na ênfase da situação analisada. Os achados até agora só fizeram aumentar a polêmica, evidenciando a necessidade de pesquisas futuras.

5.1.2 Frequência fundamental

5.1.2.1 Contorno melódico

O contorno melódico foi caracterizado como ascendente, descendente e nivelado. Foram avaliados separadamente os três tipos de contorno melódico, sendo calculada a comparação de ocorrência e o desvio padrão de cada contorno dentro de cada um dos três grupos de sílabas (Gráficos 2, 3 e 4). Além disso, realizou-se a verificação da incidência de cada tipo de contorno em cada proeminência acentual estudada (Tabelas 3, 4 e 5), para que se pudesse comparar e caracterizar as variações melódicas típicas de cada sílaba tônica.

A seguir encontram-se os resultados da sílaba enfática:

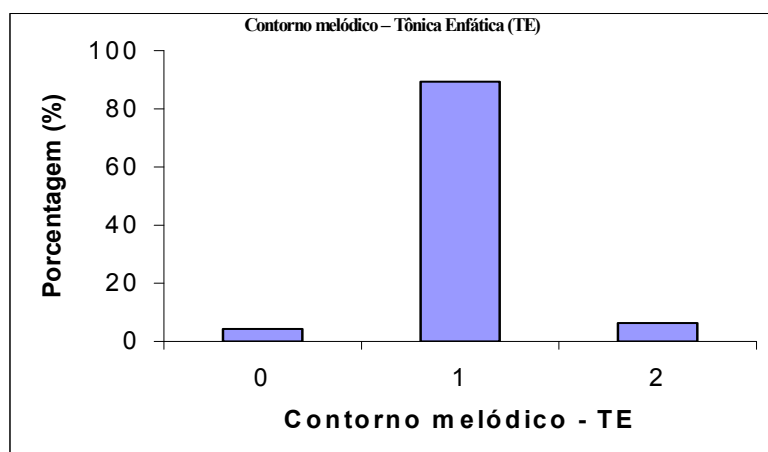


GRÁFICO 2 – Porcentagem de ocorrência de cada contorno melódico (0-nivelado, 1-ascendente, 2-descendente) na sílaba tônica enfática (TE).

Pares	p-valor
0 X 1	0,000
2 X 1	0,000

TABELA 3 – Significância (p-valor), através da aplicação do teste-t, do tipo de contorno melódico (0-nivelado, 1-ascendente, 2-descendente) com maior incidência na sílaba tônica enfática.

No gráfico temos a comparação de ocorrência de cada contorno melódico na sílaba tônica enfática (TE). A tabela que acompanha o gráfico mostra, através da aplicação do teste-t, que a comparação do contorno melódico ascendente (1) é significativamente maior que as comparações dos contornos nivelado (0) e descendente (2) – $p < 0,05$. Não temos o teste entre o par 0 X 2 pois estes apresentam porcentagens muito parecidas, o que, obviamente, torna o teste inútil neste caso. Podemos observar, então, que o perfil melódico significativamente mais utilizado na tônica enfática foi o ascendente.

Quanto à sílaba tônica rítmica, seus achados estão descritos a seguir:

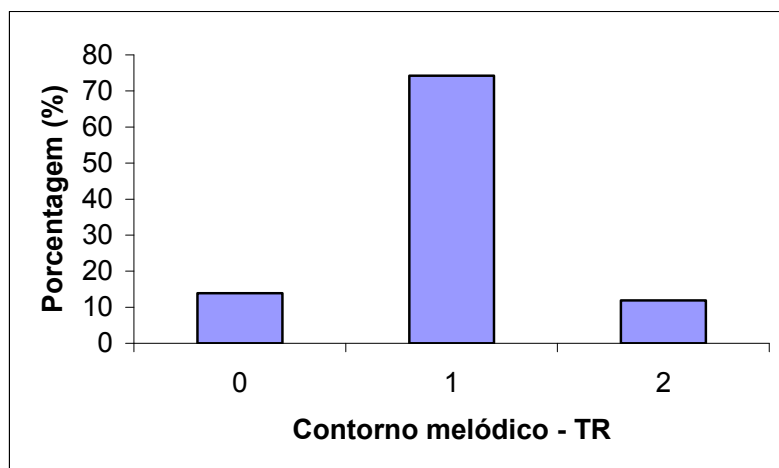


GRÁFICO 3 – Porcentagem de ocorrência de cada contorno melódico (0-nivelado, 1-ascendente, 2-descendente) na sílaba tônica rítmica (TR).

Pares	p-valor
0 X 1	0,000
1 X 2	0,000

TABELA 4 – Significância (p-valor), através da aplicação do teste-t, do tipo de contorno melódico (0-nivelado, 1-ascendente, 2-descendente) com maior incidência na sílaba tônica rítmica.

No gráfico acima temos a comparação de ocorrência de cada contorno na sílaba tônica rítmica (TR). A tabela subsequente mostra que a ocorrência do contorno melódico ascendente é significativamente maior que as comparações de 0 e de 2 – $p < 0,05$. Neste caso também não temos o teste entre o par 0 X 2, pela mesma razão supracitada. Podemos observar, assim como aconteceu na ênfase, que o contorno melódico mais utilizado na TR foi o ascendente.

As sílabas tônicas salientes apresentaram os seguintes resultados:

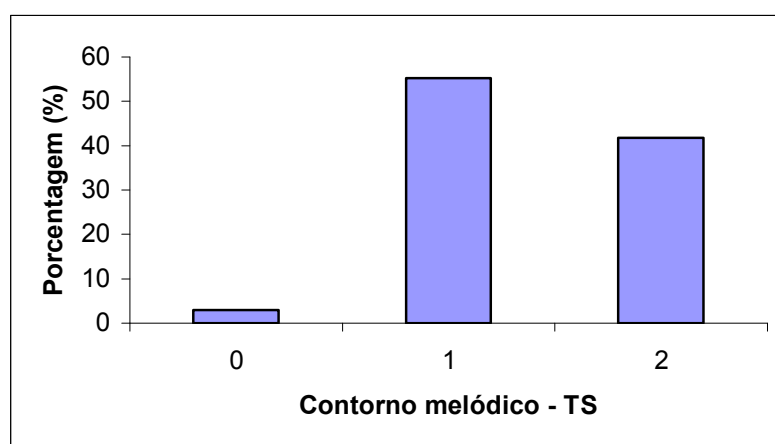


GRÁFICO 4 – Porcentagem de ocorrência de cada contorno melódico (0-nivelado, 1-ascendente, 2-descendente) na sílaba tônica saliente (TS).

Pares	p-valor
0 X 1	0,000
1 X 2	0,136
0 X 2	0,000

TABELA 5 – Significância (p-valor), através da aplicação do teste-t, do tipo de contorno melódico (0-nivelado, 1-ascendente, 2-descendente) com maior incidência na sílaba tônica saliente.

No gráfico 4 temos a comparação de ocorrência de cada contorno melódico na sílaba tônica saliente (TS). O teste que acompanha o gráfico mostra que as comparações entre as ocorrências dos contornos ascendente e descendente não são diferentes significativamente – $p > 0,05$ – porém estas duas são significativamente maiores que a comparação de ocorrência do contorno nivelado – $p < 0,05$. Logo, TS apresenta uma variação melódica tanto ascendente quanto descendente em sua produção.

Como foi possível observar, o contorno nivelado teve uma baixa ocorrência em todos os três tipos silábicos. Esse dado condiz com os achados da literatura, que afirmam que as sílabas tônicas, principalmente a tônica saliente, apresentam uma significativa variação melódica em sua produção (HALLIDAY, 1970; CAGLIARI, 2002). O contorno melódico ascendente foi predominante na tônica enfática, corroborando com os achados de Alves (2002) e Coradi (2003). Entretanto, o mesmo padrão foi observado para a tônica rítmica. Sendo um achado inesperado, pode-se inferir que esse aspecto seja um indício de característica própria do texto jornalístico. Já em relação à tônica saliente, houve um equilíbrio entre a ocorrência dos contornos melódicos ascendentes e descendentes. Sendo assim, conclui-se que o contorno melódico não é um parâmetro que permite diferenciar a ênfase das demais sílabas tônicas.

5.1.2.2 Intervalo Melódico

Um outro dado analisado foi o intervalo melódico da vogal de cada sílaba tônica em estudo, dentro dos contornos melódicos ascendente e descendente, com o objetivo de verificar se a amplitude melódica é um fator que marca a ênfase telejornalística.

A seguir encontram-se os resultados dos intervalos melódicos para o contorno melódico

ascendente, denominado como contorno melódico 1:

INTERVALOS MELÓDICOS – CONTORNO MELÓDICO 1

Variável	N	Media	DP
TE	84	53,49	37,22
TR	75	39,11	28,63
TS	74	32,16	16,45

TABELA 6 – Número de ocorrências (N), média (em Hz) e desvio padrão (DP), do intervalo melódico do contorno melódico ascendente (1) de cada proeminência analisada: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).

Pares	p-valor
TE X TS	0,000
TE X TR	0,007
TR X TS	0,071

TABELA 7 – Significância (p-valor), através da aplicação do teste-t, dos valores dos intervalos melódicos do contorno melódico ascendente (1) em cada proeminência: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).

O teste que acompanha a tabela indica que os casos onde $p < 0,05$ apontam diferenças significativas. Ele mostra que as comparações entre as ocorrências de TE X TS e TE X TR são significativamente diferentes, revelando que a ênfase possui o maior valor de amplitude melódica no contorno melódico ascendente em relação às demais sílabas. Quanto à comparação TR X TS o valor de p esteve muito próximo de 0,05, indicando que a diferença é quase significativa.

Apesar das análises terem apresentado diferenças significativas, decidiu-se realizar, também, os gráficos de ações padronizados, para comparar a variação melódica de cada proeminência nos contornos melódicos ascendente (1) e descendente (2), mostrando suas especificidades. Abaixo temos o gráfico de ações da variação melódica para o contorno melódico1:

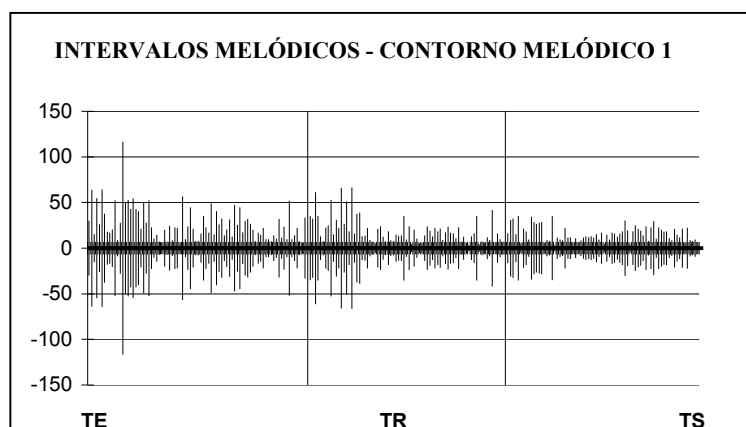


GRÁFICO 5 – Gráfico de ação dos valores padronizados dos intervalos melódicos no contorno melódico ascendente (1) em cada proeminência estudada: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).

As linhas do gráfico dividem cada tipo de proeminência (TE, TR e TS), e os traços verticais representam cada intervalo melódico analisado. Nota-se que a maior variação da amplitude melódica está em TE, e a menor variação está em TS.

Pode-se concluir, então, que a tônica enfática é aquela que apresenta, significativamente, a maior amplitude melódica em comparação às demais tônicas; sendo esse um correlato acústico seguro para a sua identificação, o que corrobora com vários estudos levantados na revisão de literatura (BOLINGER, 1986; STREEFKERK et al., 1999; MEDEIROS & MAKINO, 2001; ALVES, 2002; CAGLIARI, 2002; FROTA, 2002; ROACH, 2002). Heldner & Strangert (1997), Moraes (1998), Coradi (2003) e Streefkerk (2003) atestaram, inclusive, que esse parâmetro é o correlato acústico por excelência, isto é, o mais importante, tanto para a marcação do foco quanto da ênfase. O único trabalho encontrado que não considerou a amplitude melódica do segmento enfático como um marcador da ênfase foi o de Ladd & Morton (1997), entretanto esse parâmetro não foi considerado sem importância. Conforme citado anteriormente, para esses autores a proeminência seria função da amplitude melódica do enunciado todo, visto que à medida que a escala vertical aumenta, o significado (grau de ênfase) parece também sofrer aumentos graduais.

Quanto ao contorno melódico descendente (contorno melódico 2), os achados dos intervalos melódicos estão descritos a seguir:

INTERVALOS MELÓDICOS – CONTORNO MELÓDICO 2

Variável	N	Media	DP
TS	56	44,2	28,1
TR	12	13,5	8,07
TE	6	31,55	19,67

TABELA 8 – Número de ocorrências (N), média (em Hz) e desvio padrão (DP), do intervalo melódico do contorno melódico descendente (2) de cada proeminência: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).

Pares	p-valor
TE X TS	0,047
TE X TR	0,332
TS X TR	0,000

TABELA 9 – Significância (p-valor), através da aplicação do teste-t, dos valores dos intervalos melódicos do contorno melódico descendente (2) em cada proeminência: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).

O teste acima mostra que as comparações entre as ocorrências de TE X TS e TS X TR são significativamente diferentes, revelando que a tônica saliente possui o maior valor de amplitude melódica no contorno melódico descendente em relação às demais sílabas.

A seguir, o gráfico de ações para o contorno melódico2:

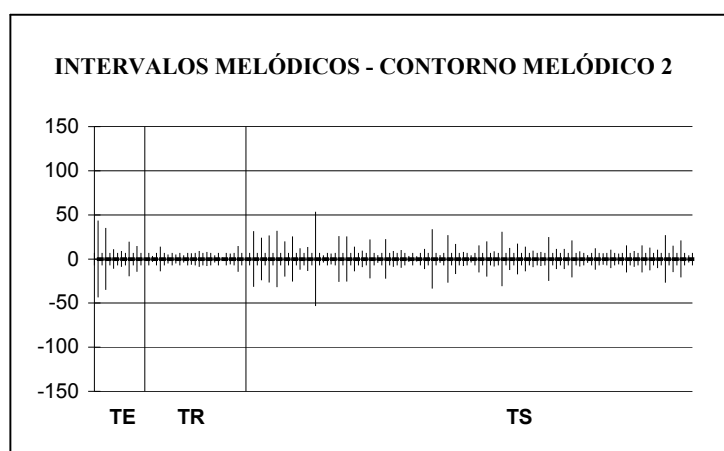


GRÁFICO 6 – Gráfico de ação dos valores padronizados dos intervalos melódicos no contorno melódico descendente (2) em cada proeminência estudada: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).

Neste caso, observa-se que a menor variação melódica esta em TR, enquanto que em TS parece haver uma variabilidade alta em alguns instantes e baixa em outros. A grande incidência de melodia descendente na tônica saliente já foi citada acima, sendo provavelmente esse o fator dessa proeminência apresentar um número tão maior de ocorrências comparado às demais tônicas. Em relação a TE, esta também apresenta uma grande variabilidade, mas como a amostra é pequena, devido ao fato do contorno melódico descendente não ser comum em segmentos enfáticos, não é possível tirar maiores conclusões. O que se pode atestar é que nos casos em que a ênfase se apresentou com um contorno descendente, a amplitude melódica não foi um correlato de identificação dessa marcação acentual.

5.1.2.3 Valores iniciais e finais de F0 nos diferentes contornos melódicos

5.1.2.3.1 Valores iniciais de F0

Uma outra análise importante é a comparação dos valores iniciais e finais de F0 em cada contorno melódico (nivelado, ascendente e descendente) nas sílabas tônicas analisadas. O intuito é verificar se a ênfase possui valores de F0 diferenciados em relação aos das demais tônicas. Decidiu-se por apresentar todos os resultados – valores iniciais e finais em cada um dos três contornos melódicos estudados – para depois discutir, conjuntamente, os achados.

As tabelas seguintes apresentam os dados. Em relação aos valores iniciais, encontrou-se os seguintes resultados para o contorno melódico nivelado (0):

VALORES INICIAIS DE F0 – CONTORNO MELÓDICO 0

Variável	N	Media	DP
TR	14	185,4	34,2
TS	4	167,5	37,5
TE	4	224,8	27,7

TABELA 10 – Número de ocorrências (N), média (em Hz) e desvio padrão (DP), do valor inicial de F0 do contorno melódico nivelado (0) de cada proeminência: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).

Pares	p-valor
TE X TR	0,064
TE X TS	0,050
TS X TR	0,439

TABELA 11 – Significância (p-valor), através da aplicação do teste-t, dos valores iniciais de F0 do contorno melódico nivelado (0) em cada proeminência: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).

Na tabela 10 temos a média da frequência inicial de F0 no contorno nivelado. Por esses valores nota-se que a tônica enfática apresenta uma média maior que a das demais. Através do teste que acompanha essa tabela, é possível observar que a diferença entre as comparações das ocorrências de TE X TS e TE X TR é quase significativa; o que permite dizer que o maior valor de F0 inicial no contorno melódico nivelado é um fator que diferencia a ênfase das demais tônicas. Em relação à comparação TS X TR, não foram encontradas diferenças significativas entre essas duas sílabas.

Quanto ao contorno melódico ascendente (1), os achados foram:

VALORES INICIAIS DE F0 – CONTORNO MELÓDICO 1

Variável	N	Media	DP
TR	75	176,73	34,19
TS	74	171,36	26,61
TE	84	196,87	39,72

TABELA 12 – Número de ocorrências (N), média e desvio padrão (DP), do valor inicial de F0 (em Hz) do contorno melódico ascendente (1) de cada proeminência: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).

Pares	p-valor
TE X TR	0,001
TE X TS	0,000
TS X TR	0,286

TABELA 13 – Significância (p-valor), através da aplicação do teste-t, dos valores iniciais de F0 do contorno melódico ascendente (1) em cada proeminência: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).

Essas tabelas acima demonstram que a média da frequência inicial de F0 da tônica enfática no contorno melódico ascendente também é maior que a das demais. O teste-t demonstra que a diferença entre as ocorrências de TE X TS e TE X TR é significativa estatisticamente – $p < 0,05$; enquanto que a comparação entre TS X TR não aponta diferenças significativas entre elas. Logo, assim como no contorno melódico nivelado, a ênfase também se distingue das demais tônicas através de valor maior de F0 inicial no contorno melódico ascendente.

Já no contorno melódico descendente (2), as análises demonstraram os seguintes dados:

VALORES INICIAIS DE F0 – CONTORNO MELÓDICO 2

Variável	N	Media	DP
TR	12	184,75	9,84
TS	56	171,54	4,90
TE	6	234,7	14,8

TABELA 14 – Número de ocorrências (N), média e desvio padrão (DP), do valor inicial de F0 (em Hz) do contorno melódico descendente (2) de cada proeminência: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).

Pares	p-valor
TE X TR	0,000
TE X TS	0,000
TS X TR	0,186

TABELA 15 – Significância (p-valor), através da aplicação do teste-t, dos valores iniciais de F0 do contorno melódico descendente (2) em cada proeminência: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).

Neste contexto, contorno melódico descendente, os mesmo resultados foram encontrados: valor inicial de F0 maior para as ênfases, apresentando diferença estatisticamente significativa em

relação às demais proeminências, sendo que os valores da tônica rítmica em comparação com os da saliente não apresentaram diferenças significativas. Sendo assim, o aumento do valor inicial de F0 mostrou ser um correlato acústico fidedigno de identificação da ênfase, independente da entonação melódica dada ao segmento. A seguir serão apresentados os resultados para os valores finais de F0, seguidos pela discussão geral dos resultados.

5.1.2.3.2 Valores finais de F0

A mesma análise, realizada para os valores iniciais de f0, foram realizadas para os valores finais em cada contorno melódico. Os resultados encontrados para o contorno melódico nivelado (0) estão descritos abaixo:

VALORES FINAIS DE F0 – CONTORNO MELÓDICO 0

Variável	N	Media	DP
TR	14	185,4	37,5
TS	4	167,5	27,7
TE	4	224,8	34,2

TABELA 16 – Número de ocorrências (N), média e desvio padrão (DP), do valor final de F0 (em Hz) do contorno melódico nivelado (0) de cada proeminência : tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).

Pares	p-valor
TE X TR	0,048
TE X TS	0,014
TS X TR	0,335

TABELA 17 – Significância (p-valor), através da aplicação do teste-t, dos valores finais de F0 do contorno melódico nivelado (0) em cada proeminência: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).

As tabelas demonstram que, nesse contexto, a média do valor final de F0 da ênfase é maior que o das demais tônicas, sendo a diferença entre TE X TR e TE X TS estatisticamente significativa. Ao mesmo tempo, a diferença entre TR X TS não apresenta diferença significativa. Mais uma vez

observa-se que, além de apresentar um valor de F0 maior no final do segmento, esse aumento da frequência fundamental também é um parâmetro que distingue a ênfase tanto da sílaba tônica rítmica, quanto da sílaba tônica saliente.

A seguir estão descritos os achados para o contorno melódico ascendente (1).

VALORES FINAIS DE F0 – CONTORNO MELÓDICO 1

Variável	N	Media	DP
TR	75	215,84	50,34
TS	74	203,53	58,67
TE	84	250,36	31,78

TABELA 18 – Número de ocorrências (N), média e desvio padrão (DP), do valor inicial de F0 (em Hz) do contorno melódico ascendente (1) de cada proeminência: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).

Pares	p-valor
TE X TR	0,000
TE X TS	0,000
TS X TR	0,172

TABELA 19 – Significância (p-valor), através da aplicação do teste-t, dos valores finais de F0 do contorno melódico ascendente (1) em cada proeminência: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).

Novamente os dados revelam os mesmos achados anteriores: valor final de F0 maior para a ênfase; diferença estatística significativa nas comparações da média dos valores de F0 entre TE X TR e TE X TS – marcando uma característica acústica da ênfase; e ausência de diferença entre a média dos valores de TR X TS.

Quanto ao contorno melódico descendente (2), as análises apontaram os seguintes resultados:

VALORES FINAIS DE F0 – CONTORNO MELÓDICO 2

Variável	N	Media	DP
TR	12	171,3	10,3
TS	56	139,98	4,31
TE	6	219,5	32,4

TABELA 20 – Número de ocorrências (N), média e desvio padrão (DP), do valor inicial de F0 (em Hz) do contorno melódico descendente (2) de cada proeminência: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).

Pares	p-valor
TE X TR	0,002
TE X TS	0,000
TS X TR	0,016

TABELA 21 – Significância (p-valor), através da aplicação do teste-t, dos valores finais de F0 do contorno melódico descendente (2) em cada proeminência: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).

As tabelas acima revelam os mesmos resultados citados anteriormente para as análises realizadas sobre o valor final F0.

A partir da análise da F0 inicial e final nos diferentes contornos melódicos (nivelado, ascendente e descendente), a conclusão a que se chega é que esse parâmetro – aumento de F0 na vogal do segmento enfático – diferencia a ênfase das demais sílabas tônicas, independente do tipo de entonação melódica realizada.

Esses achados corroboram com os de Alves (2002), que também analisou um grupo de *profissionais da voz*, e concluiu que o aumento do valor de F0 foi um parâmetro acústico marcante nas enunciações enfáticas desses profissionais. Ladd & Morton (1997) também atestaram esse fato em seu estudo, onde viram que existem distinções em relação ao significado e ao grau de ênfase para o mesmo contorno melódico com amplitude de F0 diferente; o que eles colocam como sendo uma possibilidade para a evidência de que há uma fronteira categórica entre acento normal e enfático. Entretanto, o trabalho de Heldner & Strangert (1997) aponta que o aumento focal de F0 não foi um recurso eficaz na percepção da ênfase pelo ouvinte.

Apesar desse achado discordante, a partir do que foi evidenciado pelo presente estudo, embasando-se no fato de que essas ocorrências se mostraram bastante consistentes em todas as

análises, acredita-se que o aumento de F0 na vogal do segmento enfático é um fator determinante para a produção de ênfase na locução do repórter de telejornalismo, sendo um correlato acústico fidedigno dessa manifestação acentual.

5.1.3 Duração

5.1.3.1 Duração global da sílaba

A primeira análise em relação ao parâmetro duração, será sobre a duração global das sílabas em cada proeminência estudada – tônica enfática, tônica rítmica e tônica saliente. Esse termo, duração global, foi assim definido como sendo a duração de todos os segmentos proeminentes encontrados, independentemente das características estruturais de cada um deles. Como dito no capítulo de metodologia, decidiu-se por realizar essa análise, apenas para se ter uma idéia do funcionamento geral da duração dentro das sílabas salientes, mesmo sabendo que os aspectos estruturais – como a estrutura da sílaba, posição da sílaba na palavra, e características intrínsecas dos segmentos que compõem as sílabas – influenciam significativamente na duração silábica.

A tabela abaixo informa a média da duração global das sílabas, além do número de ocorrências (N) em cada situação.

DURAÇÃO SILÁBICA GLOBAL			
Variável	N	Média	DP
TE	95	273,0	70,0
TR	110	221,1	58,3
TS	134	241,2	51,8

TABELA 22 – Número de ocorrências (N), média (em ms) e desvio padrão (DP) da duração silábica global em cada proeminência estudada: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).

Abaixo se encontram as análises feitas separadamente para a duração global em cada proeminência estudada. Nos gráficos estão sendo mostrados os valores médios em cada situação, além dos intervalos de confiança dessas médias.

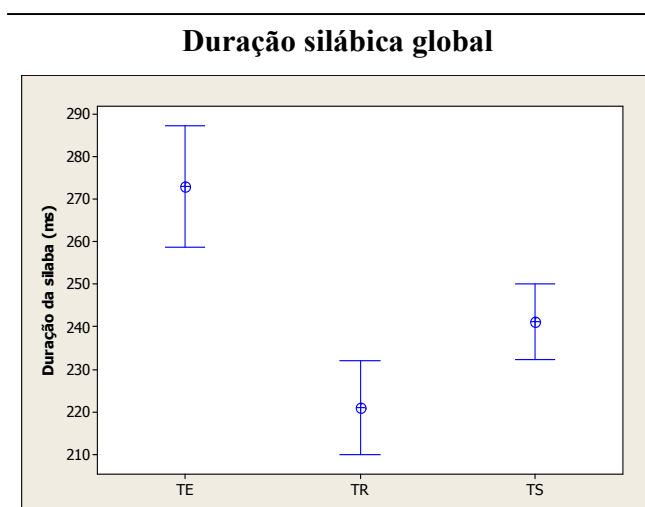


GRÁFICO 7 – Média e intervalo de confiança dos valores da duração silábica global em cada proeminência estudada: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).

Para a análise e comparação dos valores médios de duração encontrados, foi utilizado o teste-t. A seguir é apresentada uma tabela que demonstra os valores de significância (valor-p) das comparações desse parâmetro acústico entre os tipos de proeminência. Considerou-se como significativos os valores-p menores que 0,05.

Pares	p-valor
TE X TR	0,00
TE X TS	0,00
TS X TR	0,01

TABELA 23 – Significância (p-valor), através da aplicação do teste-t, dos valores da duração silábica global em cada proeminência: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).

Através dos dados do gráfico 7, observa-se que a média de duração global das sílabas enfáticas é superior à da tônica saliente que por sua vez é superior à da tônica rítmica. Os testes mostram que existem diferenças significativas da duração na comparação entre as sílabas ($p < 0,05$ para todos os casos). Pode-se afirmar, então, que de maneira geral, o parâmetro duração silábica diferencia a ênfase das demais sílabas proeminentes; achado esse que confirma resultados obtidos por vários autores (BOLINGER, 1986; CAMPBELL, 1992 e 1995; WIGHTMAN & OSTENDORF, 1994; BOONE, 1996; SLUIJTER & VAN HEUVEN, 1996; MORAES, 1998; STREEFKERK et al., 1999; CAGLIARI, 2002; FROTA, 2002; ROACH, 2002).

5.1.3.2 Duração global da vogal

A mesma análise foi realizada em relação à duração global das vogais. Semelhante à duração global da sílaba, todos os dados de duração das vogais de cada segmento proeminente foram agrupados, independentemente das características estruturais particulares de cada uma das vogais; exatamente com o mesmo intuito: verificar o comportamento desse parâmetro acústico na produção enfática.

Os resultados estão descritos abaixo. Primeiramente se encontra a tabela que informa a média da duração global das vogais, e em seguida o gráfico que demonstra os valores médios em cada situação de proeminência, além dos intervalos de confiança dessas médias.

DURAÇÃO VOCÁLICA GLOBAL			
Variável	N	Media	DP
TE	95	153,0	37,3
TR	110	129,2	31,9
TS	134	151,3	34,9

TABELA 24 – Número de ocorrências (N), média (em ms) e desvio padrão (DP) da duração vocálica global em cada proeminência estudada: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).

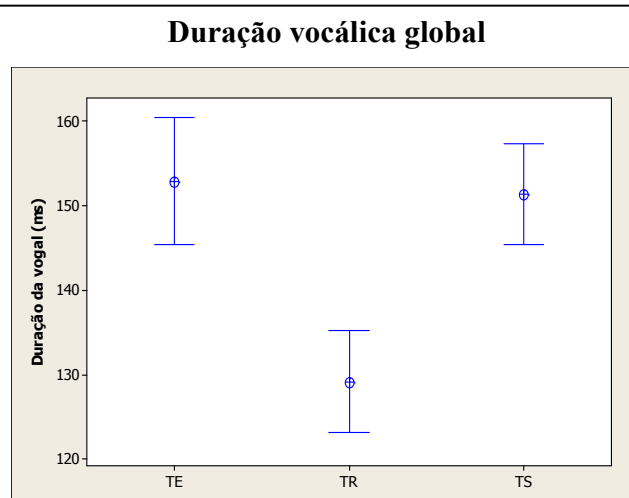


GRÁFICO 8 – Média e intervalo de confiança dos valores da duração vocálica global em cada proeminência estudada: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).

O teste-t também foi o método utilizado para a análise e comparação das médias dos quadros anteriores. A tabela a seguir demonstra as comparações realizadas.

Pares	p-valor
TE X TR	0,00
TE X TS	0,74
TS X TR	0,00

TABELA 25 – Significância (p-valor), através da aplicação do teste-t, dos valores da duração vocálica global em cada proeminência: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).

O gráfico 8 mostra que as médias de duração global das vogais nas tônicas enfáticas e salientes são superiores à duração da tônica rítmica, dados esses confirmados estatisticamente. Entretanto, entre a ênfase e a tônica saliente, não há diferença estatisticamente significativa ($p > 0,05$). Sendo assim, pode-se observar que o prolongamento isolado da vogal não é um fator de diferenciação desses segmentos proeminentes.

Ao se comparar os achados encontrados para a duração global das sílabas com os das vogais, nota-se que a duração silábica funciona como um parâmetro mais eficaz na diferenciação das ênfases. Streefkerk (2003) também atestou esse fato. Em seu estudo o autor ordenou os parâmetros acústicos mais significativos para identificar a proeminência acentual, sendo que a duração silábica aparece num patamar superior ao da duração vocálica. Entretanto, conclusões sólidas a esse respeito não podem ser definidas a partir da presente análise, devido aos problemas metodológicos citados anteriormente. Sendo assim, decidiu-se por tentar minimizar esses problemas, isolando mais uma das características dos segmentos avaliados – a estrutura silábica e a estrutura vocálica.

5.1.3.3 Duração da sílaba agrupada por estrutura silábica

No capítulo de metodologia foi descrito que, além da tonicidade da sílaba, a variável estrutura silábica (ES) também foi isolada nas análises da duração. Sendo assim, os resultados das doze estruturas encontradas nos dados estão citados abaixo.

A tabela a seguir informa a média da duração de cada estrutura silábica nas diferentes sílabas analisadas – enfática, rítmica e saliente – além do número de ocorrências (N) de cada situação.

ES	TE/TS/TR	N	Media	DP
CV	TE	49	261,59	55,40
CV	TR	61	211,53	45,32
CV	TS	80	236,21	31,23
VC	TE	0	*	*
VC	TR	2	217,00	18,38
VC	TS	2	237,00	7,07
CVV	TE	14	268,00	59,51
CVV	TR	12	229,08	66,72
CVV	TS	19	236,63	42,16
CCV	TE	5	290,60	47,69
CCV	TR	7	265,00	20,66
CCV	TS	8	262,63	39,03
CVVC	TE	3	416,00	9,64
CVVC	TR	0	*	*
CVVC	TS	3	414,00	63,17
CVC	TE	13	316,08	67,42
CVC	TR	10	298,40	49,33
CVC	TS	6	264,67	15,59
V	TE	8	187,75	27,37
V	TR	4	147,75	43,06
V	TS	6	141,67	22,21
CCVV	TE	1	336,00	*
CCVV	TR	1	278,00	*
CCVV	TS	2	295,00	24,04
CCVC	TE	0	*	*
CCVC	TR	0	*	*
CCVC	TS	1	426,00	*
VVC	TE	0	*	*
VVC	TR	1	278,00	*
VVC	TS	5	272,60	24,30
CCVVC	TE	1	476,00	*
CCVVC	TR	1	333,00	*
CCVVC	TS	0	*	*
VV	TE	0	*	*
VV	TR	2	146,00	1,41
VV	TS	1	176,00	*

TABELA 26 – Número de ocorrências (N), média (em ms) e desvio padrão (DP) da duração de cada estrutura silábica (ES – 1 a 12) em cada proeminência estudada: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).

Abaixo se encontram as análises feitas separadamente para cada estrutura silábica. Nos gráficos estão sendo mostrados os valores médios em cada situação, além dos intervalos de confiança

dessas médias. A seguir é apresentada uma tabela que demonstra os valores de significância (valor-p) das comparações, realizadas pelo teste-t, desse parâmetro acústico entre os tipos de proeminência. Considerou-se como significativos os valores-p menores que 0,05.

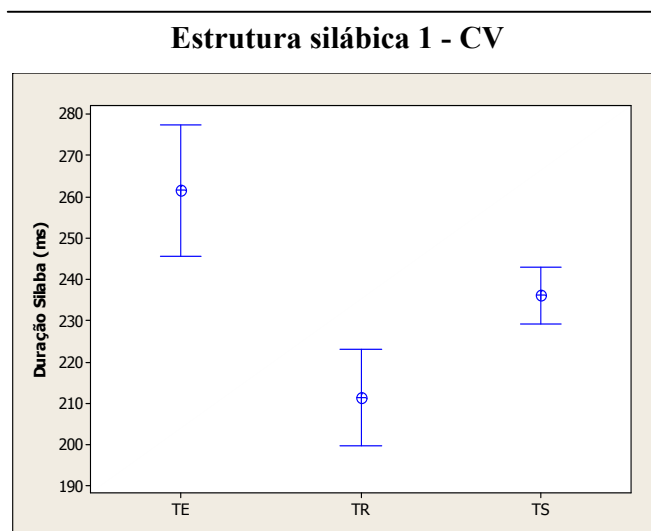


GRÁFICO 9 – Média e intervalo de confiança dos valores da duração da estrutura silábica 1 (CV) em cada proeminência estudada: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).

Pares	p-valor
TE X TR	0,00
TE X TS	0,01
TS X TR	0,01

TABELA 27 – Significância (p-valor), através da aplicação do teste-t, dos valores da duração da estrutura silábica 1 (CV) em cada proeminência: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).

Através dos dados do gráfico 9, observa-se que a média de duração das sílabas CV nas tônicas enfáticas é superior à da tônica saliente que por sua vez é superior à da tônica rítmica. Os testes mostram que existem diferenças significativas da duração na comparação entre as sílabas ($p < 0,05$ para todos os casos). Pode-se afirmar, então, que nesta situação de estrutura silábica a duração atua como um parâmetro prosódico que diferencia a ênfase das demais sílabas.

Em relação à estrutura silábica 2 (VC) não foram encontradas ocorrências de sílabas enfáticas formadas por essa estrutura (como demonstrado na tabela 22). Sendo assim, decidiu-se por não realizar a análises dos dados dessa estrutura silábica, visto que não é possível observar o comportamento da duração na sílaba tônica enfática – objetivo principal do presente estudo.

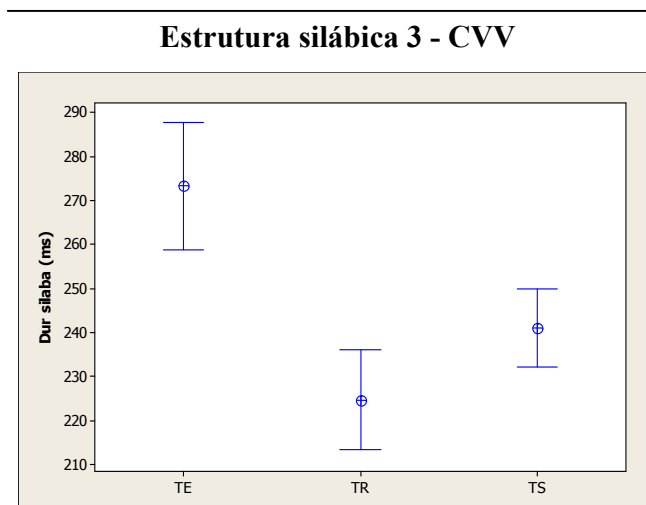


GRÁFICO 10 – Média e intervalo de confiança dos valores da duração da estrutura silábica 3 (CVV) em cada proeminência estudada: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).

Pares	p-valor
TE X TR	0,00
TE X TS	0,00
TS X TR	0,07

TABELA 28– Significância (p-valor), através da aplicação do teste-t, dos valores da duração da estrutura silábica 3 (CVV) em cada proeminência: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).

Quanto à estrutura silábica 3 (CVV), o gráfico 11 mostra que, assim como na estrutura silábica 1 (CV), a média de duração silábica das tônicas enfáticas é superior às das tônica salientes e rítmica, achados confirmados pela análise estatística, evidenciado que também nesta situação de estrutura silábica a duração atua como um parâmetro prosódico que diferencia a ênfase das sílabas tônicas rítmicas e salientes. Em relação à TS X TR, a média de duração da tônica saliente é superior à da rítmica, mas essa diferença não foi apontada como estatisticamente significante pela análise estatística.

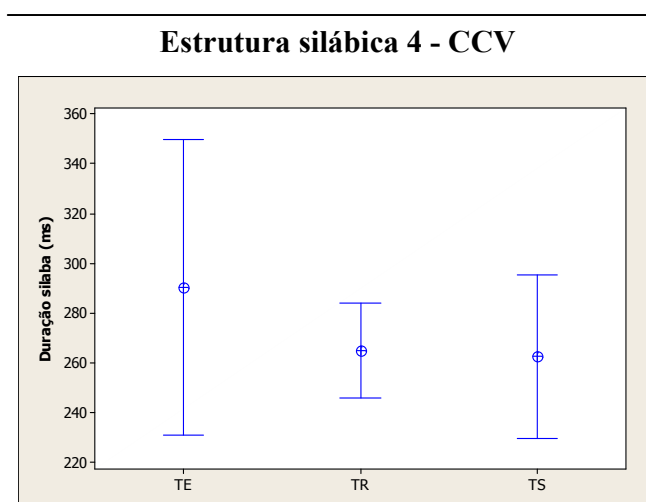


GRÁFICO 11 – Média e intervalo de confiança dos valores da duração da estrutura silábica 4 (CCV) em cada proeminência estudada: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).

Pares	p-valor
TE X TR	0,09
TE X TS	0,18
TS X TR	0,77

TABELA 29 – Significância (p-valor), através da aplicação do teste-t, dos valores da duração da estrutura silábica 4 (CCV) em cada proeminência: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).

Na estrutura silábica 4, CCV, tanto o gráfico 10 como o teste-t (tabela 25) não apontam evidências de que existam diferenças significativas na duração entre as diferentes proeminências

($p > 0,05$ para todos os casos). Entretanto, é possível observar que, além do valor médio de TE ser maior que o das demais sílabas tônicas, a dispersão dos dados mostra que a ênfase apresenta, em alguns casos, valores maiores de duração (valores superiores a 300 ms); o que pode indicar uma tendência de que a duração das sílabas enfáticas na estrutura CCV seja superior à duração das demais proeminências. Outro aspecto que deve ser ressaltado é o baixo número de ocorrência de todas as proeminências nesse tipo de estrutura silábica quando comparada à ocorrência das estruturas silábicas 1 e 3; indicando que análises futuras poderão indicar achados mais concretos.

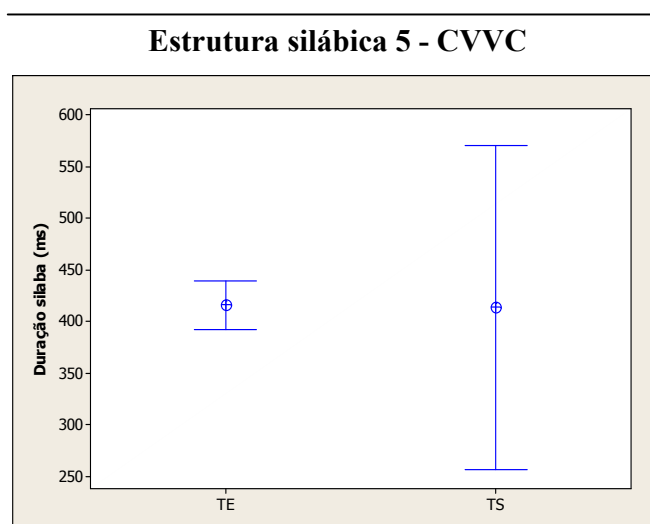


GRÁFICO 12 – Média e intervalo de confiança dos valores da duração da estrutura silábica 5 (CVVC) em cada proeminência estudada: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).

Pares	p-valor
TE X TS	0,513

TABELA 30 – Significância (p-valor), através da aplicação do teste-t, dos valores da duração da estrutura silábica 5 (CVVC) nas sílabas tônica enfática (TE) e tônica saliente (TS).

Na situação acima, estrutura silábica 5 (CVVC), não foram encontradas ocorrências da tônica rítmica. Na única comparação possível, TE X TS, os valores médios da duração encontram-se muito próximos, não sendo evidenciada diferença significativa entre eles. Nesse caso, diferente do que foi observado anteriormente, a dispersão de TS é superior à de TE. Acredita-se que, assim

como na estrutura silábica 4 (CCV), o pequeno conjunto de dados impossibilitou análises mais conclusivas.

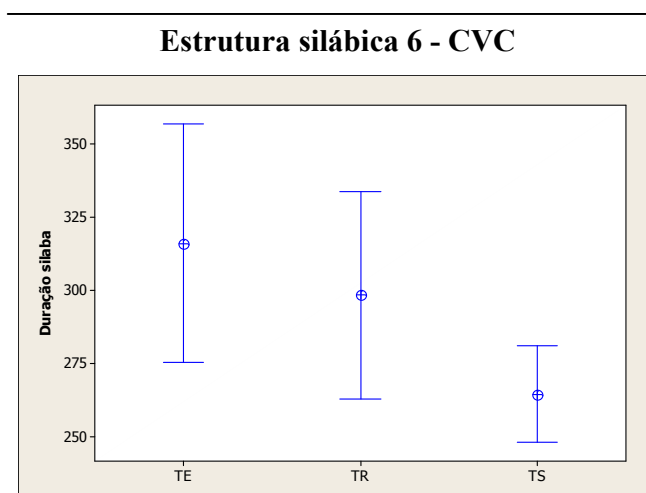


GRÁFICO 13 – Média e intervalo de confiança dos valores da duração da estrutura silábica 6 (CVC) em cada proeminência estudada: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).

Pares	p-valor
TE X TR	0,37
TE X TS	0,12
TS X TR	0,67

TABELA 31 – Significância (p-valor), através da aplicação do teste-t, dos valores da duração da estrutura silábica 6 (CVC) em cada proeminência: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).

Sobre a estrutura silábica 6 (CVC), a sílaba enfática apresenta uma duração média maior que a da sílaba rítmica, que é maior que a duração da saliente. Entretanto, o teste-t não apontou diferenças significativas entre a duração dessas sílabas. Apesar disso, baseado nos valores médios, e na observação da dispersão dos dados, é possível inferir que existe uma tendência da maior duração ocorrer nas sílabas enfáticas, destacando-as em relação às demais tônicas.

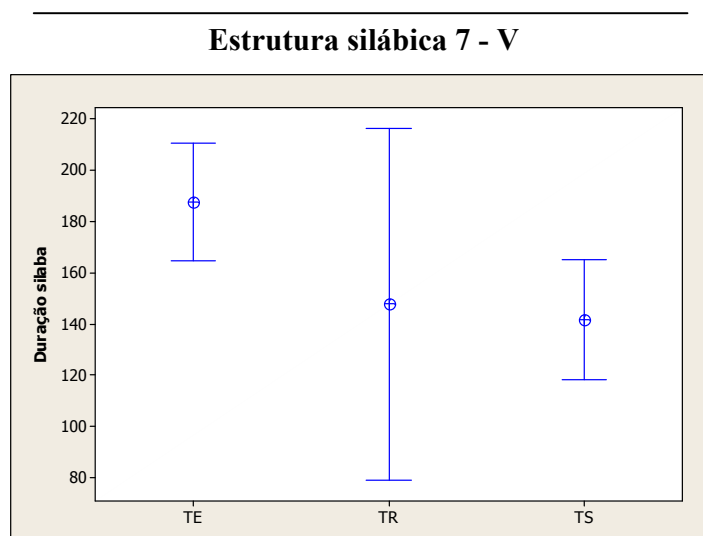


GRÁFICO 14 – Média e intervalo de confiança dos valores da duração da estrutura silábica 7 (V) em cada proeminência estudada: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).

Pares	p-valor
TE X TR	0,29
TE X TS	0,09
TS X TR	0,97

TABELA 32 – Significância (p-valor), através da aplicação do teste-t, dos valores da duração da estrutura silábica 7 (V) em cada proeminência: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).

A duração das sílabas com estrutura silábica V (7), apresentam achados semelhantes ao da estrutura anterior. O valor médio da duração da sílaba enfática é maior que o das demais, evidenciando uma tendência do parâmetro duração ser um marcador da ênfase, diferenciando-a das outras sílabas tônicas. Entretanto, os testes-t não apontam diferenças significativas entre a duração dessas sílabas ($p > 0,05$ para todos os casos). Neste caso, a dispersão de TR é bem maior que a das demais, entretanto a duração das ênfases encontra-se, na maioria das vezes, mais longa que à das demais.

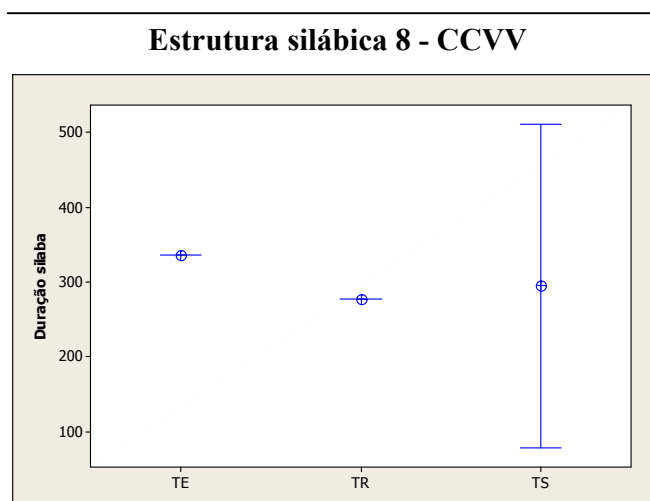


GRÁFICO 15 – Média e intervalo de confiança dos valores da duração da estrutura silábica 8 (CCVV) em cada proeminência estudada: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).

No caso da estrutura silábica 8, gráfico acima, não foi possível realizar o teste-t, pois só há uma ocorrência de TE e TR, e duas de TS. Sendo assim, a única observação que se pode fazer, através da análise das médias, é que também parece existir uma tendência da duração da sílaba enfática ser maior que a duração das sílabas rítmicas e salientes.

Nas estruturas silábicas 9 (CCVC), 10 (VVC) e 12 (VV), assim como na estrutura 2 (VC), não houve ocorrências de ênfases. Logo, segundo a decisão metodológica citada anteriormente, esses dados não foram analisados já que não eram relevantes para essa pesquisa, pois não permitem possíveis conclusões a respeito da ênfase.

A última estrutura silábica encontrada no *corpus*, 11 (CCVVC) apresentou uma amostra tão pequena, uma ocorrência de TE e outra de TR, que não foi possível aplicar uma análise estatística. O valor da duração da primeira é de 476 ms, e da segunda, 333 ms. Pode-se observar,

então, que a tônica enfática apresentou uma duração maior, o que pode apontar no sentido de uma inclinação desse parâmetro diferenciar a ênfase das demais sílabas tônicas.

O que se pôde notar, nas avaliações anteriores, é que em todos os casos (exceto naqueles em que não houve ocorrências de TE) o valor médio da duração da sílaba enfática foi superior aos das demais proeminências. É claro que, em muitos casos, a análise estatística não demonstrou diferenças significantes; o que pode ser explicado pelo baixo número de ocorrências em várias situações. Entretanto, tudo indica que a duração silábica é um parâmetro acústico que marca a produção da ênfase, auxiliando na sua percepção pelo ouvinte. Além dos trabalhos citados anteriormente, na análise da duração silábica global, outros estudos também apontam para esse fato. Heldner (2003) afirma ser um consenso geral o fato de que o aumento da duração é um correlato seguro da marcação do foco. Nogueira (1996), em sua pesquisa sobre a locução de radialistas, atesta que a ênfase foi sinalizada pelo aumento da duração dos fonemas. Sendo assim, acredita-se que os achados do presente estudo sobre a análise da duração silábica, apesar de não possibilitarem conclusões sólidas, indicam a importância desse parâmetro como um aspecto que diferencia a ênfase das demais sílabas tônicas.

5.1.3.4 Duração da vogal agrupada por estrutura vocálica

Outra variável isolada nas análises da duração foi a estrutura vocálica (EV) das sílabas tônicas enfática, saliente e rítmica. Sendo assim, os resultados encontrados estão descritos a seguir.

A tabela abaixo informa a média da duração da vogal tônica em TE, TS e TR, para cada estrutura vocálica analisada, além do número de ocorrências (N) em cada situação.

EV	TE/TS/TR	Média	DP	N
1	TE	149,701	36,389	77
1	TR	126,012	32,7144	84
1	TS	144,471	31,5558	104
2	TE	168,412	39,47	17
2	TR	149,118	22,8853	17
2	TS	175,167	36,1091	30

TABELA 33 – Média, desvio padrão (DP) e número de ocorrências (N) da duração em milissegundos de cada estrutura vocálica (EV – 1 e 2) em cada proeminência estudada: Ênfase (TE), Tônica Rítmica (TR) e Tônica Saliente (TS).

Nos gráficos que se seguem estão sendo mostrados os valores médios da duração em cada estrutura vocálica, o intervalo de confiança das médias, e a análise estatística. Utilizou-se o teste-t para analisar e comparar as médias da tabela 29. Considerou-se como significativos os valores-p menores que 0,05.

Estrutura vocálica 1 - V

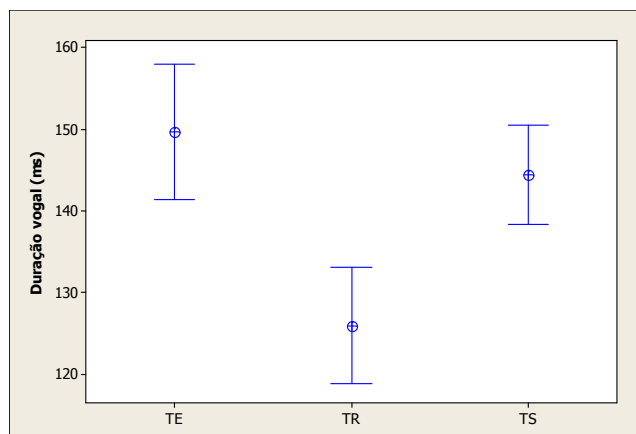


GRÁFICO 16 – Média e intervalo de confiança dos valores da duração da estrutura vocálica 1(V) em cada proeminência estudada: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).

Pares	p-valor
TE X TR	0,00
TE X TS	0,42
TS X TR	0,01

TABELA 34 – Significância (p-valor), através da aplicação do teste-t, dos valores da duração da estrutura vocálica 1 (V) em cada proeminência: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).

Pelo gráfico 16 e pelos resultados do teste (tabela 30) pode-se dizer que existem diferenças significativas da duração da vogal nas comparações TE X TR e TS X TR ($p < 0,05$); sendo a duração de TE maior que a de TR e a duração de TS maior que a de TR. Na comparação TE X TS, essa diferença não foi estatisticamente significativa, mas ao observar os valores médios no gráfico, nota-se que há uma tendência da duração da sílaba enfática ser maior que a da saliente.

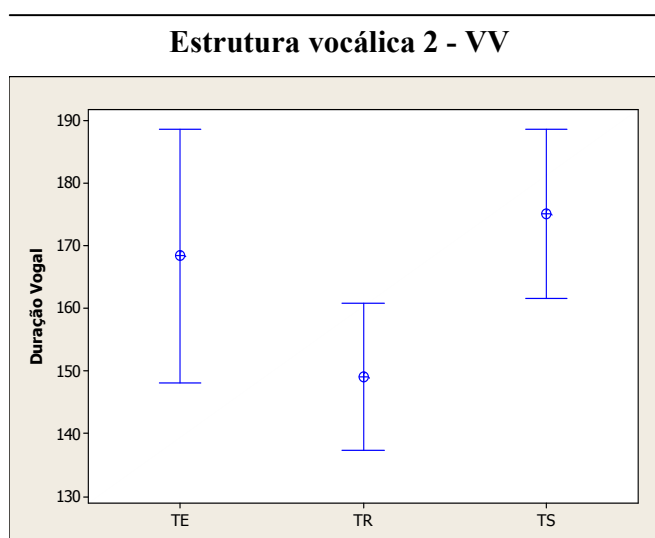


GRÁFICO 17 – Média e intervalo de confiança dos valores da duração da estrutura vocálica 2 (V) em cada proeminência estudada: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).

Pares	p-valor
TE X TR	0,27
TE X TS	0,73
TS X TR	0,05

TABELA 35 – Significância (p-valor), através da aplicação do teste-t, dos valores da duração da estrutura vocálica 2 (V) em cada proeminência: tônica enfática (TE), tônica rítmica (TR) e tônica saliente (TS).

Na estrutura vocálica 2 (VV), observa-se que a média de duração das vogais tônicas da sílaba saliente é superior à da tônica enfática que por sua vez é superior à da tônica rítmica. A aplicação do teste-t mostra não que existem diferenças significativas da duração vocálica entre as proeminências estudadas ($p > 0,05$). Neste caso, pode-se afirmar, então, que o parâmetro duração não atuou como um aspecto que diferencia a ênfase das demais proeminências. Não se pode descartar, porém, que o baixo número de ocorrências das proeminências com essa estrutura vocálica pode ter interferido na análise, sendo necessárias, então, pesquisas mais aprofundadas para verificar detalhadamente esse comportamento.

Os resultados encontrados mostram, em situação de estrutura vocálica V, o parâmetro duração vocálica tende a ser um aspecto que diferencia a ênfase das demais sílabas tônicas analisadas nesta pesquisa; o que não foi encontrado para a estrutura vocálica VV.

Ao examinar todas as análises realizadas sobre a duração, pode-se atestar que – apesar dos resultados terem sido bastante sugestivos sobre a tendência da duração ser um parâmetro de grande importância na produção enfática, diferenciando essa das demais sílabas tônicas – os achados não foram conclusivos. Algumas suposições foram levantadas a esse respeito, tendo em vista que era esperado, assim como citado nas hipóteses dessa pesquisa, que esse parâmetro acústico tivesse resultados mais expressivos.

Primeiramente, não se pode desconsiderar a possibilidade da duração não ser um aspecto de tanta relevância na produção da ênfase. Ao contrário de diversos estudos citados anteriormente, alguns trabalhos não evidenciaram a importância desse parâmetro acústico. É o caso de Alves (2002), que em sua pesquisa com vendedoras atestou que a duração não se mostrou um recurso significativo na marcação das ênfases, e Coradi (2003) que analisou a fala inicial de operadores

de telemarketing, observando que não houve prolongamento de segmentos proeminentes quando comparados aos não proeminentes. Especificamente sobre o telejornalismo, também se encontram considerações a esse respeito. Panico & Fukusima (2003) afirmam que o aumento da duração não parece ser um recurso apropriado, uma vez que pode aumentar o tempo de locução, o que não é desejável. Além disso, segundo Stier & Neto (2003), um prolongamento excessivo pode marcar demasiadamente uma palavra, interferindo na entonação.

Apesar das questões discutidas acima, acredita-se que a ausência de resultados significativos foi causada principalmente por questões metodológicas. A diversidade dos *offs* foi um fator de grande influência, já que não foi possível a elaboração de um texto onde fossem controladas as ocorrências de sílabas e vogais, possibilitando inclusive um maior número de dados. Apesar desse fato ter sido levantado desde o início, tendo se atentado para essa possibilidade, decidiu-se manter um *corpus* constituído por *offs* diferentes, escritos por cada um dos repórteres participantes, pois, baseado nas colocações de Stier & Neto (2003), a leitura de um texto escrito por outro jornalista pode interferir na narração desses profissionais, alterando o padrão de locução. Além disso, como o objetivo era analisar as narrações em situação real de locução, não seria possível “fabricar” um texto.

Outra questão que pode ter interferido nos achados, é a dificuldade, por parte dos repórteres, de interpretação do *off*, como colocado por Stier & Neto (2003). Os autores afirmam que, devido ao distanciamento entre o momento da reportagem e o da narração, e da pressa em finalizar uma matéria, realidade comum no meio telejornalístico, não é difícil que a narração do *off* ocorra de uma maneira mecânica e inexpressiva. Entretanto, os próprios autores enfatizam que, para quem está consciente do seu papel, essas justificativas não se aplicam como motivo da falta de

naturalidade.

Diante de tantos questionamentos, sugere-se que trabalhos posteriores sejam realizados no intuito de atestar com maior precisão o comportamento do parâmetro duração na produção da ênfase.

5.2 Análises complementares – Testes de percepção

5.2.1 Concordância na identificação das ênfases entre os juízes fonoaudiólogos e os juízes estudantes

Como dito no capítulo de metodologia, outra análise realizada foi a comparação das identificações perceptivas das proeminências entre juízes mais e menos experientes na área – fonoaudiólogos e estudantes respectivamente – para verificar a concordância entre a marcação dos dois grupos. Para isto foi utilizado o teste de proporção. Os resultados encontram-se na tabela abaixo.

	Total Geral	Coincidentes	Proporção	LIC	LSC
<i>off 1</i>	16	10	62,50%	35,00%	85,00%
<i>off 2</i>	17	12	70,59%	41,00%	89,00%
<i>off 3</i>	21	9	42,86%	21,82%	65,97%
<i>off 4</i>	13	9	69,23%	38,57%	90,91%
<i>off 5</i>	15	3	20,00%	4,33%	48,10%
<i>off 6</i>	21	15	71,43%	47,82%	88,47%

TABELA 36 – Proporção, com o limite inferior de confiança (LIC) e limite superior de confiança (LSC), da concordância na identificação das ênfases entre os juízes fonoaudiólogos e os estudantes de cada *off* analisado.

Esta tabela mostra as comparações de coincidência e os limites inferiores e superiores do

intervalo de confiança de 95%. O total geral representa o número total de ênfases marcadas por peritos e leigos. O valor de coincidentes equivale às ênfases identificadas tanto pelos fonoaudiólogos quanto pelos estudantes.

O gráfico de proporções apresentado abaixo permite uma melhor visualização das ocorrências.

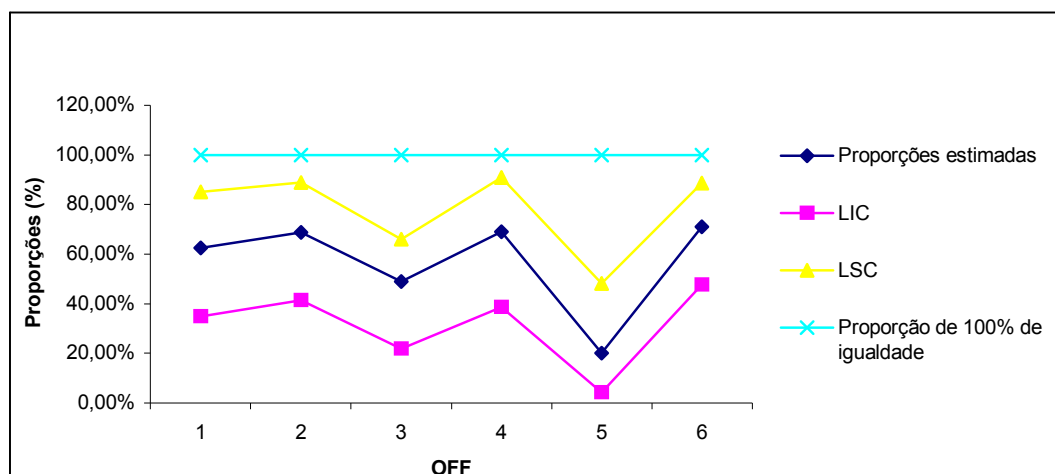


GRÁFICO 18 – Interação entre as proporções estimadas, os limites inferiores de confiança (LIC), os limites superiores de confiança (LSC) e a proporção de 100% de igualdade da concordância na identificação das ênfases entre os juízes peritos e os leigos em cada *off* analisado.

O gráfico mostra as proporções estimadas e os limites de 95% de confiança. No gráfico existe uma linha de 100%, indicando que, se as coincidências fossem perfeitas em algum caso, então este caso teria o ponto de proporção exatamente sobre esta linha. Porém observa-se que a linha de proporção estimada oscila em torno de 60%, com alguns casos bem baixos e outros mais altos, mas nenhum caso ultrapassa 80%. O teste de hipótese que temos neste caso é relativo aos intervalos de confiança. Para todos os casos, podemos concluir que a proporção estimada não atingirá o ponto de 100% mas pode se aproximar dela (chegando a atingir 90%). Na prática este estudo diz que existem diferenças nas identificações das ênfases entre os dois grupos e, dependendo do *off*, esta diferença pode ser bem acentuada. Os resultados encontrados não corroboram os de Streefkerk (2003), que aponta que as marcações das proeminências, realizadas

por indivíduos não peritos, não experientes na área, foram bastante consistentes e seguras. Isto pode ser justificado pelo fato do número de juízes fonoaudiólogos ter sido bem menor que o número de juízes estudantes. Essa diferença pode ter levado a dados pouco fidedignos. Sugere-se, então, uma comparação futura, com um número maior de indivíduos, semelhante entre os dois grupos.

A importância desses achados, segundo a avaliação dos pesquisadores, refere-se ao fato de se comprovar que a identificação de ênfases no discurso não é algo categórico, definido apenas por aspectos fonéticos, fonológicos e/ou pelos parâmetros prosódicos. Se assim fosse, possivelmente a concordância na marcação dos fenômenos enfáticos seria mais significativa, tendo em vista que a definição de ênfase foi apresentada aos avaliadores previamente à tarefa solicitada. A hipótese levantada nesse momento é que existe diferença entre a ênfase produzida e a ênfase percebida. Isso porque a percepção de proeminências pelos ouvintes, em relação aos segmentos considerados como destaques em determinado enunciado, também envolve aspectos individuais como, por exemplo, interesses particulares por aquilo que está sendo dito, o conhecimento prévio sobre aquele determinado assunto (relação *dado X novo*) e o contexto sócio-econômico-político-cultural no qual o indivíduo está inserido. Sendo assim nota-se que é preciso um maior aprofundamento nas pesquisas sobre a percepção de proeminências, especialmente em relação ao português brasileiro, para que se conheça cada vez mais sobre a maneira como a produção discursiva do falante afeta e interage com o ouvinte.

5.2.2 Concordância na identificação das sílabas salientes entre os avaliadores experientes e os pouco experientes

Outra questão levantada na metodologia foi a dificuldade encontrada na identificação das fronteiras dos grupos tonais. Decidiu-se verificar, então, se há concordância na percepção entre avaliadores experientes – pesquisadores desse estudo – e avaliadores pouco experientes – estudantes do curso de graduação em Letras – sobre a divisão textual em grupos tonais, utilizando-se da identificação das sílabas salientes, na tentativa de investigar se a experiência é um fator que influencia nesta análise.

Para comparação entre as marcações dos GT foi utilizado o teste de proporção. Os resultados encontram-se no gráfico abaixo.

Total geral	Coincidentes	Proporção	LIC	LSC
23	18	78,00%	56,29%	92,53%

TABELA 37 – Proporção, com o limite inferior de confiança (LIC) e limite superior de confiança (LSC), da concordância na identificação das sílabas salientes entre os avaliadores muito experientes e os pouco experientes.

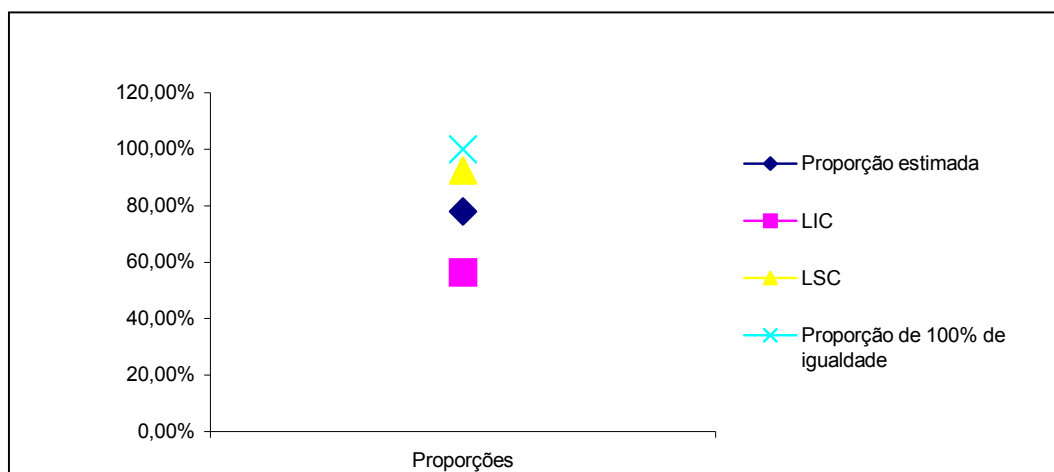


GRÁFICO 19 – Interação entre a proporção estimada, o limite inferior de confiança (LIC), o limite superior de confiança (LSC) e a proporção de 100% de igualdade da concordância na identificação das sílabas salientes entre os avaliadores muito experientes e os pouco experientes.

Este gráfico mostra que a proporção de coincidência é bem alta (78%), e que ela pode atingir até 92% (limite superior do intervalo), o que demonstra que a proporção de coincidências é significativamente superior a de não coincidências. Para confirmar esse achado, realizou-se o teste-t para verificar se a diferença entre a coincidência e a não coincidência é estatisticamente significativa. O valor de p encontrado foi de 0,01, o que evidencia que as comparações são significativamente diferentes. Sendo assim, é possível atestar que não houve diferença expressiva entre as marcações dos avaliadores pouco experientes com a dos experientes.

Esses achados não condizem com a colocação de Cagliari (2002). O autor diz que, ao realizar a delimitação dos grupos tonais, qualquer abordagem que não aliar o conhecimento teórico específico com outras informações prosódicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas do texto será redutora e poderá levar facilmente a dificuldades e a erros de interpretação. Ele acredita que é dessa maneira que se eliminam as dificuldades encontradas na identificação destas unidades entonativas. Entretanto, os dados não confirmam a hipótese levantada pelo autor, demonstrando que a experiência não foi um fator que interferiu nos achados.

Uma justificativa para esse fato pode ser a suposição, levantada no capítulo de metodologia, sobre uma hierarquização na produção das fronteiras dos grupos tonais; produção essa fortemente relacionada à escolha e à intenção do falante. Como dito, acredita-se haver fronteiras com divisões nítidas – de fácil identificação até para avaliadores menos experientes – e com divisões fluidas. Sendo assim, mesmo encontrando algumas dificuldades na delimitação dos GT – o que deve acontecer principalmente nos casos de fronteiras com divisões fluidas, pouco nítidas – foi possível atestar que os avaliadores em geral apresentam uma percepção confiável das fronteiras entonativas. Mesmo assim considera-se importante a realização de pesquisas continuadas sobre a

marcação dos grupos tonais em situação de fala e leitura de um texto, no intuito de complementação da teoria disponível.

5.2.3 Identificação da ênfase

Como dito no capítulo de metodologia, ao orientar os juízes fonoaudiólogos para a marcação das ênfases, a tarefa solicitada foi que eles identificassem as ênfases das locuções de cada *off*, marcando nos textos a sílaba enfatizada (podendo marcar a palavra, em caso de dificuldade de identificação da sílaba). Entretanto, observamos que a marcação não ocorreu exatamente dessa maneira. Em muitos casos, além de marcarem a palavra, marcaram também o sintagma que continha a sílaba enfática.

Esses achados despertaram questionamentos interessantes relacionados à finalidade do uso da proeminência no discurso. Logo, decidimos realizar uma análise estatística, para verificar a porcentagem de ocorrência de cada tipo de marcação para cada um dos juízes fonoaudiólogos. Essa análise não foi realizada para os juízes estudantes, já que decidimos realizar análises apenas com os dados dos juízes fonoaudiólogos (conforme explicitado no capítulo de metodologia).

Os dados obtidos estão descritos abaixo.

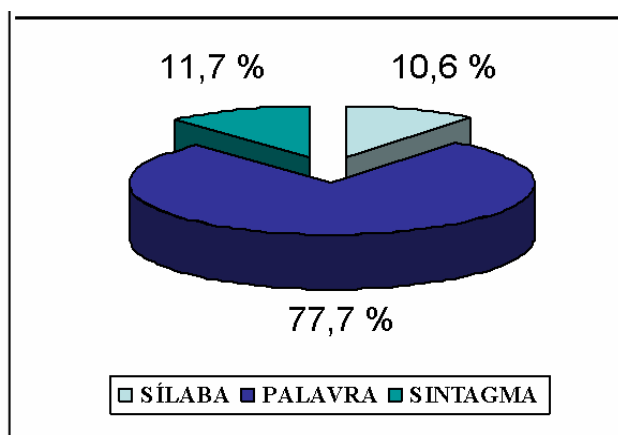
JUIZ FONOAUDIÓLOGO 1

GRÁFICO 20 – Porcentagem de ocorrência de cada trecho enfático identificado pelo juiz fonoaudiólogo 1

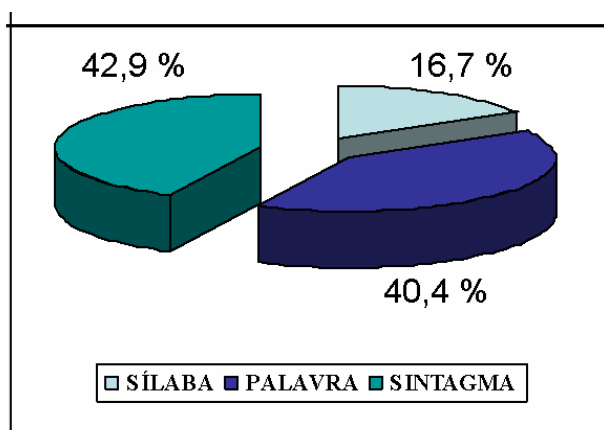
JUIZ FONOAUDIÓLOGO 2

GRÁFICO 21 – Porcentagem de ocorrência de cada trecho enfático identificado pelo juiz fonoaudiólogo 2

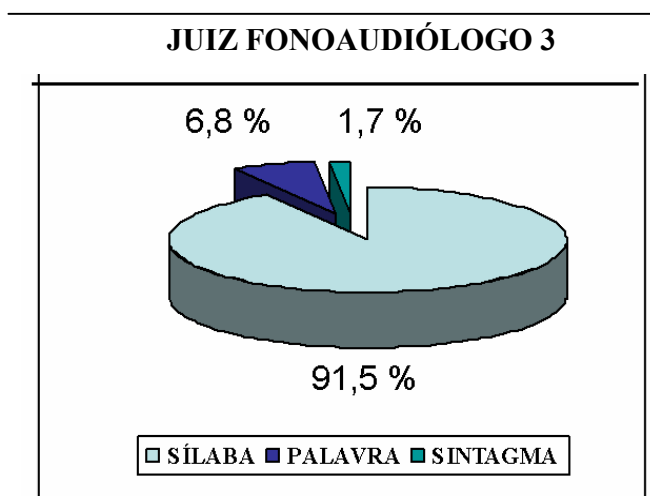


GRÁFICO 22 – Porcentagem de ocorrência de cada trecho enfático identificado pelo juiz fonoaudiólogo 3

O que os achados revelam é que houve uma grande ocorrência de marcação da palavra e do sintagma que continha a ênfase. Mesmo não tendo sido analisado nesse momento, é importante ressaltar que essa mesma tendência foi observada na marcação dos juízes estudantes.

Uma das possíveis hipóteses para esse fato seria a dificuldade na identificação das sílabas enfatizadas por parte dos juízes. Streefkerk (2003), em seu estudo sobre proeminência, observou essa dificuldade nos juízes convocados para a sua pesquisa. Embora esse achado possa corroborar a citada hipótese, acredita-se que no presente estudo não foi essa a motivação para a marcação de palavras ou sintagmas. Isso porque os avaliadores escolhidos para essa análise possuem experiência na identificação de sílabas, ao contrário do trabalho de Streefkerk, que selecionou avaliadores não experientes.

Partindo-se então do pressuposto de que não seria difícil para esses juízes a identificação das sílabas, a hipótese que sobressai para os pesquisadores, no contexto do presente estudo, retoma a

colocação iniciada no segundo parágrafo, sobre a finalidade da atribuição de proeminências.

É clara a idéia de que, ao ressaltar uma informação no enunciado, o objetivo do falante nem sempre é destacar uma determinada sílaba (o que poderia ser definido como ênfase lexical), mas também chamar a atenção do ouvinte para uma determinada informação (o que poderia ser definido como ênfase funcional). Sendo assim, é bastante pertinente supor que os avaliadores, mesmo tendo experiência na identificação de sílabas e sendo orientados para identificar primeiramente esses segmentos, marcaram, em vários momentos, as unidades de informação que lhes foram particularmente percebidas como destaque. Essa pressuposição pode ser embasada por Brazill(1997), que afirma que o ouvinte codifica a mensagem em seus diferentes níveis – sintático, semântico e prosódico. Logo, se pode cogitar que em alguns momentos os avaliadores privilegiaram, talvez de uma maneira inconsciente, o aspecto semântico do discurso, e não o fonológico.

Essa idéia, levantada acima, sobre ênfase lexical e ênfase funcional pode gerar debates interessantes e de grande valia para o campo da prosódia. Entretanto, por essa questão ultrapassar os objetivos específicos dessa pesquisa, discussões futuras podem ser realizadas.

5.3 Observações finais

Ao longo da pesquisa, particularmente durante a análise do *corpus*, vários aspectos relacionados à realização das ênfases foram observados. Não caberia, no momento, um aprofundamento da discussão sobre cada fenômeno encontrado e cada questão levantada; pois além de não ser saber,

no momento, como tratar alguns desses fenômenos, não são esses os objetivos de investigação desse estudo. Entretanto, alguns pontos se sobressaíram e serão descritos a seguir.

A relação entre ênfase e estilo telejornalístico foi um deles. Do ponto de vista da melodia, observamos fatos entonativos recorrentes, como, em final de grupo tonal, uma variação melódica ascendente que começa muito baixa, possivelmente no intuito de melhor destacar a mensagem. Reis (2005) também observou um comportamento melódico característico do repórter de televisão. Ele afirma que, na sílaba postônica, em final de grupo prosódico, há uma tendência em realizar uma subida brusca, com um importante intervalo melódico entre a tônica e a postônica. A presença de uma mudança brusca de registro durante a locução também foi um comportamento notado no material do presente estudo. Alguns autores, como Pânico & Fukusima (2003), atentam para o fato de que variações excessivas, não só na melodia como também na duração e na intensidade, podem marcar excessivamente uma palavra, comprometendo inclusive o significado da ênfase. Sendo assim, concluem que essas variações não devem ser muito grandes, sendo que o locutor deve sempre buscar suavizar as ênfases. Essa afirmação é confirmada por Stier (1997) que observou em seu trabalho com repórteres de televisão que existe uma tendência clara em evitar mudanças bruscas na frequência e na intensidade da locução profissional.

Foram observadas, ainda, repetidas saliências sem finalidade informativa. Decidiu-se por definir esses realces como ênfases estilísticas, com o intuito de diferenciá-las das ênfases informativas. Como exemplos, encontraram-se repetidas ascendências melódicas e de intensidade no início do enunciado – provavelmente com o intuito de chamar a atenção do ouvinte para a mensagem que seria transmitida, o abaixamento desses parâmetros na última palavra de todas as frases e/ou no final da matéria, o prolongamento de uma sílaba ou a pronúncia silabada de uma palavra – possivelmente motivada por aspectos do controle motor da fala (pronúncia adequada para

facilitar a inteligibilidade e evitar erros na dicção), e variações melódicas aleatórias, apenas para variar a melodia – hipoteticamente para não deixar a locução monótona ou simplesmente porque o locutor sabe que tem que variar a narração. Vários desses aspectos também foram citados por alguns autores (Stier & Neto, 2003; Reis, 2005), sendo que Stier & Neto os denominou como “vícios jornalísticos”. Entretanto, esses autores colocam que esses vícios devem ser evitados, por serem artificios distantes da fala coloquial, podendo inclusive comprometer a compreensão. Stier & Neto (2003) elucidam bem esse ponto, dizendo que quando um repórter deixa de valorizar as próprias características e aleatoriamente constrói uma maneira artificial de falar, acaba apresentando formas inexpressivas tanto na voz quanto na maneira de narrar o *off*, distanciando-se do seu objetivo inicial que é o de reportar, contar um fato para alguém. Para eles, cada pessoa tem sua maneira própria de falar e ler; maneira essa que vai sendo desenvolvida a partir de todas as experiências pessoais e profissionais vividas pelo indivíduo, somadas à sua percepção que, aliadas ao domínio do conhecimento, a fazem criar maneiras de integrar o conteúdo e a forma. Logo, um repórter não pode e nem deve ser igual ao outro, ainda que exista um padrão técnico a ser seguido. Desenvolver o próprio estilo requer, muitas vezes, evitar seguir o modelo de outro profissional, tendo em vista que a comunicação é um processo dinâmico, com características e necessidades próprias de cada época.

Outros aspectos sobre a realização das ênfases também foram observados durante o levantamento da revisão de literatura, aspectos esses não analisados na presente pesquisa, mas de grande importância dentro do campo. É o caso da diferenciação da produção enfática entre homens e mulheres, já que, como descrito anteriormente, alguns autores afirmam que mulheres tendem a enfatizar as palavras de maneira mais exagerada que os homens (BOONE, 1996; COTES, 2000; STIER & NETO, 2003). A pausa e a velocidade de fala (BOONE, 1996; KYRILLOS et al., 2000; STIER & NETO, 2003) assim como a utilização de recursos não verbais (COTES, 2000; FEIJÓ,

2003; KYRILLOS, 2003), também foram aspectos citados como relevantes tanto para a produção enfática quanto para a caracterização da narração telejornalística. Outras variáveis também foram citadas como importantes na construção e narração de um texto são, por exemplo, o estilo das diferentes emissoras de televisão, diferentes telejornais, diferentes públicos, o tipo de notícia, a locução do repórter de telejornal x a locução do âncora (CORADI 2003; STIER & NETO, 2003). Como não foi possível realizar as verificações de todas as questões levantadas acima no presente estudo, ficam aqui algumas sugestões para pesquisas futuras, pois se acredita que a investigação desses aspectos seria de grande relevância para o tema abordado nessa pesquisa.

6 CONCLUSÕES

No presente estudo realizou-se a investigação prosódica da ênfase na locução de *offs* de notícias factuais de repórteres de telejornalismo. A partir dos resultados apresentados foi possível caracterizar alguns aspectos prosódicos dessa manifestação acentual.

A intensidade não foi um parâmetro importante na diferenciação da ênfase em relação às demais proeminências acentuais.

Em relação à análise da frequência fundamental, a direção do contorno melódico também não foi um parâmetro significativo para a produção enfática. Já a amplitude do intervalo melódico nos contornos melódicos ascendentes e descendentes, mostrou que, em contornos melódicos ascendentes, a tônica enfática foi aquela que apresentou a maior amplitude melódica, diferenciando-a da tônica rítmica e da tônica saliente. Entretanto, em contornos melódicos descendentes a amplitude melódica não foi um correlato de identificação da ênfase. Os parâmetros que se mostraram de grande importância para a caracterização da ênfase prosódica, independente da entonação melódica dada às sílabas proeminentes, foram os valores inicial e final de F0. Em todas as situações analisadas, o aumento de F0 inicial e final mostrou-se um correlato acústico fidedigno dessa manifestação acentual.

O parâmetro duração, apesar das variações encontradas, também se mostrou um aspecto importante na caracterização entonativa da ênfase telejornalística. Num geral, pode-se ressaltar que tanto o aumento da duração da sílaba quanto o aumento da duração vocálica tendem a

diferenciar a ênfase das demais proeminências; sendo que a primeira mostrou-se mais eficaz para a marcação enfática

Quanto às análises complementares, os dados mostraram que existem diferenças na comparação das identificações perceptivo-auditivas das ênfases entre juízes mais e menos experientes. Acredita-se ser relevante destacar esse resultado, tendo em vista que esse aspecto pode ser considerado nas decisões metodológicas de pesquisas futuras. Já em relação à identificação perceptivo-auditiva das sílabas salientes, essa diferença não foi encontrada entre os avaliadores muito e pouco experientes. Em relação à marcação da ênfase pelos avaliadores fonoaudiólogos, observou-se dificuldade na identificação isolada da sílaba enfática; achado esse que também poderá contribuir para futuros trabalhos na área.

Apesar de não ter sido possível, na presente pesquisa, a definição de um padrão de realização enfática no contexto comunicativo avaliado, o que necessitaria de pesquisas complementares, acredita-se que os resultados encontrados representam uma contribuição à lingüística e à fonoaudiologia quanto aos estudos entonativos da fala de profissionais que atuam com a comunicação oral. Para a lingüística, contribuiu-se para a compreensão do recurso da ênfase no texto jornalístico, enquanto que para a fonoaudiologia, no auxílio principalmente do diagnóstico e do trabalho de aperfeiçoamento da elocução telejornalística desses profissionais. Para futuras pesquisas, sugere-se uma investigação mais aprofundada da realização prosódica da ênfase dentro da locução telejornalística. O que esses estudos poderão mostrar é a correlação entre cada um dos parâmetros prosódicos com os vários processos de organização do texto noticioso.

REFERÊNCIAS

ALLEN, G.D. *Vowel duration measurement: a reliability study*. Journal of Acoustical Society of America, n.63, v.4, p. 1176-1185, apr, 1978.

ALVES, L. M. *O estudo entonativo da persuasão na fala do vendedor*. 133 fls, 2002. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2002.

ARAÚJO, D. L. *A língua falada na TV Texto falado ou escrito?* Linguagem & Ensino, Vol. 6, No. 1, 2003.

AUBERGÉ, V. *Prosodie et émotion*. Speech Prosody Conference. Aix-en-Provence, 2002.

BAHIA, J. *Jornal, história e técnica*. In: *As técnicas do jornalismo*. Volume II: 4ª ed. São Paulo: Ática, 1990.

BEHLAU, M (org). *Voz: o livro do especialista*. Rio de Janeiro: Revinter, v.1, 2001.

BEHLAU, M; PONTES, P. *Avaliação e tratamento das disfonias*. São Paulo: Lovise, 1995.

BEUTNMÜELLER, G. *Locução em televisão*. Rio de Janeiro: Enelivros, 1981.

BERTOSSI, L.S. – *Da televisão ao telespectador: repensando o trabalho fonoaudiológico na voz profissional* – Mestrado em Distúrbios da Comunicação. São Paulo: PUC, 1999.

BOLINGER, D.L.M. *Around the edge of language: intonation*. IN: BOLINGER, D. (ed.) *Intonation*. Middlesex: Penguin. 1972.

BOLINGER, D.L.M. *Intonation and Its Parts: melody in grammar and discourse*. London: Edward Arnold. 1986.

BOONE, D. *Sua voz está traindo você?* Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BOUZON, C.; HIRST, D. *The influence of prosodic factors on the duration of words in British English*. *Speech Prosody*, p 191-194, 2002.

BRAZIL, D. *The communication value of intonational in english*. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1997.

BROW, G.; CURRIE, K.; KENWORTHY, J. Questions of intonation. London: Croom Helm, 1980 apud GUAITELLA, I. Rhythm in speech: *What rhythmic organizations reveal about cognitive processes in spontaneous speech production versus read aloud*. *Journal of Pragmatics*. V. 31, n. 4, p. 509-523, 1999.

CAGLIARI, L.C. Aspectos Acústicos da Entonação do Português Brasileiro. IN: CAGLIARI, L.C. *Linguagem Oral, Linguagem Escrita*. Uberaba: 1983.

CAGLIARI, L.C. *Prosódia: algumas funções dos supra-segmentos*. Cadernos de estudos Lingüísticos. n 23. Campinas, UNICAMP, jul/dez. 1992.

CAGLIARI, L.C. Da Importância da Prosódia na Descrição de Fatos Gramaticais. In: ILARI, R. (Org.). *Gramática do Português Falado*. São Paulo: Editora Nacional, 1993.

CAGLIARI, L.C. *Dossiê da Prosódia*. 2002. no prelo

CAMPBELL, N. Prosodic encoding of English speech. IN: *ICSLP 92 Proceedings*, pp. 663-666. Edmonton, Alberta: University of Alberta, 1992.

CAMPBELL, N. Loudness, spectral tilt, and perceived prominence in dialogues. IN: *Proceedings ICPhS 95*, pp. 676-679. Stockholm: Department of Speech Communication and Music Acoustics, KTH and Department of Linguistics, Stockholm University, 1995.

CAMPOS, P. C. *Introdução ao Telejornalismo*. Unesp, Bauru, 2003. Disponível em: <http://webmail.faac.unesp.br/~pcampos/Introducao%20ao%20Telejornalismo.htm> - acesso em: 14/07/06.

CASOL, M. *Atuação fonoaudiológica na voz do repórter de TV*. *Revista Fonoaudiologia-Brasil*. v 2, n 1. Brasília, junho, 2002; 19-27.

CELIK, M. *Teaching English Intonation to EFL/ESL Students*. The Internet TESL Journal, vol. VII, n. 12, dec, 2001. Disponível em: <http://iteslj.org/Techniques/Celik-Intonation.html> - acesso em 20/07/06.

CHAFE, W. L. *Language and memory*. Language, 49:261-281, 1973.

CHAFE, W. L. *Language and consciousness*. Language, 50: 111-133, 1974.

CHAFE, W. L. Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects, topics, and point of view. 1976. IN Li, C. (ed). *Subject and Topic*, Academic Press. New York. p 25–55.

COLEMAN, H. O. *Intonation and emphasis*. Miscellanea Phonetica 1, 6-26. 1914.

COOPER, M. *Vencendo com a sua voz*. São Paulo: Manole, 1991.

COUPER-KUHLEN, E.; SELTING, M. Towards an interactional perspective on prosody and a prosodic perspective on interaction. IN: COUPER-KUHLEN, E.; SELTING, M. *Prosody in conversation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

CORADI, C. A. – *Estudo Prosódico da Saudação Inicial na Fala do operador de Telemarketing Ativo*. Mestrado em Linguística. UFMG. Belo Horizonte, 2003.

COTES, C. *Apresentadores de telejornal: análise descritiva dos recursos não-verbais e vocais durante o relato da notícia*. Mestrado em Fonoaudiologia. Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2000.

CRUTTENDEN, A. *Intonation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

CRYSTAL, D. *Prosodic Systems and Intonation in English*. Cambridge: The Cambridge University, 1969.

CUTLER, A.; ISARD, S. D. The Production of Prosody. IN: *Language Production / Speech and Talk*. Edited by Brian Butterworth, Academic Press: London, 1980.

DANES, F. *Order of elements and sentence intonation*. To Honour Roman Jakobson, I, La Haya, Mouton, 1967. 499-512.

DIAS, A. R. F. *O discurso da violência: as marcas da oralidade no jornalismo popular*. São Paulo: Cortez, 1996.

DEZINCOURT, E. *Luz, Câmera, Ação!* Fonoaudiologia conquista os palcos e a telinha. In: *Jornal do CFFa. Conselho de Fonoaudiologia. Brasília – Ano VIII – Nº 18 – Julho/Agosto/Setembro de 2003.*

FEIJÓ, D. Avaliando a comunicação oral. IN: KYRILLOS, L. R. (Org.). *Fonoaudiologia e Telejornalismo: relatos de experiências na Rede Globo de Televisão*. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.

FRANÇA, M. A. Voz em telejornalismo. Fonoaudióloga e repórteres de TV. IN: KYRILLOS, L. R. (Org.). *Fonoaudiologia e telejornalismo: relatos de experiências na Rede Globo de Televisão*. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.

FROTA, S. *The Prosody of focus: A case-study with cross-linguistic implications*. Speech Prosody Conference, 2002.

GALLOIS, S., CALLAN, V. J. – Decoding Emotional Messages: Influence of Ethnicity, Sex, Message Type, and Channel. IN: *Journal of Personality and Social Psychology*, 1986.

GAMA, A.C.C. Caracterização do Padrão de Emissão Espontânea e Profissional no Telejornalismo. IN: KYRILLOS, L. R. (Org.). *Fonoaudiologia e telejornalismo: relatos de experiências na Rede Globo de Televisão*. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.

GRAHAM, R. *Intonation and emphasis in Spanish and English*. *Hispania*, vol. 61, n. 1.1978.

GRAMMOUNT, M. Groupements et combinaisons de phonemes: La Syllabe. IN: GRAMMONT, M. *Traité de Phonétique*. Paris: Librairie Delagrave, 1965.

GIMSON, A. C. *An Introduction to the pronunciation of English*. London: Edward Arnold, 2 ed, 1970.

GONÇALVES, C. A. V. *Focalização no Português do Brasil*. Tese de Doutorado. UFRJ, 1997.

HALLIDAY, M.A.K. *A Course in Spoken English: intonation*. Oxford University Press, London. 1970.

HALLIDAY, M.A.K. *Intonation and grammar in british English*. Mouton: The Hague, 1967.

HELDNER, M.; STRANGERT, E. *To what extent is perceived focus determined by f0-cues?* IN: Eurospeech. Proceedings, pp. 875-877. Rhodes, Greece: ESCA, 1997.

HELDNER, M. *On the reliability of overall intensity and spectral emphasis as acoustic correlates of focal accents in Swedis*. Journal of Phonetics, 31, 2003.

HEMPHILL, G. *Accent, stress and emphasis*. College English, Vol. 17, n. 6, 1956.

HIRST, D. *Intonational in British English*. IN: HIRST, D.; DI CRISTO, A. (eds) *Intonational systems*. Cambridge: Cambridge University Press. 1998.

HIRST, D.; DI CRISTO, A. (eds) *Intonational systems*. Cambridge: Cambridge University Press. 1998.

JESPERS, J-J. *Jornalismo televisivo*. Trad. Rita Amaral. Coimbra: Minerva, 1998.

JONES, D. *An outline of English phonetics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1918.

KNAPP, M. L. e HALL, A. J. *Comunicação Não Verbal na Interação Humana*. Ed. JSN, São Paulo, 1999.

KYRILLOS, L. R. *A Comunicação na Televisão: Reflexões a partir do trabalho realizado com repórteres*. IN: FERREIRA, L. P.; OLIVEIRA, I. B.; QUINTEIRO, E. A.; MORATO, E. M. (Org.). *Voz profissional: Profissional da voz*. Carapicuíba: Pró-Fono Departamento Editorial, 1995.

KYRILLOS, L.C.R., MERCATELLI, C.R., COELHO, R.R., DONEGÁ, R.S., PEREIRA, M.J., SANTOS, T. M., VIOLA, I. C. *Análise Comparativa da Comunicação de Repórteres de Televisão em Emissão Espontânea e Profissional*. IN: FERREIRA, L.P., COSTA, H.O. *Voz Ativa*. São Paulo: Roca, 2000.

KYRILLOS, L. R. (Org.). *Fonoaudiologia e Telejornalismo: relatos de experiências na Rede Globo de Televisão*. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.

LADD, R. *Intonational Phonology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

LADD, R.; MORTON, R. *The perception of intonational emphasis : continuous or categorical?* Journal of Phonetics. 1997.

LADEFOGED, P.A. *Course in Phonetics*. New York: Harcourt Brace Jovanovich, Inc. 1975

LAKS, B. A Connectionist Account of French Syllabification. *Lingua*, France, v. 95, 1995.

LAVER, J. – Voice Quality and Indexical Information, 1968, IN: LAVER, J. – *The Gift of Speech*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1991.

LAVER, J. *Principles of phonetics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

LEHISTE, I. *Suprasegmentals*. 2 ed. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1977.

LEITE, S. Fonoaudiologia básica para repórteres e apresentadores. IN: *Manual de treinamento para repórteres e apresentadores de televisão*. São Paulo. Central Globo de Jornalismo; 1998.

LIBERMAN, M. *The Intonational System of English Garland*. New York & London, 1979.

LOPEZ, D. C. *A simulação da oralidade no telejornalismo brasileiro*. Revista PJ: Br - Jornalismo Brasileiro - Edição 4 – 2º semestre de 2004. Disponível em: <http://www.eca.usp.br>. - acesso em: 14/07/06.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

MEDEIROS, B. R.; MAKINO, M. S; *Padrões de pitch em palavras em sentenças com foco em português brasileiro*. Estudos Lingüísticos XXX CD Rom, 2001.

MEDRADO, B. Textos em cena: a mídia como prática discursiva. IN: SPINK, M. J. *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano*. São Paulo: Editora Cortez, 2000.

MEYNADIER, Y. *La syllabe Phonétique et Phonologique: une introduction*. Travaux Interdisciplinaires du Laboratoire Parole et Language, v. 20, 2001.

MITCHELL, S. A. The professional speaking voice. IN: BENNINGER, M.S.; JACOBSON, B.H.; JOHSON, AF.. *Vocal arts medicine – the care and prevention of professional voice disorders*. New York: Thieme Medical Publishers, 1994.

MORAES, J. *A Entonação Modal Brasileira: fonética e fonologia*. Caderno de Estudos Linguísticos, Campinas, v.25: p. 101-111,1993.

MORAES, J. Intonation in Brazilian Portuguese. IN: *Intonation Systems*. London. Cambridge University Press, 1998.

MORATO, E. M.; FREITAS, M. S. *Algumas questões sobre prosódia no contexto neurolinguístico*. Caderno de Estudos Linguísticos. Campinas, n. 25, jul./dez., p. 161-173, 1993.

MOREY, D. *Como falar ao telefone*. Traduzido do original Phone Power. Editora Market Books do Brasil Ltda, 1999.

MORLEC, Y.; BAILLY, G.; AUBERGÉ, V. *Generating prosodic attitudes en French: Data, model and evaluation*. Speech Prosody Conference. Aix-en-Provence, 2002.

MOZZICONACCI, S. *Emotion and attitude conveyed in speech by means of prosody*. Speech Prosody Conference. Aix-en-Provence, 2002.

NOGUEIRA, A. L. F. R. *Análise da Constituição do Estilo Oral por Locutores Radialistas: um estudo fonético-acústico comparativo* Mestrado em Distúrbios da Comunicação. São Paulo: PUC, 1996.

PANICO, A. C. B.; FUKUSIMA, S. S. Confiabilidade – Traços acústicos que a caracterizam e como desenvolvê-los. IN: KYRILLOS, L. R. (Org.). *Fonoaudiologia e Telejornalismo: relatos de experiências na Rede Globo de Televisão*. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.

PICKETT, J.M. Prosodic and Tonal Feature. In: *The Acoustics of Speech Communication: fundamentals, speech perception theory, and technology*. USA: Allyn and Bacon, 1999.

PIERREHUMBERT, J. *The Phonology and Phonetics of English Intonation*. Bloomington: Massachusetts Institute of Technology, 1980. 302p. (Dissertation, Degree of Doctor of Philosophy).

PIKE, K.L. *The Intonation of American English*. Ann Arbor: The Michigan University Press, 1945. 106 p.

REIS, C. Prosódia e telejornalismo. IN: GAMA, A. C. C.; KYRILLOS, L.; FEIJÓ, D. (Org.). *Fonoaudiologia e Telejornalismo*. Relatos do IV encontro nacional de Fonoaudiologia da Central Globo de Jornalismo. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.

ROACH, P. *A little encyclopaedia of phonetics*. 2002. Disponível em: <http://www.personal.rdg.ac.uk/~llsroach/encyc.pdf> - acesso em 16/03/2007.

RUSSO, I.; BEHLAU, M. *Percepção da fala: análise acústica do português brasileiro*. São Paulo: Lovise, 1993.

SALES, N. *Atuação fonoaudiológica e médica com telejornalistas*. 1999. Disponível em: <http://www.fonoaudiologia.com> - acesso em: 12/02/2007.

SAMPAIO, W. – *Jornalismo Audiovisual: rádio, TV e cinema*. Petrópolis: Editora Vozes, 1971.

SAPIR, E. – Speech as a personality Trait, 1927. IN: LAVER, J. & HUTCHESON, S. (orgs.) *Communication in Face to Face Interaction*. Great Britain: Penguin Books, p. 71-81, 1972.

SATALOFF, R. T.; SPIELGEL, J. R.; HAWKSHAW, M. J.; HEUER, R. J. Professional voice users: obtaining the history. IN: BENNINGER, M. S.; JACOBSON, B. H.; JOHNSON, A. F. *Vocal arts medicine – the care and prevention of professional voice disorders*. New York: Thieme Medical Publishers, 1994.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1972. Título Original: Cours de linguistique Générale, 1916.

SLUIJTER, A.; VAN HEUVEN, V. Acoustic correlates of linguistic stress and accent in Dutch and American English. In *Proceedings ICSLP 96*, pp. 630-633. Philadelphia: Applied Science and Engineering Laboratories, Alfred I. duPont Institute, 1996.

STETSON, R. H. *Motor Phonetics*. Archives néerlandaises de phonétique expérimentale. The hauge, 2 ed. Amsterdam, 1951.

STIER, M. A. *A voz profissional do repórter de televisão*. São Paulo: Monografia (Especialização em Voz) - Centro de Estudos da Voz, 1997.

STIER, M. A, NAVARRO, C. *Vocal preparation of female tv reporters in the beginning of their career*. IN: Anais World Voice Congress, 2º, 1999.

STIER, M. A.; BEHLAU, M. *Voz Profissional do Repórter de TV*. In: BEHLAU, M. (Org.). *A Voz do Especialista*. Rio de Janeiro: Revinter, 2001.

STIER, M. A; NETO, B. C. *Oficina de narração*. IN: KYRILLOS, L. R. (Org.). *Fonoaudiologia e telejornalismo: relatos de experiências na Rede Globo de Televisão*. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.

STREEFKERK, B.M., POLS, L.C.W. & TEN BOSCH, L.F.M. *Acoustical features as predictors for prominence in read aloud Dutch sentences used in ANN's*. Proc. EUROSPEECH '99, Budapest, Vol. 1, 551--554, 1999.

STREEFKERK, B.M.,. *Prominence. Acoustic and lexical/syntactic correlates*. Proceedings of the Institute of Phonetic Sciences of the University of Amsterdam 25: 207-209. 2003.

TENCH, P. *The Roles of Intonation in English Discourse*. Verlag Peter Lang GmbH. Frankfurt, 1990.

VALENTE, P. *Aspectos Prosódicos da Leitura Oral*. Mestrado em Lingüística. UFMG. Belo Horizonte, 2003.

VALIM, M. *Anos 50 - A história da televisão no Brasil*. 1998. Disponível em: <http://www.tudosobretv.com.br/histortv/historbr.htm#>, acesso em: 14/07/06.

WICHMANN, A. *The attitudinal effect of prosody, and how they relate to emotion*. Speech Prosody Conference Aix-en-Provence, 2002.

WIGHTMAN, C. W.; OSTENDORF, M. *Automatic labeling of prosodic patterns*. IEEE Transactions on Speech and Audio Processing, 2(4), 1994.